

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM SEGURANÇA PÚBLICA, CIDADANIA E
DIREITOS HUMANOS**

MIGUEL JAIME DOS SANTOS AGRA

**TRÁFICO DE COCAÍNA NA CIDADE DE MANAUS:
CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS E ENCARCERAMENTO**

**MANAUS – AM
2014**

MIGUEL JAIME DOS SANTOS AGRA

**TRÁFICO DE COCAÍNA NA CIDADE DE MANAUS:
CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS E ENCARCERAMENTO**

Dissertação apresentada à banca examinadora para defesa de mestrado do Programa de Mestrado Profissional em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos da Universidade do Estado do Amazonas como pré-requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Edson Damas da Silveira

**MANAUS – AM
2014**

Catálogo na fonte

Elaborada pela Universidade do Estado do Amazonas/UEA

- | | |
|-------|---|
| A277t | <p>Agra, Miguel Jaime dos Santos</p> <p>Tráfico de cocaína na cidade de Manaus: condições socioeconômicas e encarceramento / Miguel Jaime dos Santos Agra. – Manaus: Universidade do Estado Amazonas, 2014.</p> <p>89 fls.: il; 30 cm</p> <p>Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos da Universidade do Estado do Amazonas – UEA.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Edson Damas da Silveira</p> <p>1. Tráfico de cocaína. 2. Cidade de Manaus. 3. Encarceramento. I. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU 343.575</p> |
|-------|---|

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
Av. Castelo Branco, 670 – Cachoeirinha
Cep. 69027-170 – Manaus-Am.

TERMO DE APROVAÇÃO

MIGUEL JAIME DOS SANTOS AGRA

TRÁFICO DE COCAÍNA NA CIDADE DE MANAUS: CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS E ENCARCERAMENTO

Dissertação apresentada à banca examinadora para defesa de mestrado do Programa de Mestrado Profissional em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos da Universidade do Estado do Amazonas como pré-requisito para obtenção do título de Mestre.

Manaus, 17 de outubro de 2014.

Prof. Dr. Edson Damas da Silveira – Presidente
Universidade do Estado do Amazonas

Prof. Dr. Erivaldo Cavalcanti e Silva Filho – Membro
Universidade do Estado do Amazonas

Prof. Dr. Antônio Gelson de Oliveira Nascimento – Membro
Universidade do Estado do Amazonas

**MANAUS – AM
2014**

RESUMO

O objetivo da pesquisa é estudar a relação entre a criminalidade e as variáveis socioeconômicas dos agentes encarcerados por tráfico de cocaína na cidade de Manaus. As variáveis foram levantadas em entrevistas com os réus e em consulta aos processos criminais no curso das audiências de instrução e julgamento realizadas na 3ª Vara Especializada em Crimes de Uso e Tráfico de Entorpecentes durante o período de maio de 2012 a janeiro de 2013. O teste estatístico utilizado é o denominado Teste exato de Fisher não paramétrico, o que possibilitou a realização de cruzamentos entre as variáveis categorizadas em um nível de confiança de 95% e uma significância de 5% consequentemente. As hipóteses definidas foram duas: (a) as proporções de uma variável condicionada a um nível da outra são iguais, ou seja, não existe influência de uma sobre a outra; (b) as proporções de uma variável condicionada a um nível da outra são diferentes, ou seja, existe influência de uma sobre a outra. O trabalho é de natureza metodológica descritiva e se desenvolve a partir do referencial teórico de Alessandro Baratta (2002), fundado na Criminologia Crítica em que são examinados os paradigmas do tráfico de cocaína e do encarceramento.

PALAVRAS-CHAVE: Tráfico. Cocaína. Manaus.

ABSTRACT

The aim is to study the relationship between crime and socioeconomic variables of the agents jailed for cocaine trafficking in the city of Manaus. Variables were raised in interviews with defendants and consultation to criminal proceedings in the course of the hearings and trial conducted in the 3rd Specialized Court for Crimes of Use and Trafficking of Narcotics during the period between May 2012 and January 2013. The statistical test used is called the Fisher exact test non-parametric, allowing the realization of crosses between categorical variables at a confidence level of 95% and a 5% significance accordingly. The hypotheses were defined two: (a) the proportions of a subject to a level of the other variable are equal, i.e., there is no influence of one over the other; (b) the proportions of a subject to a variable level are different from each other, ie, there is an influence over the other. The work is descriptive in nature and methodology developed from the theoretical framework of Alessandro Baratta (2002) grounded in critical criminology are examined in which the paradigms of cocaine trafficking and imprisonment.

KEYWORDS: Traffic. Cocaine. Manaus.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Gráfico de Barra da Variável Unidade Prisional.....	37
Gráfico 2 – Gráfico de Barra da Variável Reincidência pelo Mesmo Crime	38
Gráfico 3 – Gráfico de Barra da Variável Reincidência por Qualquer Crime	39
Gráfico 4 – Gráfico de Barra da Variável Gênero.....	40
Gráfico 5 – Gráfico de Barra da Variável Escolaridade	41
Gráfico 6 – Gráfico de Barra da Variável Estado Civil.....	42
Gráfico 7 – Gráfico de Barra da Variável Zona na qual Ocorreu o Crime	43
Gráfico 8 – Gráfico de Barra da Variável Zona de Moradia do Réu	44
Gráfico 9 – Gráfico de Barra da Variável Usuário de Drogas	45
Gráfico 10 – Gráfico de Barra da Variável Sustento do Lar	46
Gráfico 11 – Gráfico de Barra da Variável Idade por Faixa Etária na Coleta	47
Gráfico 12 – Gráfico de Barra da Variável Idade por Faixa Etária no Momento do Crime.....	48
Gráfico 13 – Gráfico de Barra da Variável Quantidade de Filhos por Classe.....	49
Gráfico 14 – Gráfico de Barra da Variável Renda Familiar por Classe	50
Gráfico 15 – Gráfico de Barra da Variável Quantidade de Pessoas por Residência em Classe	51
Gráfico 16 – Gráfico de Barra da Variável Réu por Processo	52
Gráfico 17 – Gráfico de Barra da Variável Período do dia da Ocorrência	53
Gráfico 18 – Gráfico de Barra da Variável Tipo de Droga Apreendida.....	54
Gráfico 19 – Gráfico de Barra Sobreposta do Cruzamento das Variáveis Gênero e Tipos de Drogas	55
Gráfico 20 – Gráfico de Barra Sobreposta do Cruzamento entre as Variáveis Gênero e Reincidência Específica	56
Gráfico 21 – Gráfico de Barra Sobreposta do Cruzamento entre as Variáveis Tipo de Droga e Período do Dia.....	57
Gráfico 22 – Gráfico de Barra Sobreposta do Cruzamento entre as Variáveis Tipo de Droga e Renda Familiar	58
Gráfico 23 – Gráfico de Barra Sobreposta do Cruzamento entre as Variáveis Tipo de Droga e Sustento do Lar	59
Gráfico 24 – Gráfico de barras sobrepostas para o cruzamento entre a variável Reincidência Específica e Período do dia	60
Gráfico 25 – Gráfico de barras sobrepostas para o cruzamento entre as variáveis Reincidência Específica e Tipo de Droga.....	61
Gráfico 26 – Gráfico de barras sobrepostas para o cruzamento entre as variáveis Renda Familiar (salário mínimo) e Reincidência Específica	62

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Frequência da Variável Unidade Prisional	36
Tabela 2 – Frequência da Variável Reincidência pelo Mesmo Crime	37
Tabela 3 – Frequência da Variável Reincidência por Qualquer Crime	38
Tabela 4 – Frequência da Variável Gênero	39
Tabela 5 – Frequência da Variável Escolaridade	40
Tabela 6 – Frequência da Variável Estado Civil.....	41
Tabela 7 – Frequência da Variável Zona na qual Ocorreu o Crime	42
Tabela 8 – Frequência da Variável Zona de Moradia do Réu	43
Tabela 9 – Frequência da Variável Usuário de Drogas	44
Tabela 10 – Frequência da Variável Sustento do Lar	45
Tabela 11 – Frequência da Variável Idade por Faixa Etária na Coleta.....	46
Tabela 12 – Frequência da Variável Idade por Faixa Etária no Momento do Crime.....	47
Tabela 13 – Frequência da Variável Quantidade de Filhos por Classe	48
Tabela 14 – Frequência da Variável Renda Familiar por Classe.....	49
Tabela 15 – Frequência da Variável Quantidade de Pessoas por Residência em Classe	50
Tabela 16 – Frequência da Variável Réu por Processo.....	51
Tabela 17 – Frequência da Variável Período do dia da Ocorrência	52
Tabela 18 – Frequência da Variável Tipo de Droga Apreendida	53
Tabela 19 – Cruzamento entre as Variáveis Gênero e Tipos de Drogas	54
Tabela 20 – Cruzamento entre as Variáveis Gênero e Reincidência Específica	56
Tabela 21 – Cruzamento entre as Variáveis Tipo de Droga e Período do Dia ..	57
Tabela 22 – Cruzamento entre as Variáveis Tipo de Droga e Renda Familiar..	58
Tabela 23 – Cruzamento entre as Variáveis Tipo de Droga e Sustento do Lar.	59
Tabela 24 – Cruzamento entre a variável Reincidência Específica e Período do dia	60
Tabela 25 – Cruzamento entre as variáveis Reincidência Específica e Tipo de Droga	61
Tabela 26 – Cruzamento entre as variáveis Renda Familiar (salário mínimo) e Reincidência Específica	62

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: DESCRIÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO	12
1.1 DADOS DA PESQUISA	12
1.1.1 Local de coleta dos dados.....	12
1.2 DESCRIÇÃO DOS PARÂMETROS UTILIZADOS NA PESQUISA.....	12
1.3 DELIMITAÇÃO DA SUBSTÂNCIA	13
1.4 PROCESSOS.....	14
1.5 ENTREVISTADOS (RÉUS).....	14
1.6. COLETA DE DADOS	14
CAPÍTULO 2: A CRIMINOLOGIA CRÍTICA	15
CAPÍTULO 3: O TRÁFICO DE DROGAS	20
3.1 EPISTEMOLOGIA.....	20
3.2 ORIGEM DA COCAÍNA.....	21
3.3 COMPOSIÇÃO DA COCAÍNA E SEUS EFEITOS.....	22
3.4 PADRÕES DE USO DA COCAÍNA.....	23
3.5 DINÂMICA DO TRÁFICO.....	23
CAPÍTULO 4: O SISTEMA PRISIONAL	26
4.1 ORIGEM.....	26
4.2 MODELOS PENITENCIÁRIOS	27
4.3 O MODELO PENITENCIÁRIO NO BRASIL	29
4.4 AS PRISÕES CONTEMPORÂNEAS SEGUNDO MICHEL FOUCAULT	29
4.5 ANÁLISE COMPARADA DO SISTEMA PRISIONAL DE LOIC WACQUANT	32
CAPÍTULO 5: ANÁLISES E RESULTADOS DAS CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS E DO ENCARCERAMENTO	35
5.1 MÉTODOS DE ANÁLISE	35
5.1.1 Amostragem e erro amostral	35
5.1.2 Análise Inferencial e de cruzamentos	36
5.1.2.1 Análise Descritiva	36
5.1.2.1.1 <i>Análise descritiva dos réus</i>	36
5.1.2.1.1.1 Variável unidade de custódia	36
5.1.2.1.1.2 Variável reincidência pelo mesmo crime	37
5.1.2.1.1.3 Variável reincidência por qualquer crime.....	38

5.1.2.1.1.4 Variável gênero	39
5.1.2.1.1.5 Variável escolaridade	40
5.1.2.1.1.6 Variável estado civil.....	41
5.1.2.1.1.7 Variável zona na qual ocorreu o crime	42
5.1.2.1.1.8 Variável zona de moradia do réu.....	43
5.1.2.1.1.9 Variável usuário de drogas.....	44
5.1.2.1.1.10 Variável sustento do lar	45
5.1.2.1.1.11 Variável idade na coleta	46
5.1.2.1.1.12 Variável idade no fato.....	47
5.1.2.1.1.13 Variável quantidade de filhos	48
5.1.2.1.1.14 Variável renda familiar.....	49
5.1.2.1.1.15 Variável idade no fato.....	50
5.1.2.1.2 Análise descritiva dos Processos	51
5.1.2.1.2.1 Variável quantidade de réus.....	51
5.1.2.1.2.2 Variável período do dia.....	52
5.1.2.1.2.3 Variável tipo de droga.....	53
5.1.2.1.3 <i>Cruzamentos</i>	54
5.1.2.1.3.1 Gênero vs Tipos de Droga	54
5.1.2.1.3.2 Gênero vs Reincidência Específica.....	56
5.1.2.1.3.3 Tipo de Droga vs Período do dia.....	57
5.1.2.1.3.4 Tipo de Droga vs Renda Familiar.....	58
5.1.2.1.3.6 Período do dia vs Reincidência Específica.....	60
5.1.2.1.3.7 Tipo de Drogas vs Reincidência Específica	61
5.1.2.1.3.8 Renda Familiar (salário mínimo) vs Reincidência Específica	62
5.1.2.1.4 <i>Amostragem e erro amostral</i>	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	67
ANEXO A – DADOS REFERENTES AOS PROCESSOS	69
ANEXO B – DADOS REFERENTES AOS RÉUS	79

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata da relação entre a criminalidade e as variáveis socioeconômicas dos agentes encarcerados por tráfico de cocaína na cidade de Manaus.

A criminalidade, no curso da história, se mostra como um entreve social. Inúmeros são os fatores que influenciam diretamente no seu aumento progressivo ou geométrico, o que passou a ser, a partir da década de 80, no cenário nacional, objeto de muitos estudos, inclusive sob o enfoque criminológico, com base nas mais diversas teorias.

E não é diferente na cidade de Manaus, principalmente em razão de sua localização estratégica para a rota do tráfico de drogas, uma vez que o Estado do Amazonas faz fronteira com um dos maiores produtores de droga, a Colômbia.

A dinâmica do tráfico de drogas depende da conjugação de uma variedade de elementos. Para cada espécie de droga, há um padrão diferente, o que pode mudar quando relacionado às variáveis socioeconômicas, a exemplo da escolaridade, idade, gênero, renda familiar, entre outras.

O tráfico de drogas em Manaus é marcado pelo comércio ilegal de cocaína e maconha. Outras espécies de entorpecentes, como drogas sintéticas, ainda quase não se notam, tanto é que todos os processos pesquisados estavam relacionados à cocaína ou à maconha.

O comércio ilegal de cocaína é altamente lucrativo, até mesmo pela possibilidade de derivação de seu princípio ativo. Crack, merla e ox são típicos exemplos de drogas derivadas do princípio ativo da cocaína.

Para a pesquisa, não se consideram as derivações, mas tão somente o princípio ativo da cocaína, conforme os laudos definitivos de constatação da droga expedidos pelo Instituto de Criminalística do Amazonas, integrante da estrutura da Polícia Civil do Estado.

O trabalho foi dividido em cinco capítulos. No primeiro, será realizada a descrição da pesquisa de campo. No segundo capítulo, passa-se a descrever o referencial teórico. Já no terceiro, discorre-se sobre os paradigmas do tráfico de drogas, especificamente, da cocaína. O quarto trata das finalidades e fundamentos

do encarceramento. Por fim, no quinto capítulo, cuida-se da análise e dos resultados das variáveis socioeconômicas obtidos com base em testes estatísticos.

Na pesquisa de campo, foram examinados 200 processos e foram entrevistados 271 réus no período de maio de 2012 a janeiro de 2013, durante a realização de audiências de instrução e julgamento na 3ª Vara Especializada em Crimes de Uso e Tráfico de Entorpecentes.

O referencial teórico do trabalho é pautado na Criminologia Crítica de Alessandro Baratta (2002), que representa uma mudança de paradigma frente aos preceitos da Criminologia Tradicional. A crítica busca compreender o processo de criminalização, inclusive do ponto de vista das violências institucionais, ao passo que a tradicional pretende entender a criminalidade destinada ao sistema criminal, excluindo este da análise.

O método utilizado é o descritivo, com base em análises estatísticas realizadas por meio do Teste exato de Fisher não paramétrico. A partir de então, foram realizados cruzamentos entre as variáveis categorizadas em um nível de confiança de 95% e uma significância de 5% consequentemente.

Assim, o objetivo do trabalho é reunir, analisar e compreender a relação dos agentes envolvidos no tráfico varejista de cocaína com as instituições do Estado e o processo de criminalização, através da análise das variáveis socioeconômicas dos entrevistados, os quais foram presos em flagrante.

CAPÍTULO 1: DESCRIÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO

1.1 DADOS DA PESQUISA

1.1.1 Local de coleta dos dados

A análise de todos os processos, assim como as entrevistas com todos os réus, foi realizada integralmente na 3ª Vara Especializada em Crimes de Uso e Tráfico de Entorpecentes, no Fórum Henoch Reis, localizado na Avenida Umberto Calderaro, s/n – São Francisco, Manaus – Amazonas.

As audiências foram presididas pelo Juiz de Direito Carlos Henrique Jardim da Silva, que viabilizou todo o desenvolvimento da pesquisa, assim como participou diretamente da pesquisa de campo, inclusive facilitando as entrevistas com os réus.

1.2 DESCRIÇÃO DOS PARÂMETROS UTILIZADOS NA PESQUISA

A pesquisa foi realizada a partir de dados coletados em audiências de instrução e julgamento, no período de maio de 2012 a janeiro de 2013, interregno em que foi autorizado pelo Juízo o desenvolvimento do trabalho. Os dados foram retirados dos processos criminais, embora algumas perguntas tenham sido feitas diretamente aos entrevistados.

No início das entrevistas, alguns entrevistados demonstravam resistência em responder as perguntas por imaginarem que de algum modo o que fosse dito poderia repercutir negativamente no processo criminal, por mais que o autor da pesquisa esclarecesse que se tratava de um trabalho científico relacionado a um programa de mestrado da Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

Nesses casos, havia a necessidade de o Juiz de Direito Carlos Jardim explicar a finalidade das perguntas e que o que fosse respondido não influenciaria no resultado do processo criminal, nem mesmo seria transcrito para a ata de audiência, além de que as suas identidades seriam mantidas em sigilo.

As variáveis levantadas estão relacionadas ao réu ou ao processo. Quanto ao réu, são elas: unidade de custódia, reincidência pelo mesmo crime, reincidência por crimes diferentes, gênero, escolaridade, estado civil, zona na qual ocorreu o

crime, zona de moradia do réu, usuário de drogas, sustento do lar, idade na coleta, idade no fato, filhos, renda familiar. Por outro lado, quanto ao processo, são: réu por processo, período do dia, usuário de droga.

Os cruzamentos foram realizados entre as variáveis gênero e tipo de droga, gênero e reincidência pelo mesmo crime, tipo de droga e período do dia, tipo de droga e renda familiar, tipo de droga e sustento do lar.

Mesmo após o término das entrevistas, verificou-se a necessidade de revisar todos os dados, o que foi realizado por meio da consulta individual a todos os processos criminais, a fim de validar as informações coletadas durante as audiências e diminuir a margem de erro nas anotações.

1.3 DELIMITAÇÃO DA SUBSTÂNCIA

O Departamento de Polícia Técnico-Científica da Polícia Civil do Amazonas – DPTC-PCAM utiliza, para extração do alcaloide de cocaína, as sistemáticas e técnicas clássicas de separação e identificação de substâncias.

O material objeto de análise laboratorial é submetido à inspeção para caracterização de seu aspecto físico, sendo em seguida homogeneizado e fracionado para a realização das análises de teste de Scott (teste de cor baseado na reação com tiocianato de cobalto em meio ácido), de Scott Modificado (teste de cor baseado em reação com tiocianato de cobalto em meio ácido e clorofórmio), de Cromatografia em Camada Delgada – CCD (sistema eluente A – ciclohexano: tolueno: dietilamina (75:15:10), Revelador químico – solução de iodo platinato acidificado; sistema de eluente B – metanol: hidróxido de amônio (100:1,5), Revelador químico – solução de iodo platinato acidificado).

O laudo definitivo elaborado pelo DPTC-PCAM responde, em regra, os seguintes quesitos: a) trata-se de substância entorpecente legalmente proibida?; b) trata-se de substância que determine dependência física ou psíquica?; c) qual a quantidade apresentada?; d) menciona outras informações que subsidiem a tipificação ou outros fatos inerentes ao delito, bem como outros fatos que os experientes peritos entenderem relevantes ao caso apresentado.

1.4 PROCESSOS

Durante a pesquisa, foram analisados 200 (duzentos) processos, dentre os quais 142 (cento e quarenta e dois) tinham como réu apenas um acusado; 48 (quarenta e oito), dois acusados; 7 (sete), três acusados; 3 (três), quatro acusados.

Todos os processos judiciais analisados são virtuais e de competência criminal do Juízo da 3ª Vara Especializada em Crimes de Uso e Tráfico de Entorpecentes.

Apesar de os processos criminais em testilha iniciarem seu curso por meio de denúncia por tráfico de drogas, no transcorrer da ação penal, o juiz não está adstrito a essa tipificação, podendo, inclusive, condenar o réu por uso de drogas ou, até mesmo, absolvê-lo.

1.5 ENTREVISTADOS (RÉUS)

Ao longo da pesquisa, 271 (duzentos e setenta e um) réus foram entrevistados nas audiências de instrução e julgamento, entre os quais 218 (duzentos e dezoito) são homens e 53 (cinquenta e três) são mulheres.

1.6. COLETA DE DADOS

A coleta das informações se desenvolveu em duas frentes. A primeira foi realizada a partir de dados auferidos dos autos dos processos judiciais. A segunda, através de perguntas feitas diretamente aos entrevistados em audiência de instrução e julgamento.

As informações coletadas especificamente dos processos são: número do processo, quantidade de réus respondendo em cada processo, data da denúncia, data da coleta da informação, data do delito, hora do fato criminoso, estabelecimento para onde foi recolhido após o flagrante, espécie de droga, reincidência específica e genérica, gênero e idade do réu.

Por outro lado, as perguntas dirigidas aos réus são: estudo e trabalho em atividade ou inatividade, local do crime e da residência, renda, se usuário de entorpecente, responsabilidade do sustento do lar.

CAPÍTULO 2: A CRIMINOLOGIA CRÍTICA

A pesquisa é orientada pelo referencial teórico da Criminologia Crítica, segundo Alessandro Baratta (2002), com inspiração marxista. Esse modelo criminológico parte de análises pautadas na relação entre o acúmulo de riqueza com a criminalidade, considerando a estigmatização dos indivíduos estratificados em classes sociais e a estrutura do poder político, econômico e jurídico.

Para Baratta (2002, p. 209), a Criminologia Crítica representa uma mudança de paradigma, uma maneira diferente de compreender a criminalidade daquela examinada sob o aspecto da dogmática tradicional. Essas duas concepções correspondem a dois modelos diferentes de ciência social e de Criminologia.

Baratta (2002, p. 215) sustenta que:

Comparada com a criminologia tradicional, a criminologia crítica se desloca em uma relação radicalmente diferente quanto à prática. Para a criminologia tradicional o sistema penal existente e a prática oficial são os destinatários e beneficiários de seu saber, em outras palavras, o príncipe para o qual é chamada a conselheira. Para a criminologia crítica o sistema positivo e a prática oficial são, antes de tudo, o objeto de seu saber. A relação com o sistema é crítica; sua tarefa imediata não é realizar as receitas da política criminal, mas examinar de forma científica a gênese do sistema, sua estrutura, seus mecanismos de seleção, as funções que realmente exerce, seus custos econômicos e sociais e avaliar, sem preconceitos, o tipo de resposta que está em condições de dar, e que efetivamente dá, aos problemas sociais reais. Ela se coloca a serviço de uma construção alternativa ou antagônica dos problemas sociais ligados aos comportamentos socialmente negativos. (BARATTA, 2002, p. 215)

Enquanto a Criminologia Tradicional parte de premissas destinadas à compreensão da criminalidade sem considerar as violências institucionais produzidas pelo Estado, tão somente sob o aspecto patológico da criminalidade ou relacionando-a com as características biológicas e psicológicas do “delinquente”, a Criminologia Crítica busca entender o fenômeno da criminalidade à luz da ciência sociológica, trabalhando tanto com a macrossociologia como com a microssociologia, ao considerar elementos tais como o crime, o criminoso, a vítima e o controle social, circundando o processo de criminalização, o sistema punitivo, a estrutura econômica, sobretudo, as violências institucionais praticadas pelo Poder Público.

Lopes (2002, p. 1), ao fazer uma releitura da obra de Baratta (2002), aduz que o modelo delineado pela Criminologia Crítica trabalha, sobretudo, com a ideia de desvio social e processo de criminalização, tendo como objeto a análise das

relações sociais, considerando a estrutura econômica à luz da compreensão do cenário jurídico-político de controle social.

Para Cirino dos Santos (2006),

A Criminologia crítica se desenvolve por oposição à Criminologia tradicional, a ciência etiológica da criminalidade, estudada como realidade ontológica e explicada pelo método positivista de causas biológicas, psicológicas e ambientais. Ao contrário, a Criminologia crítica é construída pela mudança do objeto de estudo e do método de estudo do objeto: o objeto é deslocado da criminalidade, como dado ontológico, para a criminalização, como realidade construída, mostrando o crime como qualidade atribuída a comportamentos ou pessoas pelo sistema de justiça criminal, que constitui a criminalidade por processos seletivos fundados em estereótipos, preconceitos e outras idiosincrasias pessoais, desencadeados por indicadores sociais negativos de marginalização, desemprego, pobreza, moradia, em favelas, etc; o estudo do objeto não emprega o método etiológico das determinações causais de objetos naturais empregado pela Criminologia tradicional, mas um duplo método adaptado à natureza de objetos sociais: o método interacionista de construção social do crime e da criminalidade, responsável pela mudança de foco do indivíduo para o sistema de justiça criminal, e o método dialético que insere a construção social do crime e da criminalidade no contexto da contradição capital/trabalho assalariado, que define as instituições básicas das sociedades capitalistas. (CIRINO DOS SANTOS, 2006, p. 809-810)

A transição entre os modelos criminológicos se deu na década de 70 na Europa e na América, no início da guerra fria entre o imperialismo capitalista liderado pelos Estados Unidos da América e o socialismo sustentado pela antiga União Soviética. Os precursores da Criminologia Crítica foram Lan Taylor, Paul Walton e Jock Young, na obra intitulada “The New Criminology: For a Social Theory of Deviance”.

A partir desse modelo, o trabalho é desenvolvido buscando-se a constituição de elementos que possam ou não validar a dogmática da Criminologia Crítica, restringindo-se especificamente à análise de variáveis socioeconômicas dos agentes envolvidos no tráfico de cocaína na cidade de Manaus com base no método histórico-analítico.

A Criminologia Crítica não se refere a uma tese fechada, mas sim a um novo paradigma com discursos não homogêneos, distinguindo-se da Criminologia Tradicional em razão da alteração de objeto e método do pensamento criminológico e sociológico-jurídico.

Cirino dos Santos (2006, p. 809) afirma que o objeto de estudo da Criminologia Crítica passa a ser a criminalização como realidade construída, ao invés da criminalidade como dado ontológico, e, por sua vez, o método é alterado do

etiológico para o interacionista de construção social do crime e da criminalidade e para o dialético.

Segundo Baratta (2002, p. 209), o método etiológico se fundamenta em premissas ontológicas da criminalidade, as quais são predefinidas aos conceitos, a reação social, institucional e não institucional, não englobando as normas jurídicas e sociais, a ação das instâncias oficiais, a reação social respectiva e os mecanismos institucionais e sociais que estabelecem certos comportamentos como criminosos.

A escola que precedeu a mudança de paradigma da Criminologia Tradicional para a Crítica, intitulada positivista, trabalha com o método etiológico. Essa escola, ao definir o objeto de estudo, não questiona o sistema normativo, nem mesmo as instituições que o gerenciam.

Para Prado (2008),

Os postulados basilares dessa escola são: a) o Direito tem uma natureza transcendente, segue a ordem imutável da Lei natural: O direito é congênito ao homem, porque foi dado por Deus à humanidade desde o primeiro momento de sua criação, para que ela pudesse cumprir seus deveres na vida terrena. O direito é a liberdade. Portanto, a ciência criminal é o supremo código da liberdade, que tem por objeto subtrair o homem da tirania de si mesmo e de suas próprias paixões. O Direito Penal tem sua gênese e fundamento na lei eterna da harmonia universal; b) o delito é um ente jurídico, já que constitui a violação de um direito. É dizer: o delito é definido como infração. Nada mais é que a relação de contradição entre o fato humano e a lei; c) a responsabilidade penal é lastreada na imputabilidade moral e no livre arbítrio humano; d) a pena é vista como meio de tutela jurídica e como retribuição da culpa moral comprovada pelo crime. O fim primeiro da pena é o restabelecimento da ordem externa na sociedade, alterada pelo delito. Em consequência, a sanção penal deve ser aflitiva, exemplar, pública, certa, proporcional ao crime, célere e justa; e) o método utilizado é o dedutivo ou lógico-abstrato; f) o delinquente é, em regra, um homem normal que se sente livre para optar entre o bem e o mal, e preferiu o último; g) os objetos do estudo do Direito Penal são o delito, a pena e o processo. (PRADO, 2008, p. 79-80)

Nesse contexto, a escola positivista opera sob o fundamento da ideologia da defesa social, adotando como premissas, segundo a doutrina de Baratta (2002): (a) a legitimidade do Estado para reprimir e penalizar quem violar o pacto social; (b) a sociedade constituída como representação do “bem” e o delito como “mal”; (c) a culpabilidade ou o grau de reprovabilidade social; (d) a finalidade da pena em estabelecer a prevenção social e a recuperação do “delinquente”; (e) a igualdade que determina a aplicação do sistema penal a quem infringir o pacto social, independente de quem seja; (f) o interesse social, com fulcro no direito penal

mínimo, para o qual as condutas consideradas delitos estão relacionadas com os valores essenciais a uma dita sociedade.

Já o método interacionista de construção social do crime e da criminalidade busca compreender o objeto de estudo considerando, sobretudo, o “delinquente”, a vítima, o sistema punitivo, as violências institucionais, assim como a estrutura econômica do Estado.

Essa mudança de paradigma foi iniciada com a introdução do *labeling approach* (teoria da rotulação), baseada em teorias sociológico-fenomenológicas, o que tende a deslocar o objeto de estudo das causas do comportamento criminoso para as condições em que são praticadas, o que não é, no entanto, suficiente para qualificar a Criminologia Crítica, em razão de três efeitos, apontados pela crítica esquerdista, mistificantes.

De acordo com Baratta (2002), são eles:

- a) avaliar a criminalidade e o desvio como resultados de um processo de definições pode provocar, nesse contexto, a ocultação de situações socialmente negativas e de sofrimentos reais, que em muitos casos pode-se considerar como o ponto de referência objetivo das definições;
- b) fazer derivar do reconhecimento de efeitos estigmatizados da pena, ou de outras intervenções institucionais, a tese da “radical não intervenção”, significa criar um óbice para as intervenções socialmente adequadas e justas;
- c) concentrar as investigações sobre certos setores do desvio e da criminalidade, sobre os quais, de fato, se concentram, com seu funcionamento socialmente seletivo, os processos de etiquetamento e de criminalização (as camadas mais débeis e marginalizadas do proletariado urbano), pode contribuir para a consolidação do estereótipo dominante da criminalidade e do desvio, como comportamento normal destes grupos sociais, e deslocar, assim, a atenção dos comportamentos socialmente negativos da delinquência de colarinho branco e dos poderosos. (BARATTA, 2002, p. 212)

Com o intuito de sanar esses pontos, no contexto da Criminologia Crítica, está sendo desenvolvida uma teoria materialista que relaciona as situações socialmente negativas e o processo de criminalização com as relações sociais de produção e com a estrutura do processo de valorização do capital.

Para Baratta (2002),

[...] a base do novo paradigma a investigação criminológica tem a tendência a deslocar-se das causas do comportamento criminoso para as condições a partir das quais, em uma sociedade dada, as etiquetas de criminalidade e o status de criminoso são atribuídos a certos comportamentos e a certos sujeitos, assim como para o funcionamento da reação social informal e institucional (processo de criminalização). (BARATTA, 2002, p. 211)

Não se pode negar que o fim ideológico operado pelas premissas da Criminologia Crítica é a redução do sistema penal, perseguindo as raízes do abolicionismo, de modo a sugerir uma reforma política a médio e longo prazo, posto que se busca não somente a reformulação de programas de governo, mas a mudança de comportamento social.

CAPÍTULO 3: O TRÁFICO DE DROGAS

3.1 EPISTEMOLOGIA

O tráfico de drogas consiste no mercado informal e ilegal de substâncias entorpecentes. As principais características desse mercado são dinâmicas, em razão de sofrerem influência direta de diversos fatores, tais como do tipo de droga, se a comercialização se desenvolve a partir do varejo ou do atacado, se é em centro urbano ou zona rural, se a comunidade onde é vendida ou quem vende é de baixa renda, dentre outros. Cada um desses fatores pode alterar substancialmente o padrão do mercado de drogas.

O tráfico de drogas se insere na sociedade como um fator determinante para o fortalecimento de organizações criminosas, devido ao grande potencial lucrativo da prática delituosa e ao enraizamento na estrutura do poder estatal, o que gera reflexos diretos na economia e na política do Estado brasileiro.

No início da década de 1970, a droga passou a ser encarada como “inimigo público”, em consequência da epidemia de uso de heroína nos Estados Unidos, surgindo, segundo Del Olmo (1990, p. 77-78), o estereótipo político-criminoso. Já no fim da década de 1970, a cocaína passa a ser a principal protagonista da guerra contra as drogas, momento em que entra no mercado norte-americano e sua indústria se instala na América Latina.

O interessante é que nem sempre a cocaína foi estereotipada como um problema. Antes, ela era encarada como uma droga social e recreacional de consumo esporádico. Segundo o psiquiatra Ronald K. Siegel, o discurso criado no início da década de 1970 estimulava seu consumo (*apud* DEL OLMO, 1990).

A partir do momento em que a cocaína começa a ser consumida com mais frequência e por um número maior de pessoas, misturada com a maconha em sua forma de pasta de coca, passa a ser encarada como um problema real de saúde pública (DEL OLMO, 1990).

A cocaína é uma das espécies de drogas mais lucrativas e populares, razão pela qual é também conhecida como ouro branco. A partir de seu princípio ativo, é possível dar origem a novos tipos de drogas, a exemplo do “crack” e do “ox”. Essas drogas agem diretamente estimulando o sistema nervoso central, o que faz o

usuário sentir-se mais “poderoso”, ao contrário da maconha, que é depressor do sistema nervoso central, gerando uma sensação de relaxamento.

O grande problema, no Brasil, ao adotar o discurso político-criminoso da droga, desenvolvido pelos Estados Unidos, se situa em um nível econômico e ideológico.

Segundo Batista (2003):

O sistema neoliberal produz uma visão esquizofrênica das drogas, especialmente a cocaína: por um lado, estimula a produção, comercialização e circulação da droga, que tem alta rentabilidade, no mercado internacional, e por outro lado constrói um arsenal jurídico e ideológico de demonização e criminalização desta mercadoria tão cara à nova ordem econômica. (BATISTA, 2003, p. 81-82)

Outra questão apontada por Batista (2003, p. 51) está relacionada ao sistema de encarceramento, uma vez que “as prisões não diminuem a taxa de criminalidade, provocam a reincidência, fabricam delinquentes [...]”.

Em razão de sua alta rentabilidade, o tráfico de drogas atrai muitas pessoas a praticarem tal delito, ora para sustentar o vício, ora como modo de vida. Como toda grande cidade brasileira, Manaus enfrenta problemas sociais graves, principalmente com o tráfico de cocaína. Assim, questiona-se, como objeto deste trabalho, a política de combate às drogas, especialmente à cocaína, e a eficiência na ressocialização do sistema prisional em Manaus por meio da análise de reincidência.

3.2 ORIGEM DA COCAÍNA

A cocaína é produzida a partir de um princípio ativo retirado da planta de coca, a qual é proveniente dos altiplanos andinos. As civilizações pré-incaicas acreditavam no mito de que a planta deu poderes aos homens para vencerem um deus maligno. Os nativos mascavam as folhas de coca para suportar a fome e a fadiga.

Os europeus começaram a se interessar pelas propriedades farmacológicas das folhas de coca somente na virada do século XIX, embora já conhecessem desde os primeiros anos de colonização espanhola na região.

O alemão Albert Niemann, em 1859, conseguiu isolar o princípio ativo puro da substância, período em que a medicina adotou definitivamente a substância para o tratamento das farmacodependências. A cocaína era utilizada pelas vias oral,

inalatória ou por meio de injeções intradérmicas em vários tipos de tratamento médico, como a depressão. O próprio Sigmund Freud, em 1884, até então desconhecido, sustentava a capacidade da substância de combater o morfinismo e o alcoolismo, transtornos gástricos, asma, entre outras doenças. Segundo Freud, a cocaína, ainda, possuía poder afrodisíaco e anestésico local.

A cocaína, também, foi inserida na composição da fórmula de produtos comerciais, tal como a Coca-Cola, a qual inicialmente era vendida para o combate à cefaleia e como tonificante. Porém, anos depois, foi publicada uma lei que proibia a utilização de álcool em fármacos. Com isso, o álcool foi substituído por noz de cola e gaseificou-se a água, anunciando-a como a “bebida dos intelectuais e abstêmios” (ESCOHOTADO, 1996).

No fim do século XIX, a sociedade médica começou a se manifestar contrária ao uso indiscriminado da cocaína como fármaco ou em composição de bebidas, em razão de um número acentuado de casos agudos ou crônicos de danos físicos e psíquicos. Porém, somente no fim da década de 1970, a cocaína passa a ser a principal protagonista da guerra contra as drogas, momento em que entra com maior intensidade no mercado norte-americano e sua indústria se instala na América Latina.

3.3 COMPOSIÇÃO DA COCAÍNA E SEUS EFEITOS

A cocaína é uma substância entorpecente alcaloide, proveniente do arbusto *Erythroxylum coca*. O nome científico da cocaína é benzoilmetilecgonina ou éster do ácido benzoico. A droga é extraída das folhas do arbusto, possuindo propriedades anestésicas e vasoconstritoras. O entorpecente é um psicoativo que pode causar dependência, hipertensão arterial e distúrbios psiquiátricos.

A substância psicotrópica gera efeitos imediatos psicológicos e orgânicos. Os primeiros são caracterizados pela sensação de poder, agressividade, ausência de medo, euforia, entre outros. Já os efeitos orgânicos são aumento da frequência cardíaca, suor e salivação intensa, tremores, entre outros.

3.4 PADRÕES DE USO DA COCAÍNA

A substância entorpecente pode ser utilizada pela via intravenosa, oral e inalatória. Esta, por sua vez, pode ser aspirada ou empregada através do fumo. Dependendo da via de administração da droga, a intensidade dos efeitos psicológicos ou orgânicos pode variar, assim como as sequelas acarretadas pelo uso contínuo da substância.

Os padrões de uso da droga oriunda do arbusto *Erythroxylum coca* são caracterizados por meio das folhas de coca *in natura*, do cloridrato de cocaína, do “crack”, da “merla” e do “bazuko”.

As folhas de coca são mascadas juntamente com substância alcalinizante ou sob a forma de chá. O cloridrato de cocaína, distinto por ser um cristal fino e branco, é aspirado ou ministrado pela via intravenosa. O “crack”, droga em forma de pedra, é consumido através de cachimbo, após se tornar volátil pelo aquecimento a 100° C. A “merla”, conhecida como pasta de cocaína, é utilizada geralmente misturada com maconha e fumada. Por fim, o “bazuko” é a pasta resultante da combinação de folha de coca com cal, querosene ou gasolina e ácido sulfúrico, também é consumida através de cigarros denominados “bazukos”.

3.5 DINÂMICA DO TRÁFICO

Até meados dos anos 1970, a cocaína era produto consumido quase que exclusivamente por pessoas de classe elitista em razão de seu alto custo. De acordo com Misse (2003),

O aumento da oferta deveu-se à consolidação das rotas do tráfico internacional da Bolívia e do Paraguai, através dos aeroportos do Paraná, de São Paulo e do Rio de Janeiro, com destino à Europa, consolidação que se deu a partir da entrada da Colômbia na produção (e não mais apenas na distribuição) de cocaína e no incremento da tradicional produção peruana. Inicialmente, pedaços das partidas internacionais, a oferta a baixos preços terminou por alimentar um novo mercado consumidor no eixo Rio-São Paulo, para o qual novos agentes atacadistas se especializaram em prover regularmente. (MISSE, 2003, p. 149)

As organizações criminosas começaram a se fortalecer no fim da década de 1970, com a criação da “falange vermelha” por presos intelectualizados com o objetivo de diminuir a violência nos presídios, aumentando a solidariedade entre os presos a fim de pleitearem direitos e melhorias nos presídios (COELHO, 1988).

A partir de então, a “falange vermelha” ampliou seu alcance atingindo criminosos fora dos presídios. Outras redes também foram criadas e, com o passar do tempo, essas organizações foram se especializando, atingindo, inclusive, o organismo estatal.

Misse (2003), ao descrever a dinâmica do tráfico de drogas no Rio de Janeiro, afirma que:

A estrutura dos grupos locais do varejo sempre foi baseada no sistema de “consignação de vendas”, a partir do “dono” ou do “gerente geral” (Misse, 1997). A mercadoria é adiantada para os subgerentes e o processo continua até os vendedores diretos, os “vapores”. O movimento de retorno do pagamento é baseado na noção de “dívida” e deve ser feito, impreterivelmente, dentro de um prazo mínimo. O não-pagamento é interpretado como “banho” (logro, furto ou falha) e o devedor na primeira reincidência é morto em um ritual público de crueldade. O sistema de consignação estrutura-se, assim, a uma estrutura de “padrão/cliente” e um hierarquia mortal de “credor/devedor”. (MISSE, 2003, p. 152)

Nesse sentido, Grillo (2008) elabora um interessante estudo comparado relacionado às dinâmicas do comércio ilegal de drogas com o objetivo de identificar as circunstâncias em que funciona o tráfico de entorpecentes, inclusive as estratégias, valores e códigos de conduta compartilhados pelos traficantes dentro de um contexto que possibilita a manutenção de uma “sociabilidade normalizada”.

A autora constata que, embora haja uma sociabilidade violenta na prática do tráfico de drogas, essa não é uma característica atrelada a esse comércio (GRILLO, 2008). Na mesma linha, Michel Misse sustenta que o volume de violência verificado nas cidades brasileiras ou especificamente no Rio de Janeiro não é próprio ao tráfico de drogas, uma vez que esse fato social não se faz presente em outras grandes cidades de outros países (MISSE, 2003).

Nesse contexto, Grillo (2008) observa que, nas redes de tráfico dentro da classe média, a lógica da prática do comércio ilegal de entorpecentes é distinta daquela da periferia, uma vez que o emprego da força é condenado e evitado. A autora relata:

[...] pude observar nas redes de tráfico “da pista” que o emprego da força é condenado e evitado, mesmo nas situações como a “volta” (o não pagamento de débitos) ou a suspeita de delação, em que, segundo a lógica habitual dos mercados nos quais são comercializadas mercadorias criminalizadas, uma ação violenta se faria necessária. Não são raros os casos de “vacilação” (falha ou trapaça) nas relações de crédito entre os próprios traficantes e houve casos narrados em que a retaliação violenta foi até cogitada, mas nunca colocada em prática. A própria ausência de posse de armas pelos traficantes já é um forte indicador do predomínio do que proponho chamar de “sociabilidade normalizada. (GRILLO, 2008, p. 130)

O potencial econômico dessa prática delitiva diante da crise social, segundo Soares (2006), torna o tráfico de drogas uma matriz apta a recrutar jovens vulneráveis, disseminando entre eles como estilo cultural e meio econômico de vida tal prática.

Soares (2006, p. 93) aduz que “a juventude ociosa e sem esperança é presa fácil para os agenciadores do comércio clandestino de drogas”. Afirma ainda que para se conhecer a dinâmica da criminalidade local, deve-se, antes de qualquer medida a ser tomada, bosquejar a multiplicidade de dimensões envolvidas: desde a economia à saúde, da estrutura familiar às escolas, do cenário urbano à disponibilidade de transporte, das condições habitacionais ao acesso ao lazer, das oportunidades de emprego às relações comunitárias, do perfil psicológico predominante, em cada situação típica, ao potencial cultural presente nos momentos musicais ou estéticos da juventude.

CAPÍTULO 4: O SISTEMA PRISIONAL

4.1 ORIGEM

A mudança no sistema de punição se dá em meio à transição do modelo socioeconômico feudal para o capitalista, com a queda do antigo regime e a ascensão da burguesia. No sistema de produção pré-capitalista, o cárcere não existia como pena, apesar de a realidade feudal não ignorá-lo como instituição, mas sim como pena autônoma e ordinária (MELOSSI; PAVARINI, 2010).

Com a transição dos modelos socioeconômicos, o êxodo rural tomou proporções preocupantes, em razão das próprias medidas de expulsão do homem do campo para as cidades adotadas pelo Estado. O fim do sistema feudal transformou as terras produtivas em pastos, obrigando grande parte dos camponeses a migrar para as cidades. Porém, a manufatura, no seu nascedouro, não estava preparada para receber mão-de-obra com a mesma rapidez com a qual aquele proletariado era posto nos centros urbanos. Tal proporção acabou transformando camponeses em mendigos, vagabundos e bandidos, devido, na maior parte dos casos, às circunstâncias em que viviam.

A única solução lógica indicada, no século XVI, na Inglaterra, por Thomas Morus, foi a criação de *houses of correction*, isto é, casas de correção, as quais tinham como objetivo a reforma dos internos através do trabalho obrigatório e da disciplina. Com isso, outras pessoas possivelmente se desencorajariam a seguir o caminho da vagabundagem e do ócio, assegurando o seu próprio sustento por meio do trabalho (MELOSSI; PAVARINI, 2010).

Melossi e Pavarini (2010) apontam que, embora esse tipo de instituição ainda não seja aquela do clássico modelo carcerário do século XIX, foi o primeiro exemplo de detenção laica sem a finalidade de custódia na história do cárcere que se assemelha ao modelo a ser desenvolvido com tal objetivo.

O autor registra ainda que o objetivo das *houses of correction*, posteriormente chamadas de casas de trabalho, estava ligado, de certa forma, ao modelo econômico. Primeiro, em razão de o setor de produção funcionar a um custo muito baixo devido ao custo da força de trabalho ser forçosamente comprimido. Depois, pelo caráter declaradamente terrorista, em que o trabalhador é intimidado, a

qualquer custo, a evitar a possibilidade de ser submetido à custódia dessas instituições (MELOSSI; PAVARINI, 2010).

Séculos mais tarde, o trabalho forçado já não era mais tão necessário quanto antes, na era mercantilista. Com a Revolução Industrial, no século XVIII, a concorrência que o trabalho no cárcere poderia fazer ao trabalho livre não era mais preocupação, cedendo espaço ao fenômeno do pauperismo (MELOSSI; PAVARINI, 2010).

A partir do século XVIII, a pena privativa de liberdade muda de finalidade e passa a fazer parte do rol de punições do Direito Penal como finalidade da pena e com o intuito de, gradualmente, banir as penas cruéis e desumanas.

As primeiras e embrionárias formas de privação de liberdade como pena finalística tiveram origem na Igreja em relação aos clérigos que haviam cometido alguma infração religiosa, o que marcou o nascimento da sanção de cumprir a penitência em uma cela até o momento em que o culpado se arrependesse (MELOSSI; PAVARINI, 2010).

Assim, o quadro estrutural das rudimentares formas de cárcere até o aperfeiçoamento em instituição se perfaz durante a transição de uma sociedade agrícola para uma economia industrial. Ao longo desse período, o cárcere passa por diversas transformações. Primeiro, ele é encarado como medida preventiva para o cumprimento das penas corporais. Depois, como instrumento de disciplina ao trabalho manufatureiro e exploração de mão-de-obra. Por fim, aperfeiçoa-se em instituição, sendo adotado como uma das finalidades da pena.

4.2 MODELOS PENITENCIÁRIOS

O modelo da Filadélfia é o precursor do sistema penitenciário moderno. Ele foi criado no fim do século XVIII, na Filadélfia, nos Estados Unidos da América. Benjamin Rush e Benjamin Franklin, entre outros intelectuais americanos contemporâneos, lideraram um movimento reformista do sistema de encarceramento de delinquentes após estarem convencidos de que o crime era uma “doença moral”. A partir de então, começou-se a pensar na ideia de penitenciária como “casa de arrependimento” e local de reabilitação.

A doutrina utilizada pelo modelo da Filadélfia é baseada no “*solitary confinement*”, ou seja, isolamento absoluto e individual. As principais características

desse sistema são a arquitetura do cárcere, o isolamento noturno e diurno, o silêncio, a disciplina institucional, a religião e o trabalho como prêmio (MELOSSI; PAVARINI, 2010).

O projeto arquitetônico unicelular é o princípio do processo educativo. Acreditava-se, com base nos Princípios “*Quakers*”, que as paredes da cela se transformavam em instrumento de punição, uma vez que o indivíduo, deparando-se com um reduzido espaço físico, se vê obrigado a “entrar” na sua própria consciência.

O isolamento leva o interno às extremas consequências da consciência, além de impedir a contaminação de valores morais entre os presos e entre esses e o mundo externo.

O silêncio absoluto faz o preso perder a noção objetiva, física, de si mesmo. O silêncio era marcado apenas pelos provimentos de alimentação, trabalho, visitas institucionais, orações, dentre outras praxes penitenciárias.

A disciplina institucional firmava-se em práticas educativas voltadas ao modelo de “ser civilizado”. O preso era submetido a regras rígidas a fim de constrangê-lo a “moldar” o próprio corpo e o próprio espírito ao regime imposto.

A partir do modelo da Filadélfia, outros modelos foram criados, como o sistema Auburniano que foi desenvolvido em 1821, na cidade de Nova York, na prisão de Auburn. A principal diferença entre o modelo da Pensilvânia e o de Auburn é a adoção do trabalho como meio de ressocialização do indivíduo. Durante o dia, os presos trabalhavam em silêncio absoluto, enquanto à noite eram recolhidos em suas celas individuais.

Já em 1853, surge o modelo Irlandês, idealizado por Walter Crofto. Esse sistema foi dividido em quatro fases, as quais o preso percorria ao longo da execução da pena em um regime de progressão da mais rígida para mais branda, com o intuito de ressocializar o preso.

Não se pode olvidar de traçar algumas palavras acerca do Panóptico de Bentham, que não é um sistema penitenciário propriamente dito, mas sim um projeto arquitetônico de monitoramento constante dos presos, concebido no fim do século XVIII por Jeremy Bentham.

Segundo Foucault (1987), o objetivo do modelo arquitetônico é

[...] induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu

exercício; que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce; enfim, que os detentos se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmos são os portadores. (FOUCAULT, 1987, p. 166)

4.3 O MODELO PENITENCIÁRIO NO BRASIL

As discussões acerca da criação de um sistema penitenciário começaram a se estruturar somente a partir do Código Criminal do Império de 1830, em razão de a pena de prisão ter sido introduzida no País de duas formas: a prisão simples e a prisão com trabalho.

Em meados do século XIX, um novo modelo de prisão foi implantado no Brasil, diferente do sistema empregado para cumprimento das penas previstas pelas Ordenações Filipinas. Para esse modelo, foi adotado o sistema de Auburn estruturado sob o Panóptico de Bentham. A partir de então, as duas Casas de Correção do Rio de Janeiro e de São Paulo, inauguradas respectivamente em 1850 e 1852, começaram a funcionar sob esse formato.

Com a mudança do cenário político nacional, começou-se a discutir em 1870 a possibilidade de implantação do sistema da Filadélfia. No entanto, após o fim da escravidão e do trabalho forçado no Brasil, foi adotado claramente o sistema Irlandês pelo Código Penal de 1890. Contudo, somente em 1920, em São Paulo, foi construída uma penitenciária nos novos moldes. Atualmente, ainda vigora o sistema Irlandês, o qual foi seguido pelo Código Penal de 1940.

4.4 AS PRISÕES CONTEMPORÂNEAS SEGUNDO MICHEL FOUCAULT

A obra “Vigiar e Punir”, de Michel Foucault (1987), ao tratar da “Mitigação das Penas”, registra o período histórico de transição entre a prática dos suplícios e a institucionalização do poder punitivo, como forma de política criminal e controle social.

Para Foucault (1987), a finalidade da pena deve refletir toda uma tecnologia de uma representação, o que significa encontrar uma justa medida para a pena, de modo que afaste do indivíduo a ideia do cometimento de um crime, a fim de que o medo de um castigo repudie a “vantagem” em cometê-lo, representando uma comunicação simbólica entre crime e pena.

A relação entre o crime e a pena deve corresponder a pares de representação de valores opostos, ou seja, “a punição ideal deve ser transparente ao crime que sanciona; assim, para quem contempla, ela será infalivelmente o sinal do crime que castiga; e, para quem sonha com o crime, a simples ideia do delito despertará o sinal punitivo” (FOUCAULT, 1987)

Antes, o corpo dos condenados se tornava coisa do rei, sobre a qual o soberano imprimia sua marca e deixava cair os efeitos de seu poder quando um crime era cometido, o que era chamado de suplício corporal. O terror era o suporte do exemplo: medo físico, pavor coletivo, imagens que devem ser gravadas na memória dos espectadores, como a marca na face ou no ombro do condenado.

Agora, o suporte do exemplo é a lição, o discurso, o sinal decifrável, a encenação e a exposição da moralidade pública. Na representação da pena, deve haver uma modulação temporal, em que o papel da duração deve estar integrado à economia da pena, pois ela é uma mecânica dos sinais, dos interesses e da duração, uma vez que torna o castigo eficaz para o culpado e também para os espectadores.

Foucault (1987) faz um paralelo entre as formas de punição clássica e contemporânea, e entre a cidade punitiva e a instituição coercitiva:

De um lado, funcionamento do poder penal repartido em todo o espaço social; presente em toda parte como cena, espetáculo, sinal discurso; legível como um livro aberto; que opera por uma recodificação permanente do espírito dos cidadãos; que realiza a repressão do crime por esses obstáculos colocados à ideia do crime; que age de maneira invisível e inútil sobre as “fibras moles do cérebro”, como dizia Servan. Um poder de punir que correria ao longo de toda a rede social, agiria em cada um de seus pontos, e terminaria não sendo mais percebido como poder de alguns sobre alguns, mas como reação imediata de todos em relação a cada um. De outro, um funcionamento compacto do poder de punir: ocupação meticulosa do corpo e do tempo do culpado, enquadramento de seus gestos, de suas condutas por um sistema de autoridade e de saber; uma ortopedia concertada que é aplicada aos culpados a fim de corrigi-los individualmente; gestão autônoma desse poder que isola tanto do corpo social quanto do poder judiciário propriamente dito. O que se engaja no aparecimento da prisão é a institucionalização do poder de punir, ou mais precisamente: o poder de punir (com o objetivo estratégico que lhe foi dado no fim do século XVIII, a redução dos ilegalismos populares) será mais bem realizado escondendo-se sob uma função social geral, na “cidade punitiva”, ou investindo-se numa instituição coercitiva, no local fechado do reformatório? Em todo caso, pode-se dizer que os encontramos no fim do século XVIII diante de três maneiras de organizar o poder de punir. A primeira é a que ainda estava funcionando e se apoiava no velho direito monárquico. As outras se referem, ambas, a uma concepção preventiva, utilitária, corretiva de um direito de punir que pertenceria à sociedade inteira; mas são muito diferentes entre si, ao nível dos dispositivos que esboçam. Esquematizando

muito, poderíamos dizer que, no direito monárquico, a punição é um cerimonial de soberania; ela utiliza as marcas rituais da vingança que aplica sobre o corpo do condenado; e estende sob os olhos dos espectadores um efeito de terror ainda mais intenso por ser descontínuo, irregular e sempre acima de suas próprias leis, a presença física do soberano e de seu poder. (FOUCAULT, 1987, p. 107-108)

No modelo contemporâneo, a prisão, como pena, passou a ser regra. O mais antigo desses modelos é o Rasphuis de Amsterdam, aberto em 1596. Destinava-se, em princípio, a mendigos ou a jovens malfeitores. Já a cadeia de Gand estruturou o trabalho penal com base em imperativos econômicos sob o fundamento de que a razão dada é que a ociosidade é a causa geral da maior parte dos crimes (FOUCAULT, 1987). Por outro lado, o modelo de Gloucester é baseado, em partes, no esquema inicial de cadeia que consistia em confinamento total para os criminosos mais perigosos e, para os outros delinquentes, trabalho em comum durante o dia e separação à noite. Por fim, o de Filadélfia surgiu à luz de inovações políticas do sistema americano, retomando as diretrizes dos dois últimos modelos.

Em 1779, Blackstone e Howard descreveram o encarceramento individual delineando-o em sua tríplice função de exemplo temível, de instrumento de conversão e de condição para um aprendizado: “submetidos a uma detenção isolada, a um trabalho regular e à influência da instrução religiosa não só assustar aqueles que ficassem tentados a imitá-los, mas ainda eles mesmos se corrigirem e contrair o hábito do trabalho” (FOUCAULT, 1987, p. 101-102).

Tudo se trata, na verdade, de uma troca simbólica de representação. A ideia de vantagem da prática do crime deve ser desfeita. A “glória” do criminoso deve ser afastada pela pena prevista para a prática delituosa.

Entretanto, Foucault passa a criticar a ideia de uma pena uniforme, modulada unicamente pela gravidade do delito, isto é, “se eu traí meu país, sou preso; se matei meu pai, sou preso; todos os delitos imagináveis são punidos da maneira mais uniforme. Tenho a impressão de ver um médico que, para todas as doenças, tem o mesmo remédio.” (FOUCAULT, 1987, p. 97). Assevera, ainda, que “a prisão em seu todo é incompatível com toda essa técnica da pena-efeito, da pena-representação, da pena-função geral, da pena-sinal e discurso. Ela é a escuridão, a violência e a suspeita.” (FOUCAULT, 1987, p. 95).

Assim, o encarceramento como regra passa a ser uma gestão diferencial discriminatória com o fim de política pública destinada, sobretudo, a controlar os setores socialmente vulneráveis.

4.5 ANÁLISE COMPARADA DO SISTEMA PRISIONAL DE LOIC WACQUANT

Loic Wacquant elabora a obra “Punir os Pobres” com base na relação entre análises estatísticas da criminalidade e o contexto político-social dos Estados Unidos, ressaltando, sobretudo, a substituição progressiva de um Estado-providência por um Estado penal e policial a partir do pós-guerra, em que a criminalização da marginalidade e a “contenção punitiva” das categorias deserdadas transformam-se em política social, o que representa uma verdadeira criminalização da miséria (WACQUANT, 2007).

O Estado penal passa a substituir gradativamente o Estado social, a fim de tentar preencher as lacunas deixadas por ele mesmo de maneira que governe para burguesia e marginalize os pobres. O objetivo da ação pública americana não é precipuamente reduzir as desigualdades sociais, mas controlar a miséria a um nível aceitável. Segundo o autor, nos Estados Unidos, a cidadania é particularmente estreitada e a capacidade dos dominados de se fazerem ouvir, gravemente amputada, por questões históricas (WACQUANT, 2007).

O programa de ação social americano se divide em duas vertentes. A primeira, chamada de *social insurance*, cuida da gestão coletiva dos riscos de vida dos assalariados, desemprego, doença e aposentadoria. A condição para que uma pessoa participe do *social insurance* é ter um emprego estável, quando passa a contribuir e a gozar dos benefícios oferecidos. A segunda, conhecida como *welfare*, corresponde à assistência social no Brasil, destinada às pessoas dependentes ou na miséria; são os rotulados de cidadãos de segunda classe (WACQUANT, 2007).

Para Wacquant (2007), o Estado americano é social residual, uma vez que só intervém em consequência da carência acumulada do mercado de trabalho e da família, por meio de programas reservados tão somente às categorias precárias consideradas como “merecedoras”.

O Estado aos poucos foi deixando de ser provedor de grande parte das necessidades sociais, principalmente dos grupos mais vulneráveis. Segundo o autor,

[...] o Estado caritativo americano não parou de diminuir seu campo de intervenção e de comprimir seus modestos orçamentos, a fim de satisfazer a decuplicação das despesas militares e a redistribuição das riquezas em direção às classes mais abastadas a tal ponto que a “guerra contra a pobreza” foi substituída contra a guerra contra os pobres, bode expiatório de

todos os maiores males do país. (GANS, apud WACQUANT, 2007, p. 23-24).

Segundo Wacquant (2007),

[...] Na medida em que se desfaz a rede de segurança (safety net) do Estado caritativo, vai se tecendo a malha do Estado disciplinar (dragnet) chamado a substituí-lo nas regiões inferiores do espaço social americano. O desdobramento dessa política estatal de criminalização das consequências da miséria do Estado opera segundo duas modalidades principais. Prova disso é a onda de reformas votadas nestes últimos anos em vários estados, condicionando o acesso a assistência social à doação de certas normas de conduta (sexual, familiar, educativa, etc.) e ao cumprimento de obrigações burocráticas onerosas ou humilhantes. As mais difundidas estipulam que o beneficiário deve aceitar qualquer emprego que lhe seja proposto, não importam a remuneração e as condições de trabalho oferecidas, sob pena de abdicar a seu direito à assistência (workfare). Outras modulam a assistência à família em função da assiduidade escolar de seus filhos (lernfare) ou inscrição de pseudo-estágios de formação sem objeto nem perspectivas (Horowitz, 1995). Outras ainda fixam um teto de assistência ou uma duração máxima depois da qual nenhum apoio será mais concedido. (WACQUANT, 2007, p. 27-28)

Nesse contexto, o Estado americano transforma gradativamente os serviços sociais em instrumentos de vigilância e de controle das novas “classes perigosas” e, como consequência, a política do “tudo penal” aumenta a necessidade de construção de novos presídios, o que fomenta o aumento de prisões privadas (WACQUANT, 2003).

Tonry (1995, apud Wacquant, 2007) afirma que o

[...] componente da política de “contenção repressiva” dos pobres é o recurso maciço e sistemático ao encarceramento. Depois de ter diminuído em 12% durante a década de 60, a população carcerária americana explodiu, passando de menos de 200 mil detentos em 1970 acerca de 825 mil em 1991, ou seja, um crescimento nunca visto em uma sociedade democrática, de 314% em vinte anos. A exemplo do desengajamento social do Estado, o encarceramento atinge prioritariamente os negros: o número de detentos afro-americanos multiplicou-se por cinco desde 1970, depois de ter caído 7% durante o decênio precedente. Pela primeira vez em sua história, as prisões dos Estados Unidos encerram mais negros do que brancos; estes últimos eram 12% na população do país, mas forneceram 53% de seus presos em 1994, contra 38% um quarto de século antes. As taxas de encarceramento de afro-americanos triplicou em doze anos e chegava a 1.895 em cada 100 mil em 1993, ou quase sete vezes as taxas de brancos (293 em 100 mil) e vinte vezes as taxas registradas nos países europeus. (WACQUANT, 2007, p. 28-29)

Portanto, evidencia-se, à luz da obra de Wacquant (2007), que o Estado americano adota uma política de contenção da miséria, criminalizando, de certo

modo, os pobres em meio a uma sensação de insegurança social, criando instrumentos de expiação de condutas socialmente “inadequadas”.

CAPÍTULO 5: ANÁLISES E RESULTADOS DAS CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS E DO ENCARCERAMENTO

5.1 MÉTODOS DE ANÁLISE

As análises serão feitas usando técnicas computacionais para tabulação e sintetização dos dados com tabelas, gráficos e testes estatísticos usando os softwares R e Excel. O objetivo é estudar a relação entre criminalidade e variáveis socioeconômicas referentes ao estudo e o estudo dessas de um ponto de vista individual.

5.1.1 Amostragem e erro amostral

O estudo em si é constituído de duas unidades amostrais bem distintas: os réus e os processos; a cada uma delas têm-se variáveis do fenômeno estudadas de um ponto de vista diferente. O cálculo da amostra em estudo baseou-se no uso da unidade amostral processos. O estudo se concentra nos processos referentes ao crime de tráfico de drogas. O total de processos é de $N = 1242$; para esse tamanho amostral foi feito um plano de amostragem que se constitui dos seguintes termos:

Estimativa de $P = 0,97$

Margem de erro = 2%

Coefficiente de confiança = 97%

A natureza aleatória da dinâmica dos processos garante certo grau de aleatorização probabilística por conta de sua característica atemporal, dando assim a ideia de uma amostragem aleatória simples, mesmo que não se tenha feito sorteio aleatório.

Todas as análises feitas seguem a ideia da inferência clássica, em que a proporção amostral converge para a proporção populacional, garantindo assim, sob um erro de 2% e 95% de confiança, um caráter conclusivo para a população de crimes de tráfico no período parametrizado de coleta dos dados.

5.1.2 Análise Inferencial e de cruzamentos

O teste estatístico usado é chamado Teste exato de Fisher e é da classe dos testes não paramétricos. O teste consiste em avaliar a proporção dos cruzamentos das variáveis categóricas, comparando-os com a sua proporção esperada. Esse teste tem as seguintes hipóteses.

H_0 : As proporções de uma variável condicionada a um nível da outra são **iguais**, ou seja, **não existe** influência de uma sobre a outra.

H_1 : As proporções de uma variável condicionada a um nível da outra são **diferentes**, ou seja, **existe** influência de uma sobre a outra.

Todos os testes foram aplicados usando um nível de confiança de 95%, conseqüentemente, uma significância de 5%. A regra de decisão é dada da seguinte forma: Rejeita-se H_0 se o pvalor do teste for menor que o nível de significância (5%), que é de 0.05.

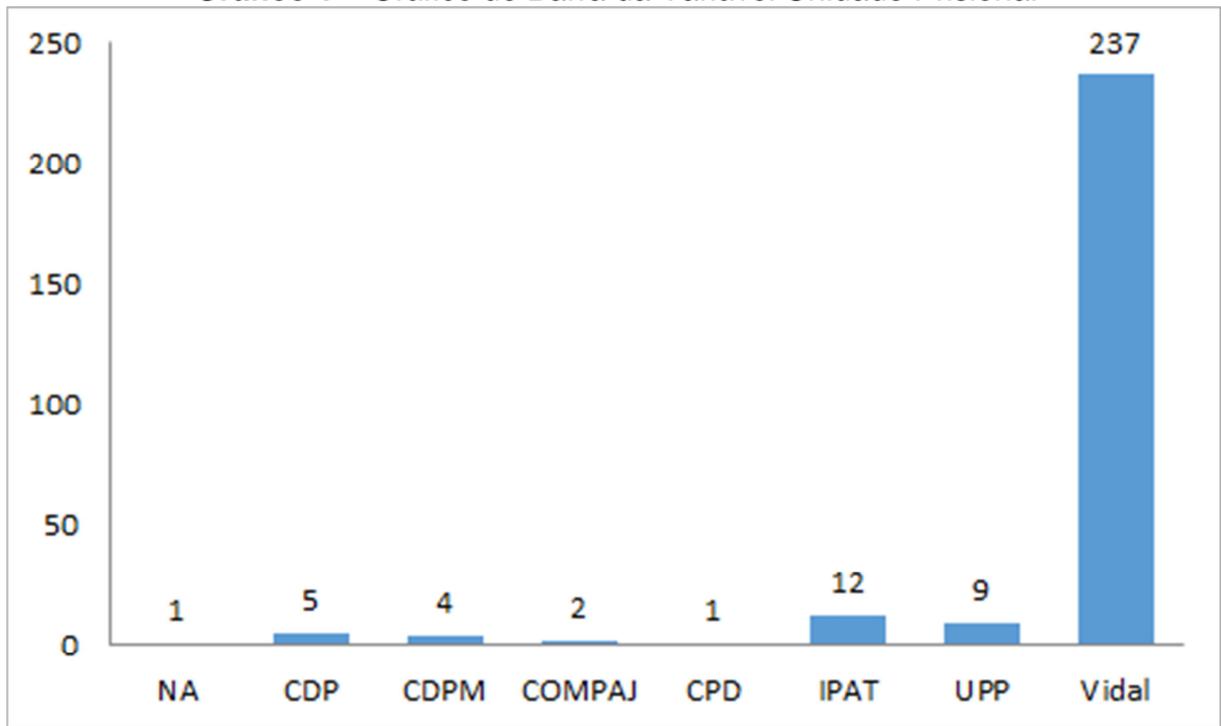
5.1.2.1 Análise Descritiva

5.1.2.1.1 Análise descritiva dos réus

5.1.2.1.1.1 Variável unidade de custódia

Tabela 1 – Frequência da Variável Unidade Prisional

Unidade de Custódia	qtde.	%
NA	1	0,37%
CDP	5	1,85%
CDPM	4	1,48%
COMPAJ	2	0,74%
CPD	1	0,37%
IPAT	12	4,43%
UPP	9	3,32%
Vidal	237	87,45%
Total Geral	271	100,00%

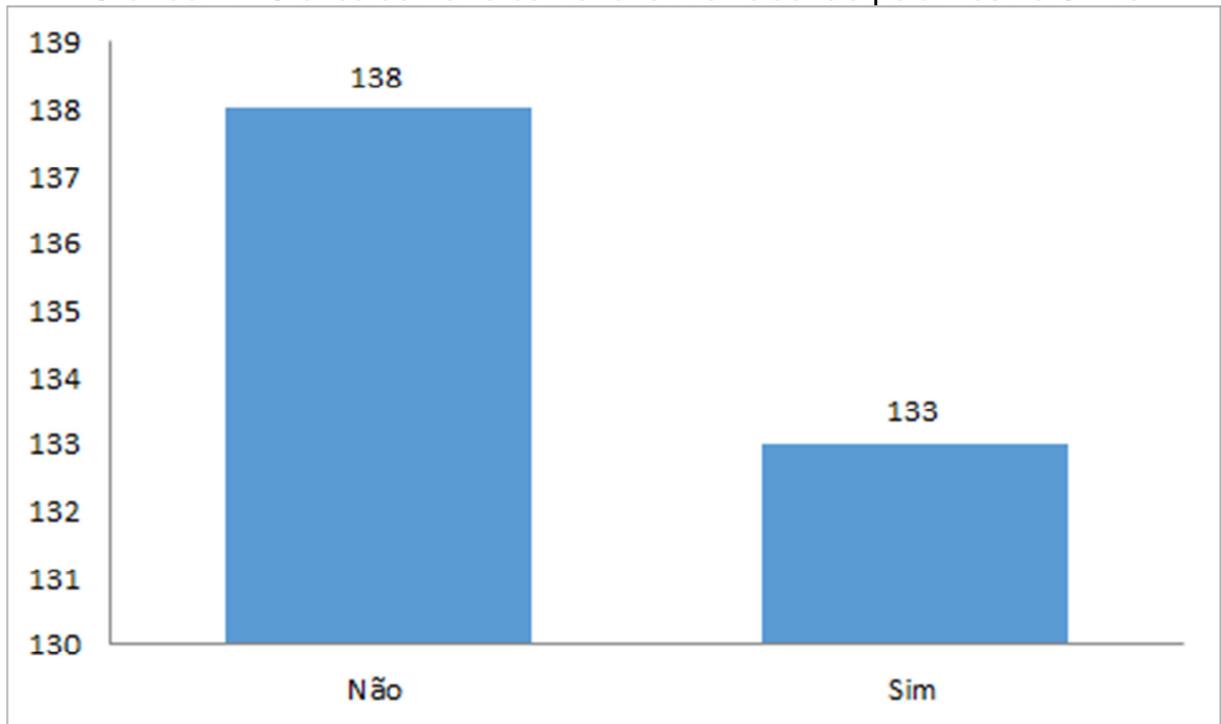
Gráfico 1 – Gráfico de Barra da Variável Unidade Prisional

Na Tabela e Figura 1, pode-se notar que a maioria dos réus foi encaminhada para a unidade prisional Raimundo Vidal Pessoa, com cerca de 87% (237 réus), o que corresponde a uma frequência maior do que todas as outras unidades prisionais juntas. A segunda maior frequência é a do IPAT, com cerca de 4,5%. É interessante notar também que se registrou uma observação faltante (NA).

5.1.2.1.1.2 Variável reincidência pelo mesmo crime

Tabela 2 – Frequência da Variável Reincidência pelo Mesmo Crime

Reincidência	qtde.	%
Não	138	50,92%
Sim	133	49,08%
Total Geral	271	100,00%

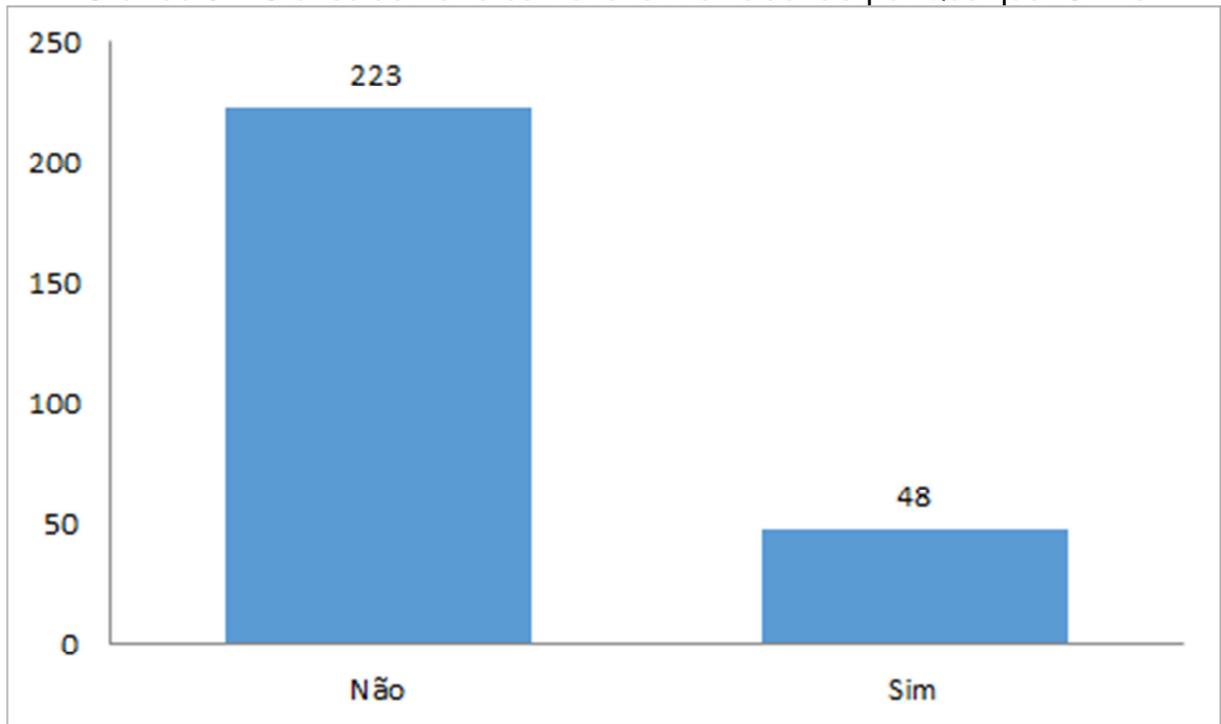
Gráfico 2 – Gráfico de Barra da Variável Reincidência pelo Mesmo Crime

Na Tabela e Figura 2, pode-se notar que cerca de 49% dos réus são reincidentes pelo mesmo crime e os demais, por qualquer outro crime, mostrando uma divisão bem homogênea nesta variável. O interessante é que, de forma marginal, a reincidência específica parece não ter uma grande maioria.

5.1.2.1.1.3 Variável reincidência por qualquer crime

Tabela 3 – Frequência da Variável Reincidência por Qualquer Crime

Reincidência Genérica	qtde.	%
Não	223	82,29%
Sim	48	17,71%
Total Geral	271	100,00%

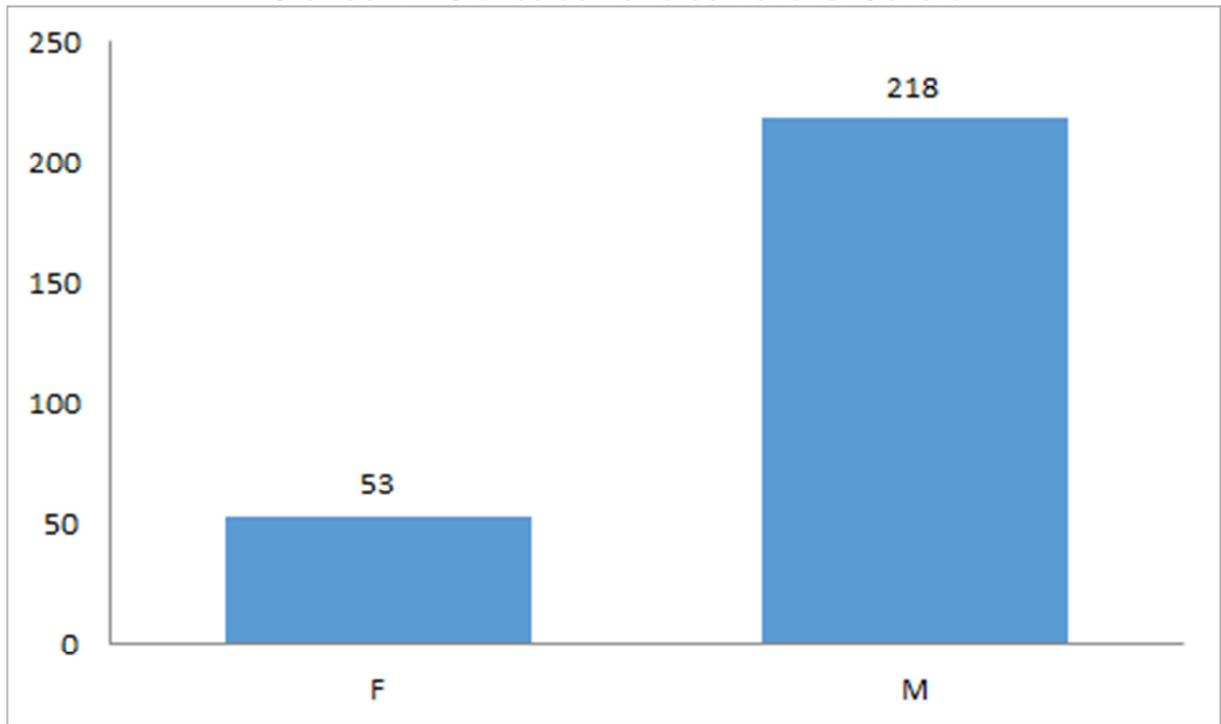
Gráfico 3 – Gráfico de Barra da Variável Reincidência por Qualquer Crime

Na variável reincidência genérica, têm-se fortes evidências de uma diferença significativa, com cerca de 83% dos réus não sendo reincidentes pelo mesmo crime, e somente 17,71% sendo reincidente pelo mesmo crime, como se pode observar na Tabela e Figura 3. Isso mostra que a maioria dos réus já se envolveu com algum tipo de crime.

5.1.2.1.1.4 Variável gênero

Tabela 4 – Frequência da Variável Gênero

Sexo	qtde.	%
F	53	19,56%
M	218	80,44%
Total Geral	271	100,00%

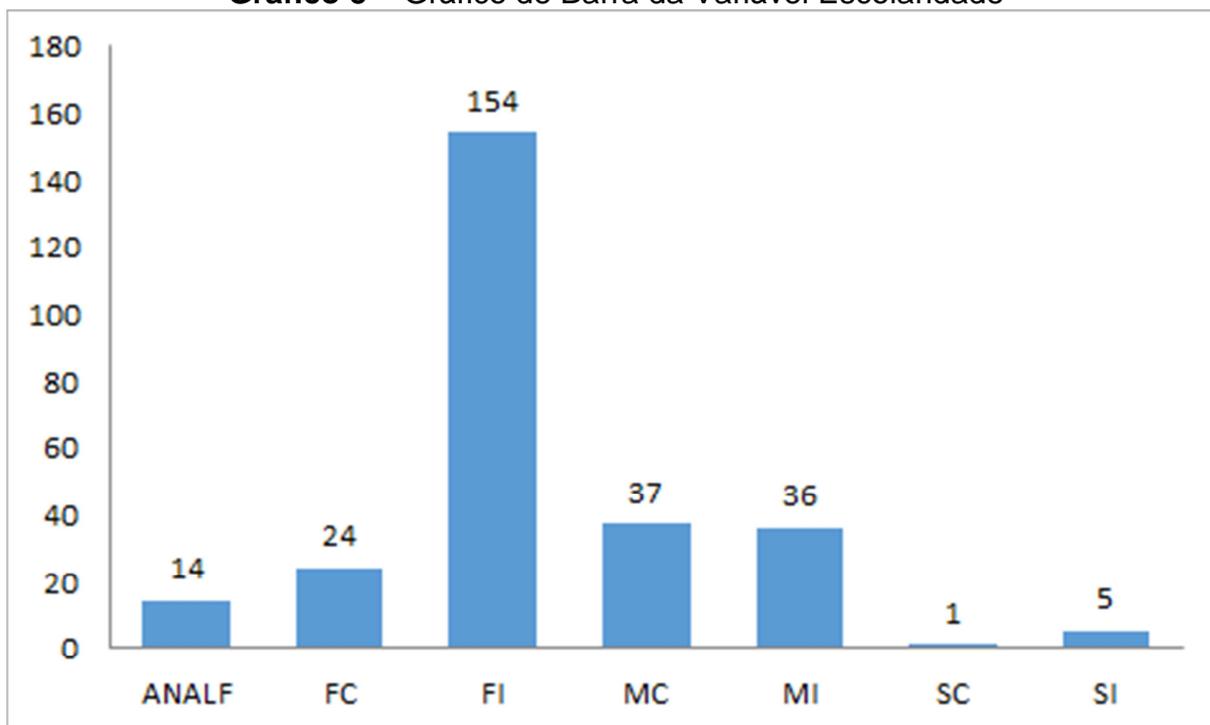
Gráfico 4 – Gráfico de Barra da Variável Gênero

Notoriamente, percebe-se que a maioria dos réus são homens, conforme se observa na Tabela e Figura 4, com cerca de 80%. Verifica-se uma forte relação entre o gênero masculino e o crime de tráfico.

5.1.2.1.1.5 Variável escolaridade

Tabela 5 – Frequência da Variável Escolaridade

Escolaridade	qtde.	%
Analfabeto	14	5,17%
Fundamental Completo	24	8,86%
Fundamental Incompleto	154	56,83%
Médio Completo	37	13,65%
Médio Incompleto	36	13,28%
Superior Completo	1	0,37%
Superior Incompleto	5	1,85%
Total Geral	271	100,00%

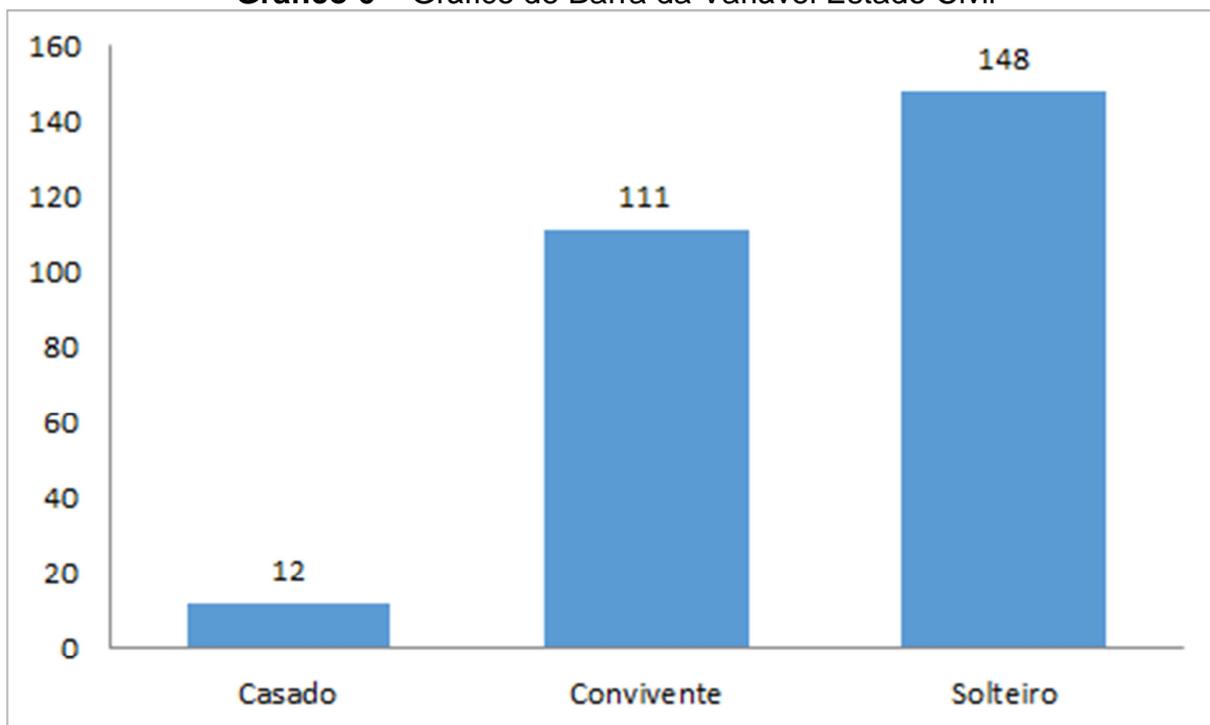
Gráfico 5 – Gráfico de Barra da Variável Escolaridade

Na Tabela e Figura 5, nota-se, quanto à variável escolaridade, que cerca de 84% dos réus não têm sequer o nível médio completo, enquanto 56,83% não têm ao menos o ensino fundamental completo, e apenas 0,37%, ou seja, 1 (um) réu tem nível superior completo, evidenciando bastante o baixíssimo nível de escolaridade dos réus e mostrando uma forte relação entre grau de escolaridade e o crime.

5.1.2.1.1.6 Variável estado civil

Tabela 6 – Frequência da Variável Estado Civil

Estado Civil	qtde.	%
Casado	12	4,43%
Convivente	111	40,96%
Solteiro	148	54,61%
Total Geral	271	100,00%

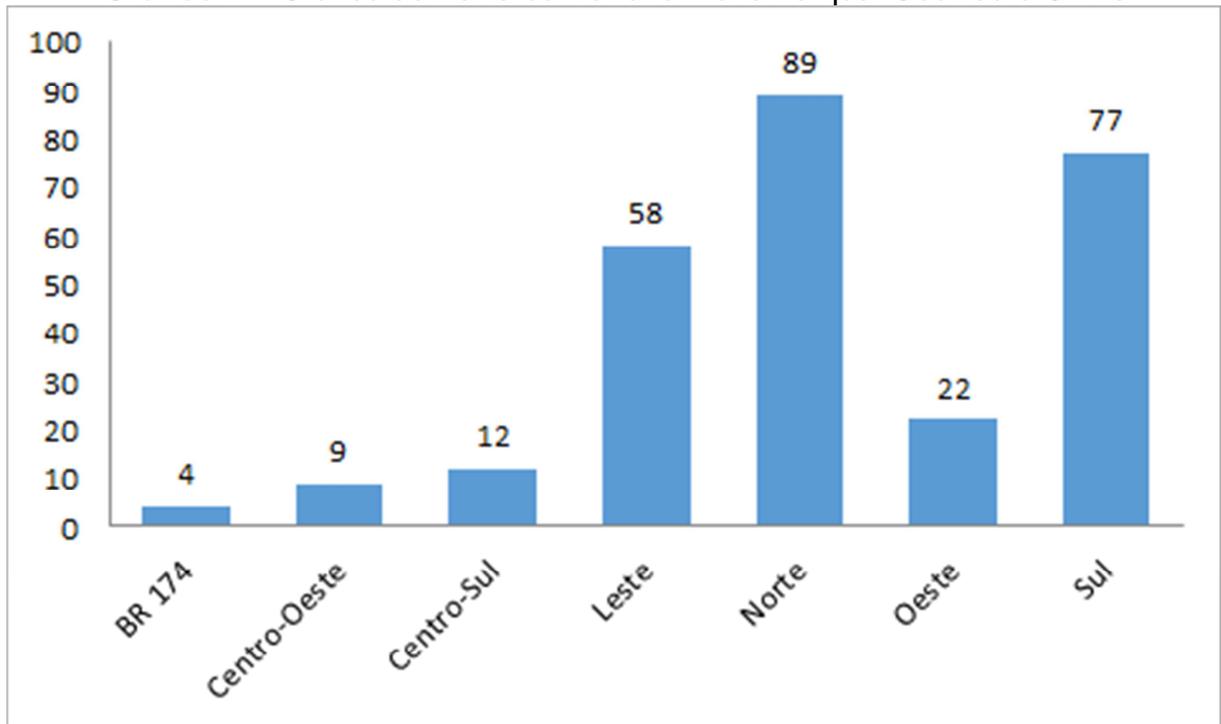
Gráfico 6 – Gráfico de Barra da Variável Estado Civil

Em relação à variável estado civil, têm-se cerca de 55% solteiros, 41% conviventes, e nota-se uma grande diferença em relação aos casados, que são apenas cerca de 4%, como se pode notar na Tabela e Figura 6, ou seja, a grande maioria não é casada.

5.1.2.1.1.7 Variável zona na qual ocorreu o crime

Tabela 7 – Frequência da Variável Zona na qual Ocorreu o Crime

Zona Crime	qtde.	%
BR-174	4	1,48%
Centro-Oeste	9	3,32%
Centro-Sul	12	4,43%
Leste	58	21,40%
Norte	89	32,84%
Oeste	22	8,12%
Sul	77	28,41%
Total Geral	271	100,00%

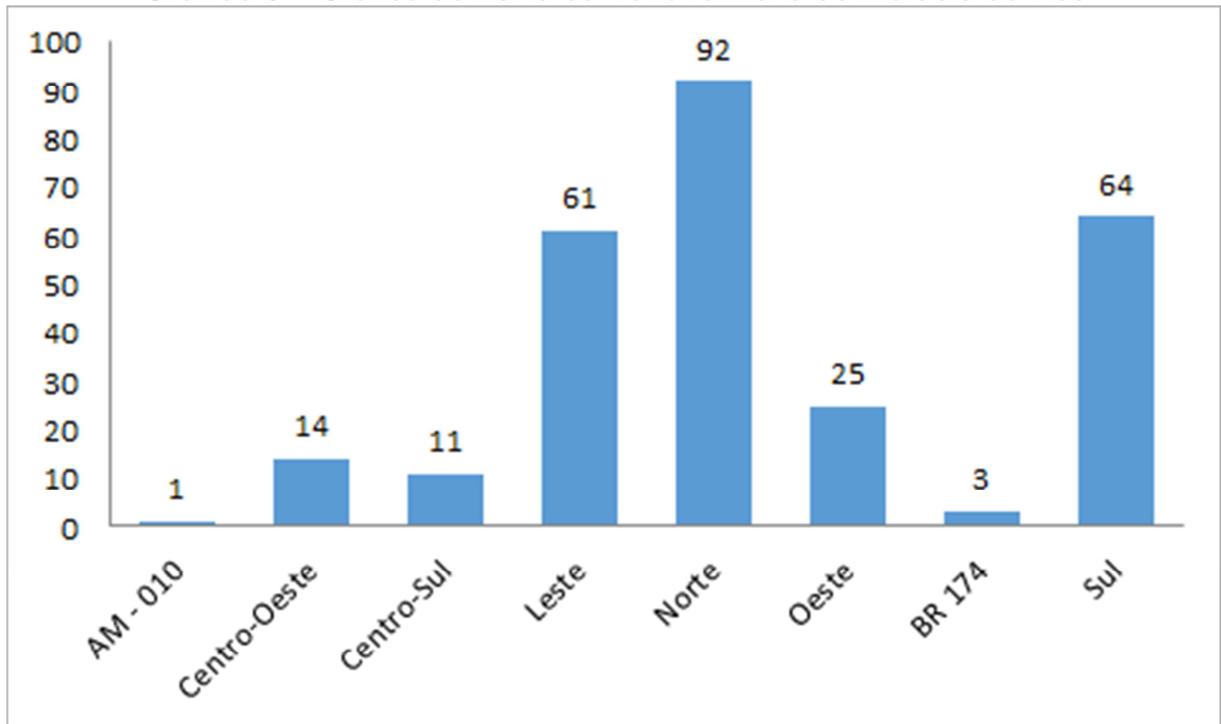
Gráfico 7 – Gráfico de Barra da Variável Zona na qual Ocorreu o Crime

Na Tabela e Figura 7, a variável “zona na qual ocorreu o crime” está bem concentrada entre as regiões leste da cidade, com 21,40%, norte, com 32,84%, e sul (28,41%); as demais regiões, somadas, não se equivalem nem à região leste.

5.1.2.1.1.8 Variável zona de moradia do réu

Tabela 8 – Frequência da Variável Zona de Moradia do Réu

Zona Moradia	qtde.	%
AM-010	1	0,37%
Centro-Oeste	14	5,17%
Centro-Sul	11	4,06%
Leste	61	22,51%
Norte	92	33,95%
Oeste	25	9,23%
BR-174	3	1,11%
Sul	64	23,62%
Total Geral	271	100,00%

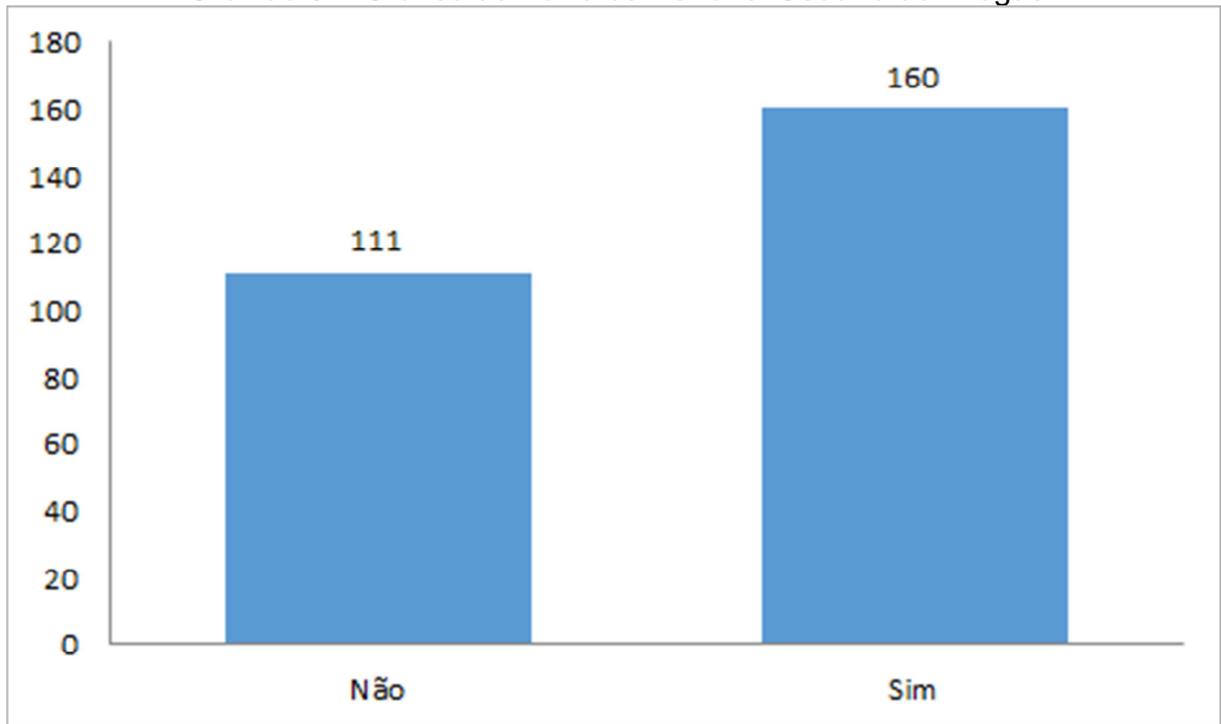
Gráfico 8 – Gráfico de Barra da Variável Zona de Moradia do Réu

Na Tabela e Figura 8, a variável “zona de moradia do réu” está bem concentrada entre as regiões, leste da cidade, com 22,51%, norte (33,95%) e sul (23,62%), praticamente a mesma concentração da variável “zona na qual ocorreu o crime”, evidenciando que o réu geralmente é preso na região onde reside.

5.1.2.1.1.9 Variável usuário de drogas

Tabela 9 – Frequência da Variável Usuário de Drogas

Usuário	qtde.	%
Não	111	40,96%
Sim	160	59,04%
Total Geral	271	100,00%

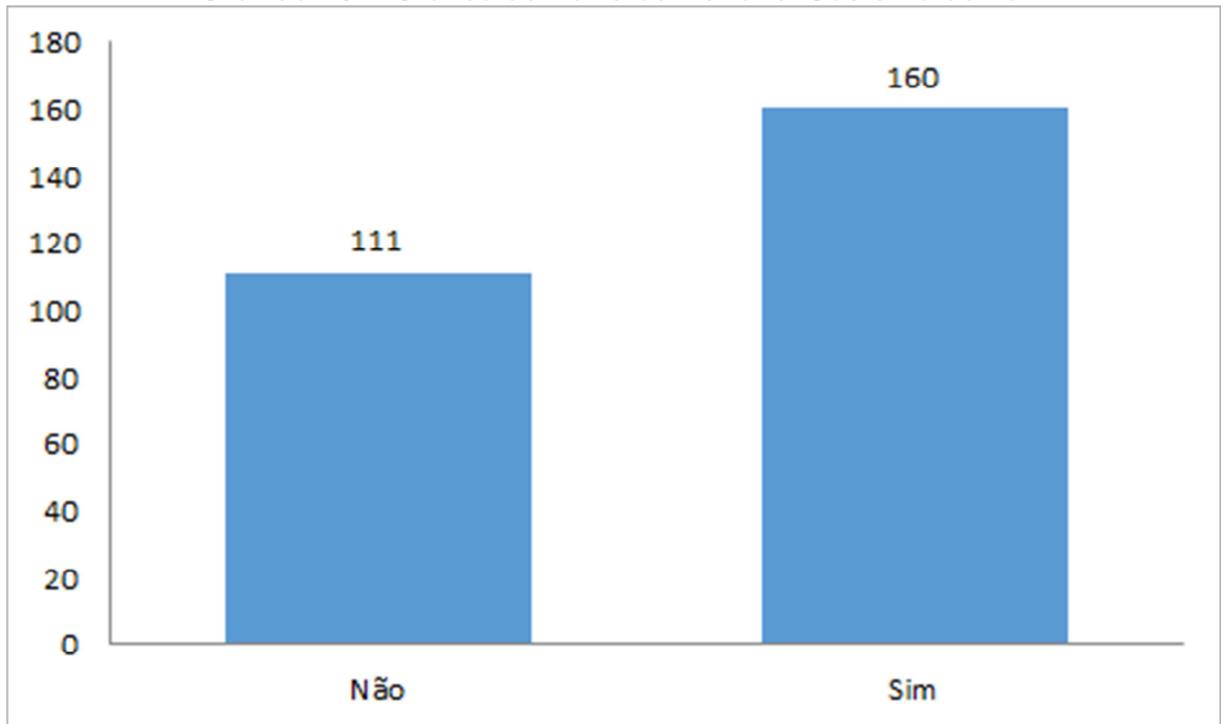
Gráfico 9 – Gráfico de Barra da Variável Usuário de Drogas

Nota-se que não há muita diferença entre a quantidade de réus usuários de drogas e não usuários: 40,96% dos réus não são usuários, e 59,04% são usuários, evidenciando uma divisão homogênea entre os não usuários e os usuários, conforme se observa na Tabela e Figura 9.

5.1.2.1.1.10 Variável sustento do lar

Tabela 10 – Frequência da Variável Sustento do Lar

Sustento do Lar	qtde.	%
Não	111	40,96%
Sim	160	59,04%
Total Geral	271	100,00%

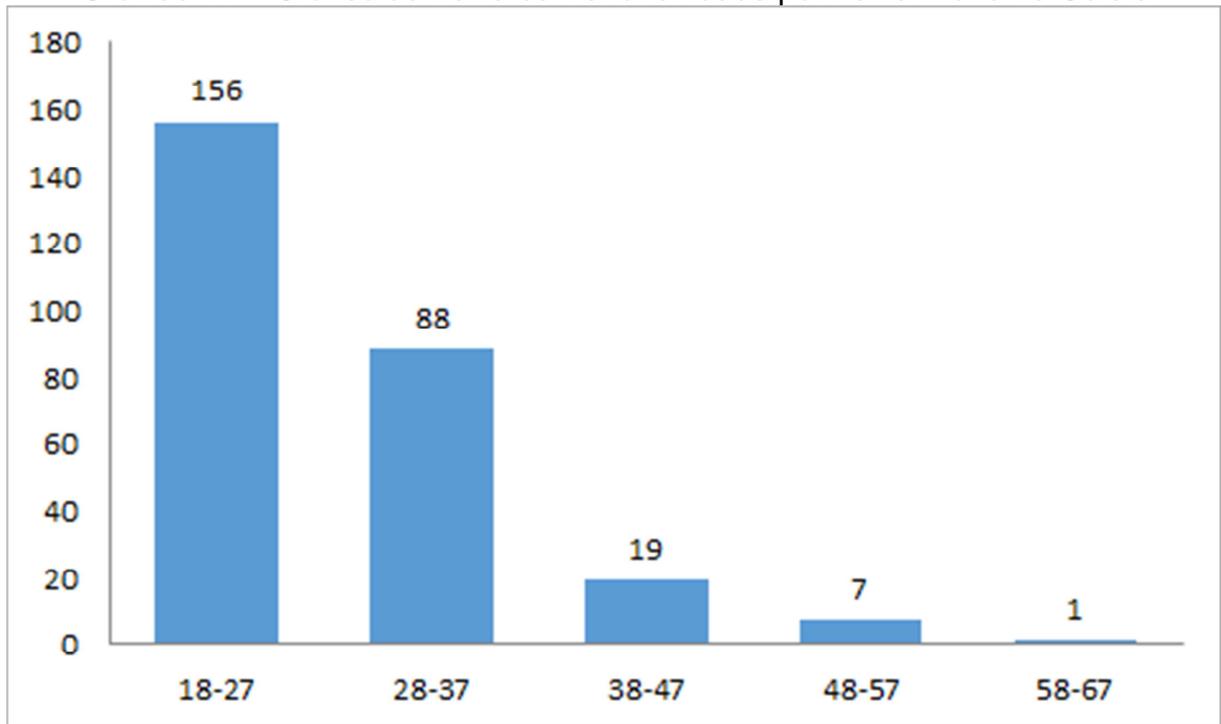
Gráfico 10 – Gráfico de Barra da Variável Sustento do Lar

Pode-se notar, pela Tabela e Figura 10, que a maioria dos réus, cerca de 60%, é responsável pelo sustento do seu lar, o que contrasta com o fato de uma grande parte ter uma relação familiar, segundo o verificado na Tabela 6, ou pelo menos um filho, conforme demonstra a Tabela 13, adiante.

5.1.2.1.1.11 Variável idade na coleta

Tabela 11 – Frequência da Variável Idade por Faixa Etária na Coleta

Idade Coleta	qtde.	%
18-27	156	57,56%
28-37	88	32,47%
38-47	19	7,01%
48-57	7	2,58%
58-67	1	0,37%
Total Geral	271	100,00%

Gráfico 11 – Gráfico de Barra da Variável Idade por Faixa Etária na Coleta

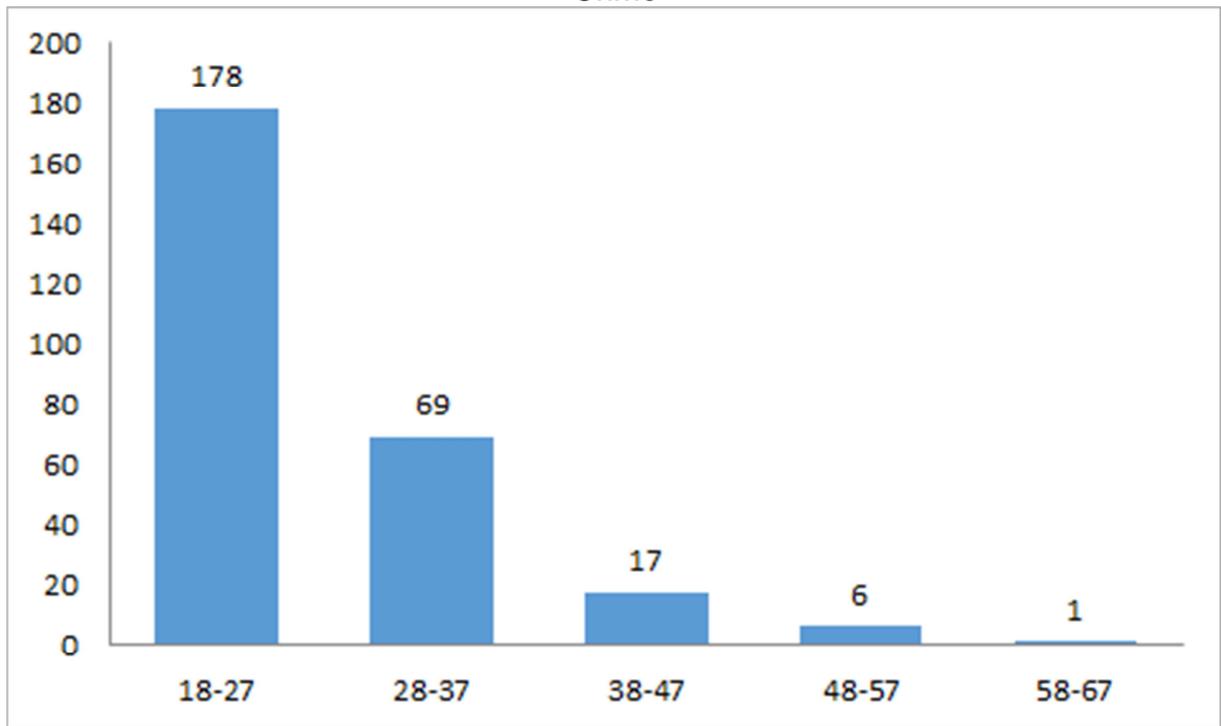
Nota-se, através da Tabela e Figura 11, que a variável “idade na coleta” mostra a maior concentração de réus com idade entre 18-27 anos, ou seja, 57,56%, e cerca de 33% com idade entre 28-37 anos, mostrando um caráter assimétrico na divisão das idades.

5.1.2.1.1.12 Variável idade no fato

Tabela 12 – Frequência da Variável Idade por Faixa Etária no Momento do Crime

Idade no Fato	qtde.	%
18-27	178	65,68%
28-37	69	25,46%
38-47	17	6,27%
48-57	6	2,21%
58-67	1	0,37%
Total Geral	271	100,00%

Gráfico 12 – Gráfico de Barra da Variável Idade por Faixa Etária no Momento do Crime

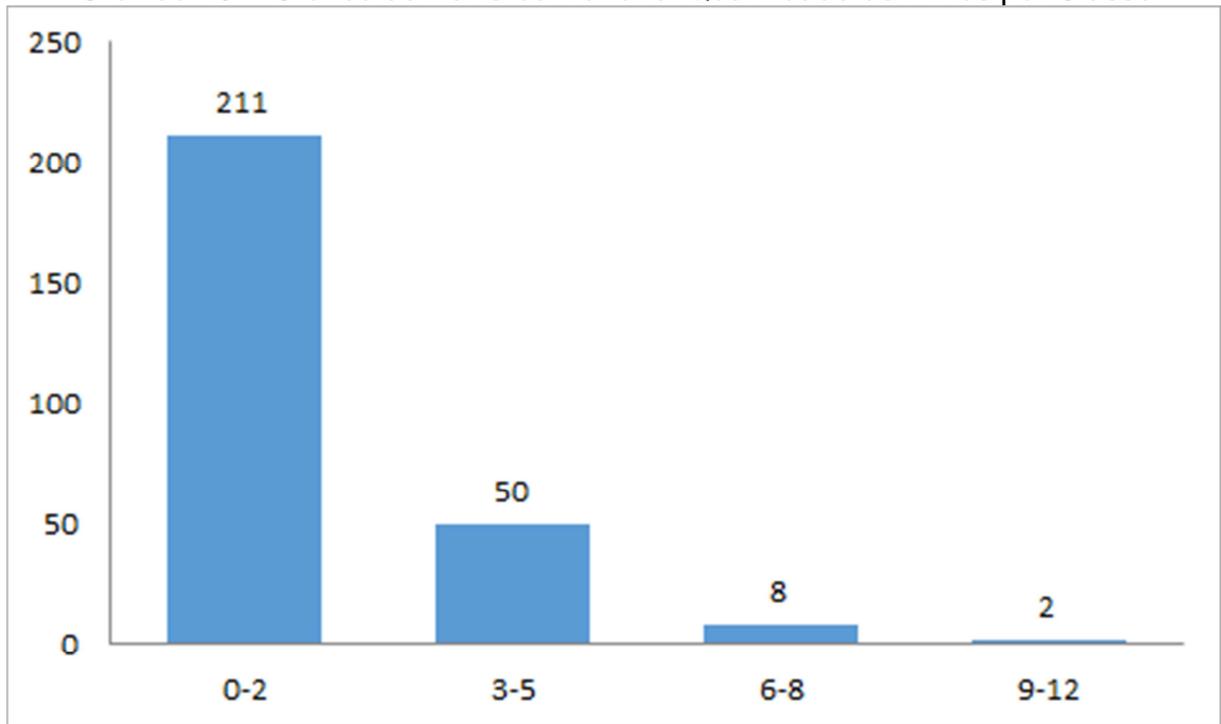


Nota-se, através da Tabela e Figura 12, que a variável idade no fato mostra a maior concentração de réus com idade entre 18-27 anos, ou seja, 65,68%, e cerca de 25% com idade entre 28-37 anos. Fazendo um comparativo entre “idade na coleta” e “idade no fato”, percebe-se que são muito parecidos os resultados em ambos os casos.

5.1.2.1.1.13 Variável quantidade de filhos

Tabela 13 – Frequência da Variável Quantidade de Filhos por Classe

Filhos	qtde.	%
0-2	211	77,86%
3-5	50	18,45%
6-8	8	2,95%
9-12	2	0,74%
Total Geral	271	100,00%

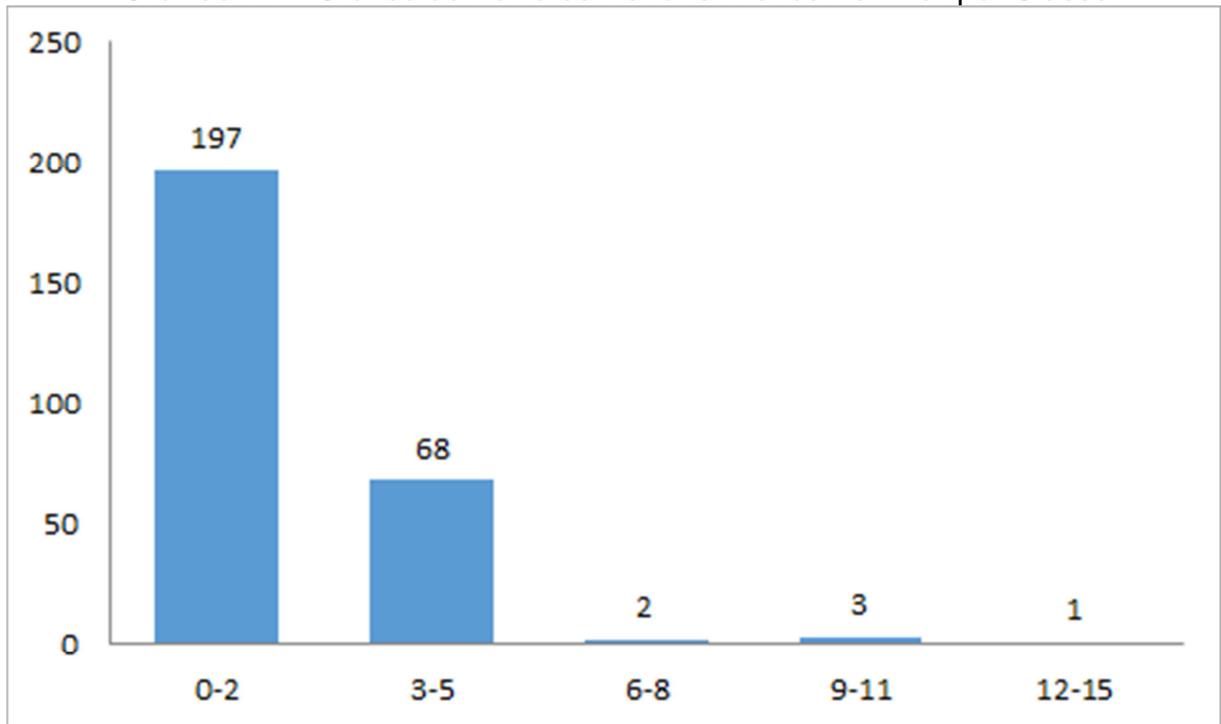
Gráfico 13 – Gráfico de Barra da Variável Quantidade de Filhos por Classe

Nota-se, a respeito da variável quantidade de filhos por classe, que cerca de 78% dos réus têm no máximo 2 filhos, e cerca de 19% têm de 3-5 filhos, conforme exemplifica a Tabela e Figura 13, evidenciando uma distribuição totalmente assimétrica dos dados.

5.1.2.1.1.14 Variável renda familiar

Tabela 14 – Frequência da Variável Renda Familiar por Classe

Renda Familiar (Salário Mínimo)	qtde.	%
0-2	197	72,69%
3-5	68	25,09%
6-8	2	0,74%
9-11	3	1,11%
12-15	1	0,37%
Total Geral	271	100,00%

Gráfico 14 – Gráfico de Barra da Variável Renda Familiar por Classe

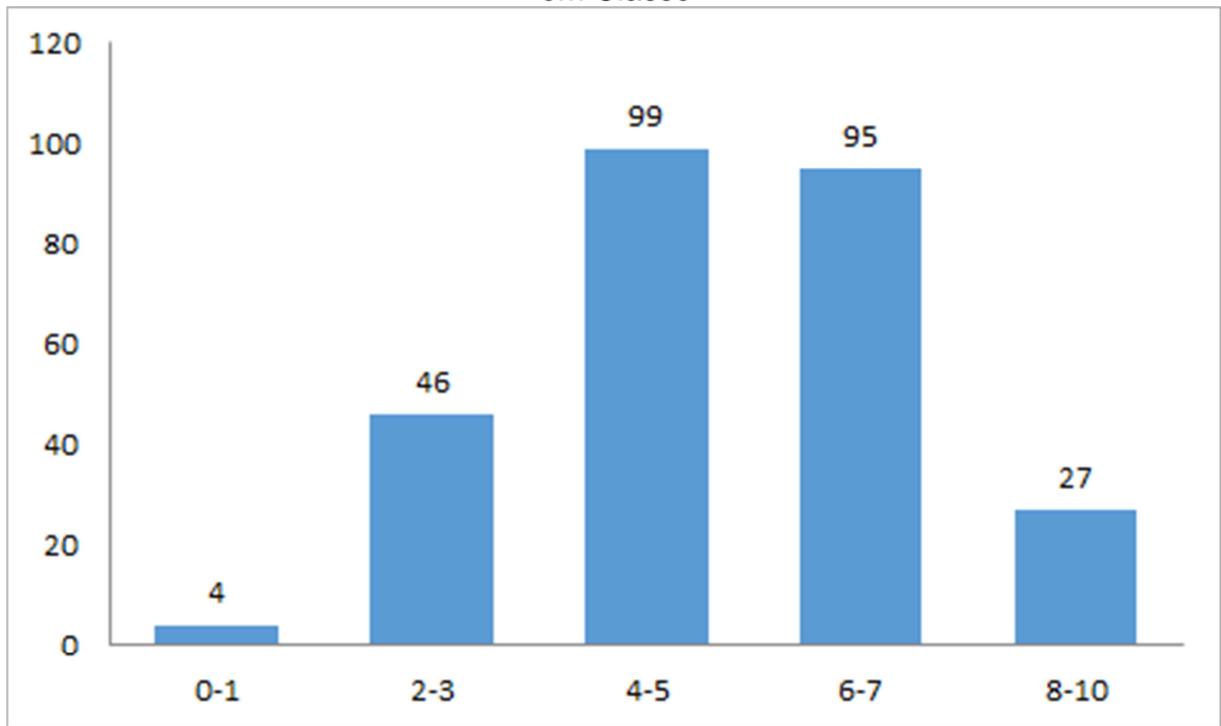
Sobre a variável renda familiar, percebe-se a baixa renda dos réus, cerca de 98% recebem no máximo 5 salários mínimos, e 72,69% recebem no máximo 2 salários, conforme nota-se na Tabela e Figura 14, ficando clara a baixa renda da grande maioria dos réus.

5.1.2.1.1.15 Variável idade no fato

Tabela 15 – Frequência da Variável Quantidade de Pessoas por Residência em Classe

Pessoas na Residência	qtde.	%
0-1	4	1,48%
2-3	46	16,97%
4-5	99	36,53%
6-7	95	35,06%
8-10	27	9,96%
Total Geral	271	100,00%

Gráfico 15 – Gráfico de Barra da Variável Quantidade de Pessoas por Residência em Classe



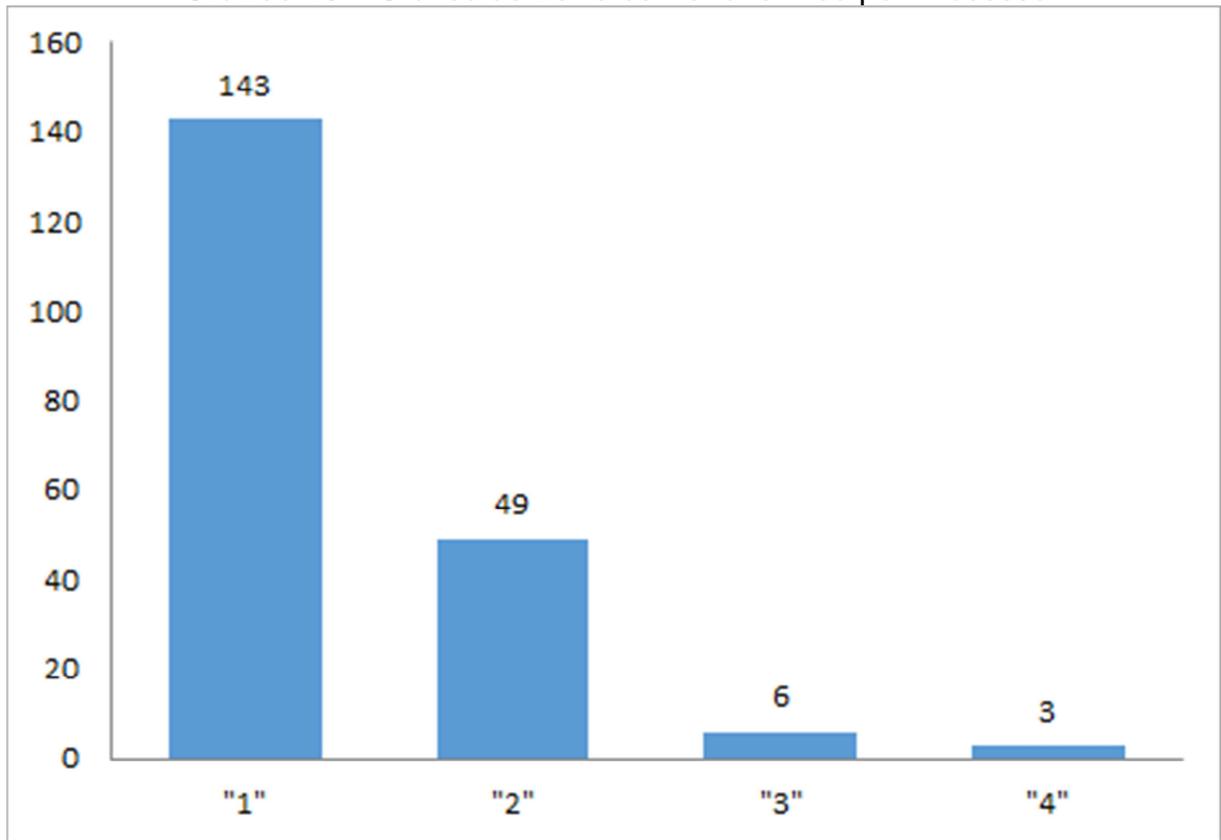
Na Tabela e Figura 15, a variável “quantidade de pessoas por residência em classe”, têm-se cerca de 72% dos réus com o número de 4 a 7 pessoas em casa, apenas cerca de 18% com até 3 pessoas, e 9,96% com 8 a 10 pessoas. Pode-se observar uma certa simetria na variável em questão.

5.1.2.1.2 Análise descritiva dos Processos

5.1.2.1.2.1 Variável quantidade de réus

Tabela 16 – Frequência da Variável Réu por Processo

Quantidade de Réus	qtde.	%
"1"	143	71,14%
"2"	49	24,38%
"3"	6	2,99%
"4"	3	1,49%
Total Geral	201	100,00%

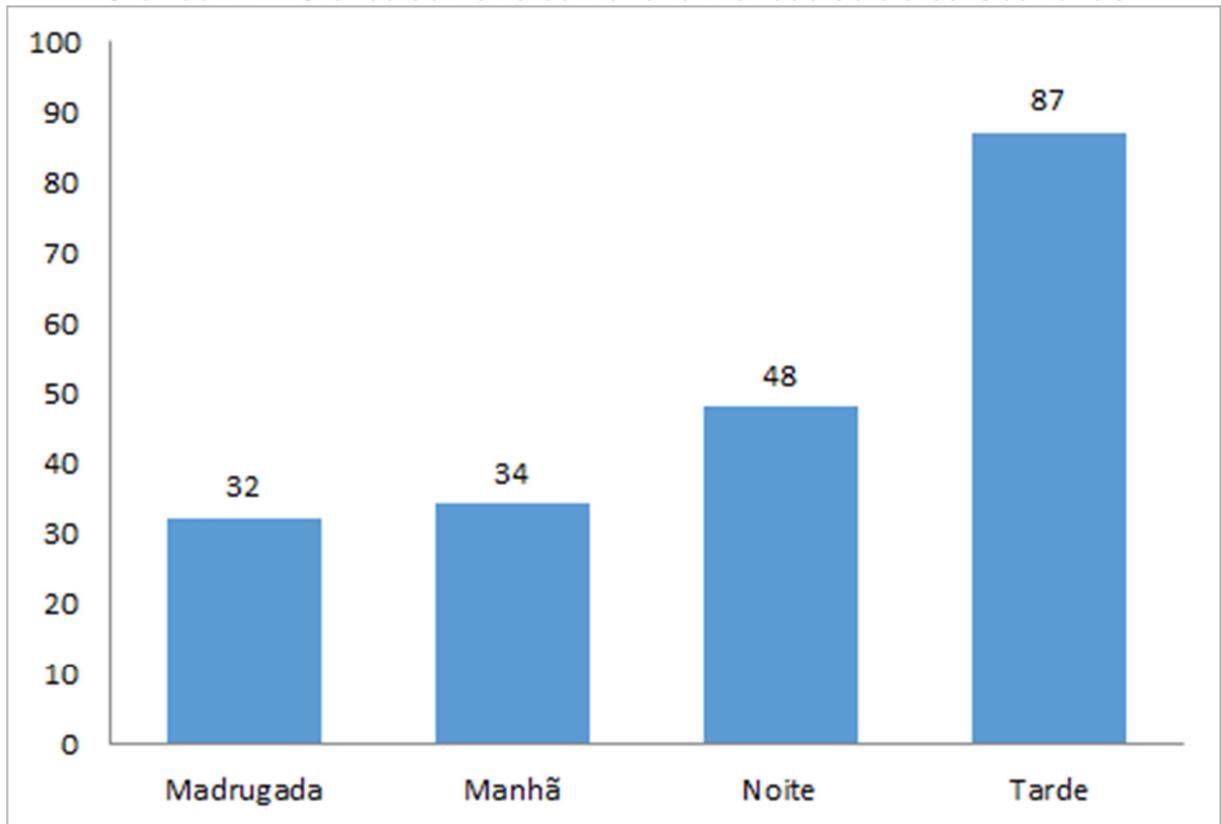
Gráfico 16 – Gráfico de Barra da Variável Réu por Processo

Na maioria dos processos, tem-se apenas 1(um) réu por processo, ou seja, cerca de 72% dos processos, nos demais têm-se no máximo 4 réus, como se pode notar na Tabela e Figura 16. Geralmente os indivíduos envolvidos no processo atuam sozinhos.

5.1.2.1.2.2 Variável período do dia

Tabela 17 – Frequência da Variável Período do dia da Ocorrência

Período do Dia	qtde.	%
Madrugada	32	15,92%
Manhã	34	16,92%
Noite	48	23,88%
Tarde	87	43,28%
Total Geral	201	100,00%

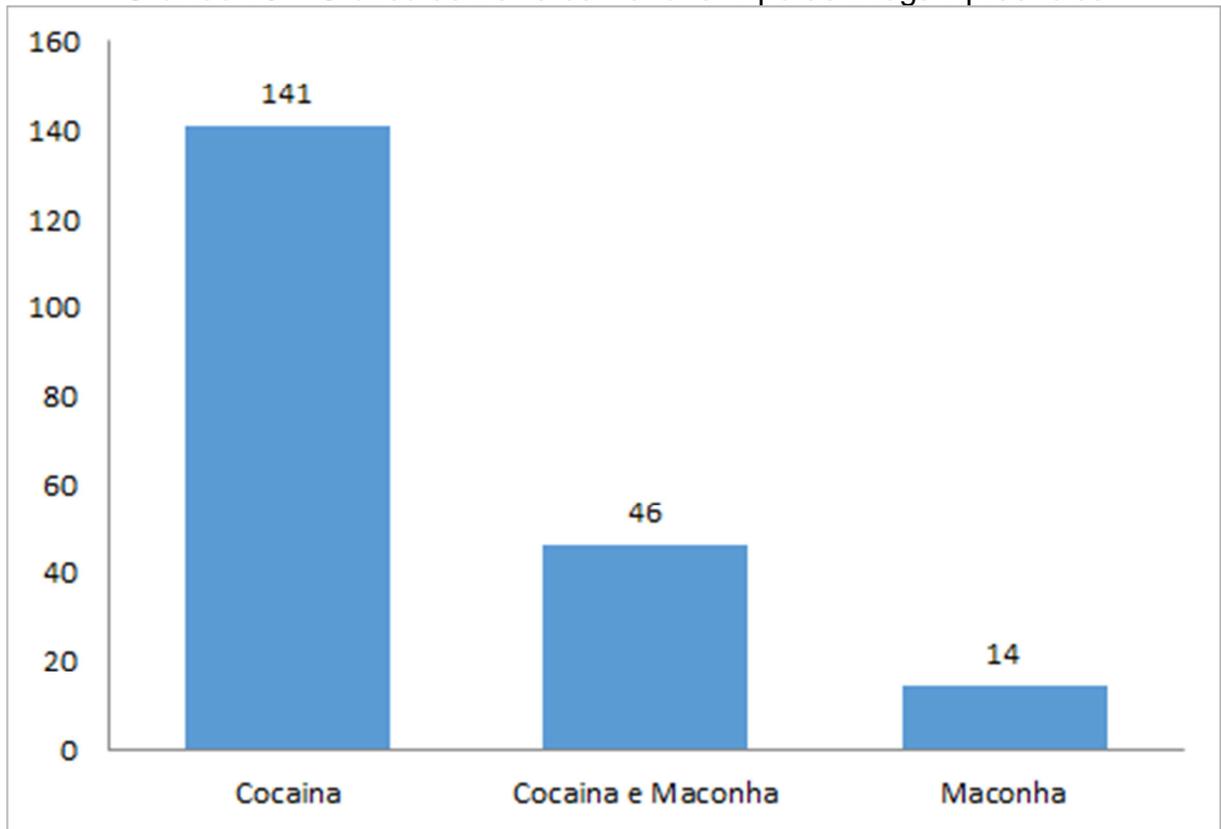
Gráfico 17 – Gráfico de Barra da Variável Período do dia da Ocorrência

A maioria das ocorrências foi registrada no período da tarde, cerca de 43,28%, logo em seguida, nota-se o período da noite com 23,88%, conforme exemplifica a Tabela e Figura 17. Ressalta-se que essa variável não está ligada diretamente com a venda da droga e sim com o ato da prisão.

5.1.2.1.2.3 Variável tipo de droga

Tabela 18 – Frequência da Variável Tipo de Droga Apreendida

Droga	qtde.	%
Cocaína	141	70,15%
Cocaína e Maconha	46	22,89%
Maconha	14	6,97%
Total Geral	201	100,00%

Gráfico 18 – Gráfico de Barra da Variável Tipo de Droga Apreendida

Na Tabela e Figura 18, verifica-se, quanto à variável droga, que 70,15% dos réus foram pegos com cocaína, e 22,89% com cocaína e maconha, deixando evidente que cerca de 93% dos réus estavam com, no “mínimo”, cocaína quando foram presos, mostrando o claro envolvimento dos réus com a comercialização da cocaína.

5.1.2.1.3 Cruzamentos

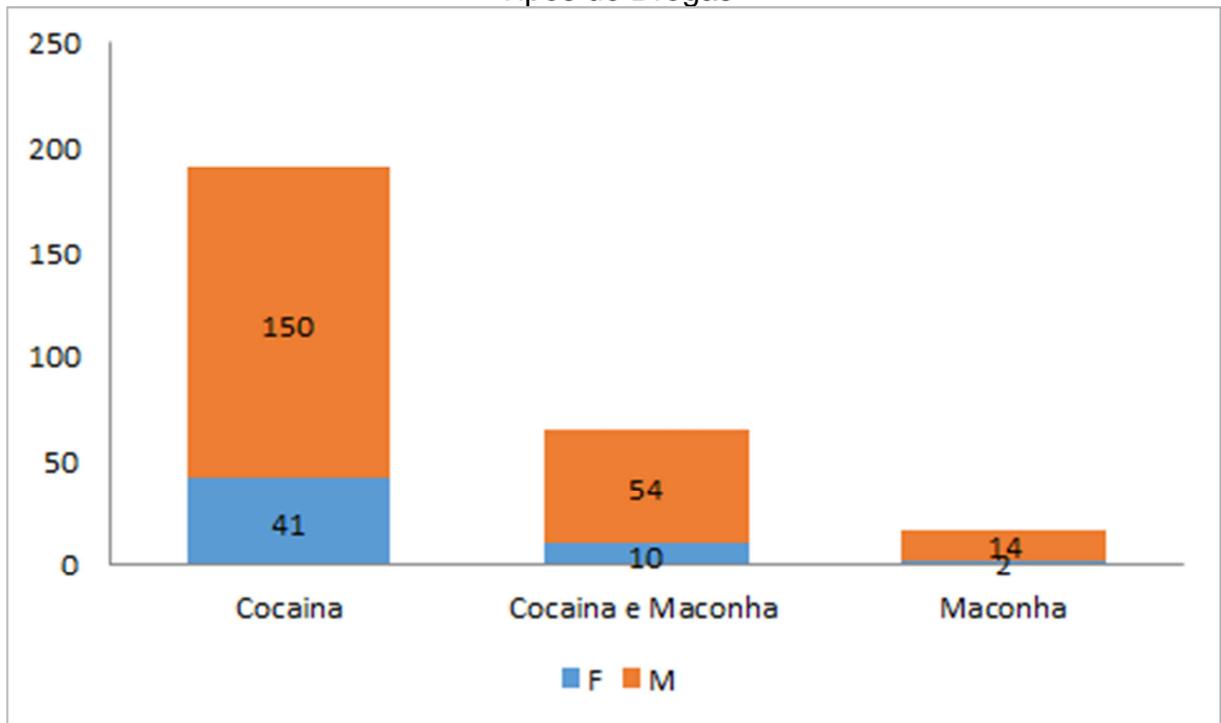
5.1.2.1.3.1 Gênero vs Tipos de Droga

Tabela 19 – Cruzamento entre as Variáveis Gênero e Tipos de Drogas

Gênero	Tipos de Drogas			Total Geral
	Cocaína	Cocaína e Maconha	Maconha	
F	41	10	2	53
M	150	54	14	218
Total Geral	191	64	16	271

Teste exato de Fisher pvalor = 0.5482186

Gráfico 19 – Gráfico de Barra Sobreposta do Cruzamento das Variáveis Gênero e Tipos de Drogas



Na Tabela 19, observa-se a relação de cruzamento entre as variáveis “Tipos de Drogas” e “Gênero”. Essa tabela é bem interessante para se verificar a interação entre essas variáveis em forma de frequências absolutas. A Tabela 19 mostra que a grande maioria são de réus do gênero masculino, os quais traficavam apenas cocaína, representando mais que a metade dos entrevistados, o que fica evidente quando olhamos a ilustração gráfica do Gráfico 19.

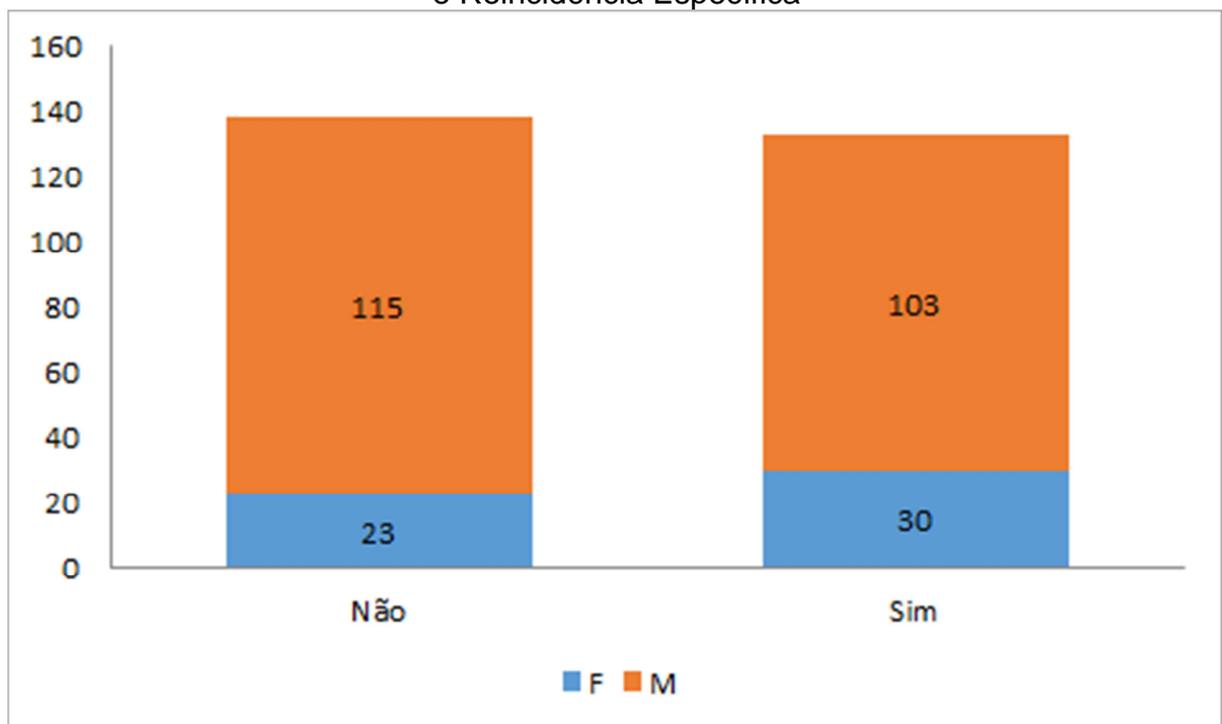
Nota-se que, apesar das frequências entre as classes da variável “Tipo de Drogas” para homens e mulheres serem muito distintas, deve-se levar em consideração o tamanho de cada subpopulação (218 homens e 53 mulheres) e avaliar a diferença sobre esse contexto, o que dá uma ideia de igualitária entre a divisão das frequências. Outra informação muito importante é o pvalor do teste Exato de Fisher, que foi de 0,54, maior que o nível de significância do teste, o que significa que não é rejeitada a hipótese nula (H_0), ou seja, não existe diferença entre o “Tipo de tráfico” e o Gênero, homens e mulheres geralmente têm o mesmo perfil de tráfico.

5.1.2.1.3.2 Gênero vs Reincidência Específica

Tabela 20 – Cruzamento entre as Variáveis Gênero e Reincidência Específica

Sexo	Reincidência		Total Geral
	Não	Sim	
F	23	30	53
M	115	103	218
Total Geral	138	133	271

Teste exato de Fisher pvalor = 0.2835573

Gráfico 20 – Gráfico de Barra Sobreposta do Cruzamento entre as Variáveis Gênero e Reincidência Específica

Na Tabela 20, pode-se observar que, quando se trata da variável “reincidência específica”, existe um padrão de igualdade para o gênero, quando avaliado o cruzamento, levando em consideração que o tamanho amostral de homens é bem maior que o de mulheres.

Essa proporção é avaliada de uma melhor forma quando se fixam os níveis de uma variável e se observa o comportamento das porcentagens associadas a outras, por exemplo, entre as mulheres, 56,6% são reincidentes e 43,4% não são

(praticamente meio a meio), e 53,5% são reincidentes e 46,5% não são, ou seja, um padrão bem homogêneo, apontando assim a ausência de uma relação entre essas variáveis. Além da análise descritiva, é importante também observar o pvalor do teste Exato de Fisher, que, para esse exemplo, foi de $0,28 > 0,05$, levando à não rejeição da hipótese nula, ou seja, realmente, como se havia observado no Gráfico e Tabela 20, não existe relação entre a reincidência específica e o gênero.

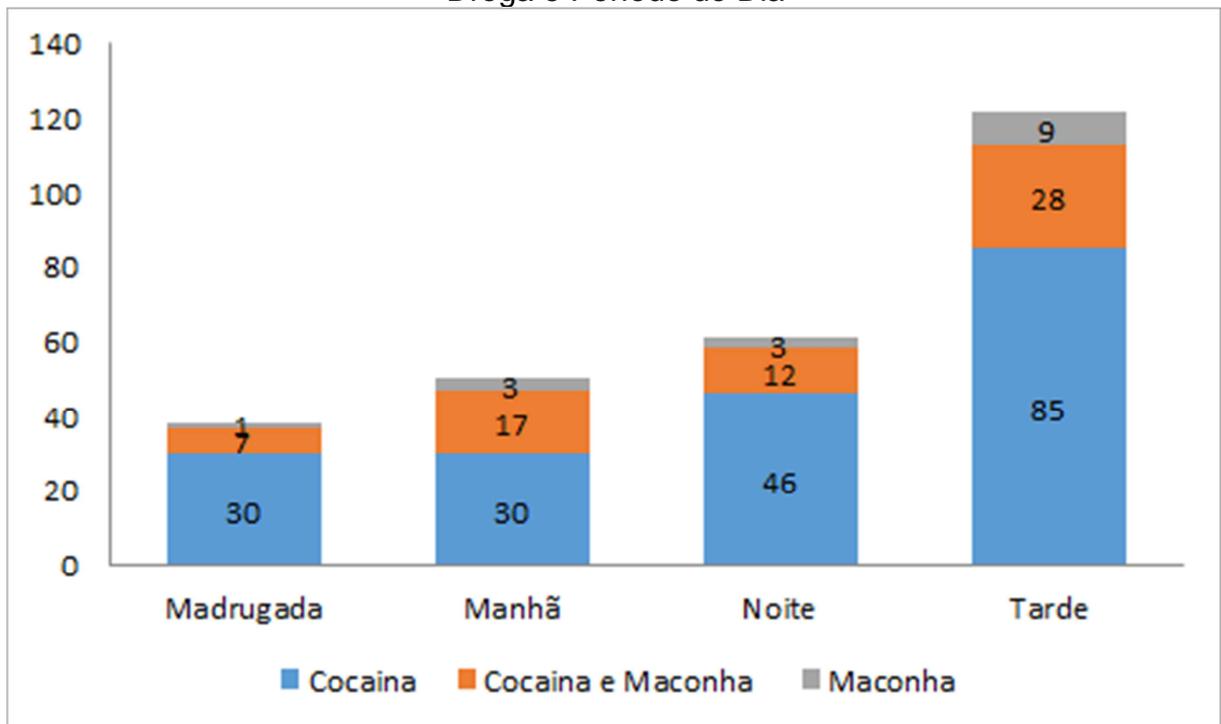
5.1.2.1.3.3 Tipo de Droga vs Período do dia

Tabela 21 – Cruzamento entre as Variáveis Tipo de Droga e Período do Dia

Tipo de Droga	Período do Dia				Total Geral
	Madrugada	Manhã	Noite	Tarde	
Cocaína	30	30	46	85	191
Cocaína e Maconha	7	17	12	28	64
Maconha	1	3	3	9	16
Total Geral	38	50	61	122	271

Teste exato de Fisher pvalor = 0.5098134

Gráfico 21 – Gráfico de Barra Sobreposta do Cruzamento entre as Variáveis Tipo de Droga e Período do Dia



Na Tabela 21, pode-se observar o cruzamento entre as variáveis “Tipo de Droga” e a variável “Período do dia em que foi preso”. Nota-se que, independente do período do dia em que o réu foi preso, a proporção da frequência de tipos diferentes de drogas é muito parecida, evidenciando uma ausência de relação entre as mesmas. Isso fica muito claro quando se verifica o Gráfico 21.

Juntamente com a análise gráfica, tem-se também o pvalor do teste Exato de Fisher, que foi menor que o nível de significância de (5%), o que leva à conclusão de que, independente do período do dia, a proporção de tipos diferentes de drogas traficadas é o mesmo, ou seja, não existe relação entre essas variáveis.

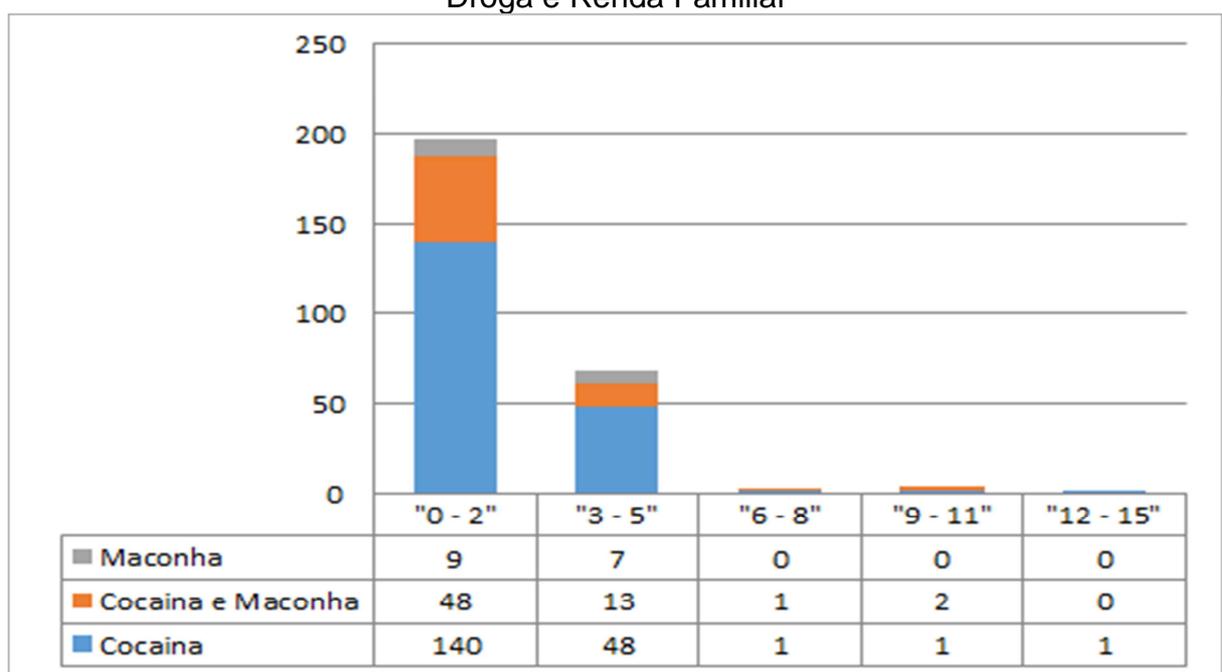
5.1.2.1.3.4 Tipo de Droga vs Renda Familiar

Tabela 22 – Cruzamento entre as Variáveis Tipo de Droga e Renda Familiar

Tipo de Droga	Renda Familiar (salário mínimo)					Total Geral
	"0 - 2"	"3 - 5"	"6 - 8"	"9 - 11"	"12 - 15"	
Cocaína	140	48	1	1	1	191
Cocaína e Maconha	48	13	1	2	0	64
Maconha	9	7	0	0	0	16
Total Geral	197	68	2	3	1	271

Teste exato de Fisher pvalor = 0.279711

Gráfico 22 – Gráfico de Barra Sobreposta do Cruzamento entre as Variáveis Tipo de Droga e Renda Familiar



A Tabela 22 mostra o cruzamento das variáveis “Tipo de Drogas” e “Renda Familiar” (em salários mínimos). Note que a grande maioria recebe entre zero e dois salários mínimos (a primeira barra do Gráfico 22). Para os dois primeiros níveis da variável renda, fica evidente, no Gráfico 22, a distribuição igualitária nas proporções da variável “Tipo de Drogas”, o que dá uma ideia de ausência de relação entre as variáveis. Porém, para confirmar essa ausência, é necessário observar o pvalor do teste, que foi de 0,27, um valor menor que o nível de significância de 5%, levando à conclusão de que, independente da renda dos réus, eles traficam proporcionalmente a mesma classe de drogas.

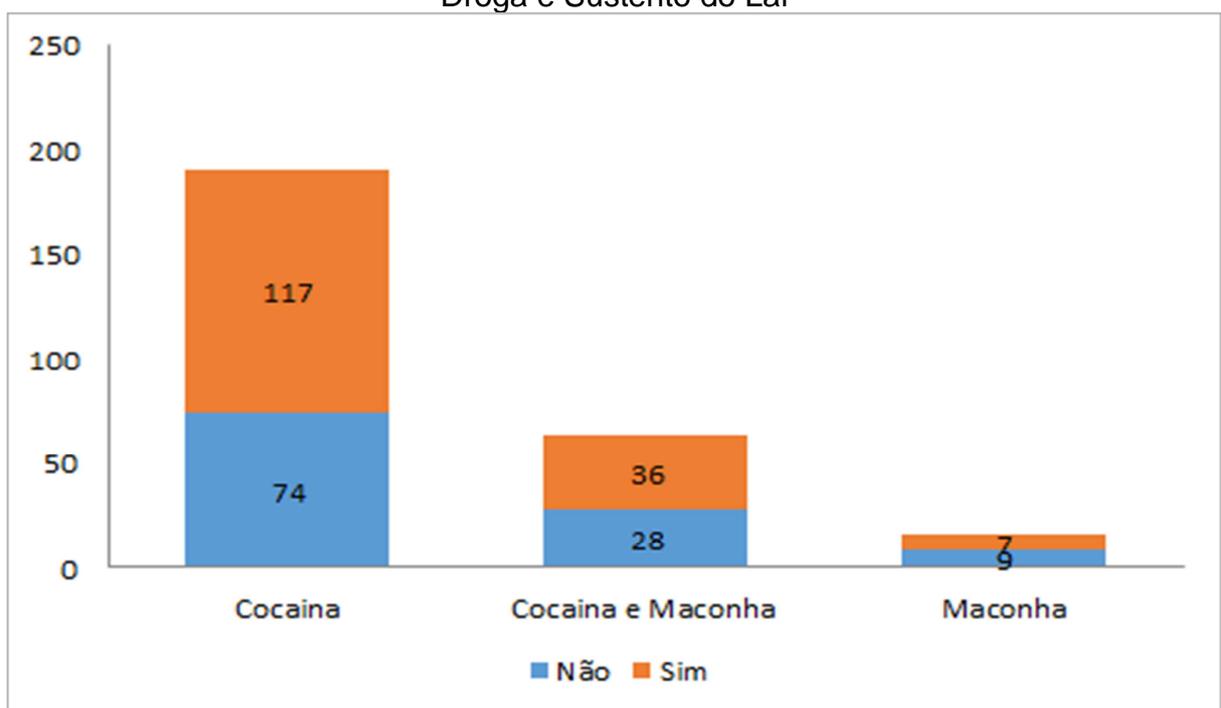
5.1.2.1.3.5 Tipo de Droga vs Sustento do Lar

Tabela 23 – Cruzamento entre as Variáveis Tipo de Droga e Sustento do Lar

Tipo de Droga	Sustento do Lar		Total Geral
	Não	Sim	
Cocaína	74	117	191
Cocaína e Maconha	28	36	64
Maconha	9	7	16
Total Geral	111	160	271

Teste exato de Fisher pvalor = 0.3366047

Gráfico 23 – Gráfico de Barra Sobreposta do Cruzamento entre as Variáveis Tipo de Droga e Sustento do Lar



Na Tabela 23, pode-se observar o cruzamento das variáveis “Tipo de Drogas” e “Sustento do Lar”, em que se pode notar que, assim como nos demais cruzamentos, é fácil perceber um padrão homogêneo entre a distribuição da frequência da variável “Sustento do Lar” pelos níveis da variável “Tipo de Drogas” (evidente nas colunas do Gráfico 23). Esse padrão de igualdade, juntamente com a não rejeição da hipótese nula, leva à decisão de que não existe relação entre estas variáveis, ou seja, o fato de o réu ser o sustento do seu lar não interfere no tipo de droga que ele trafica.

Análise Extra

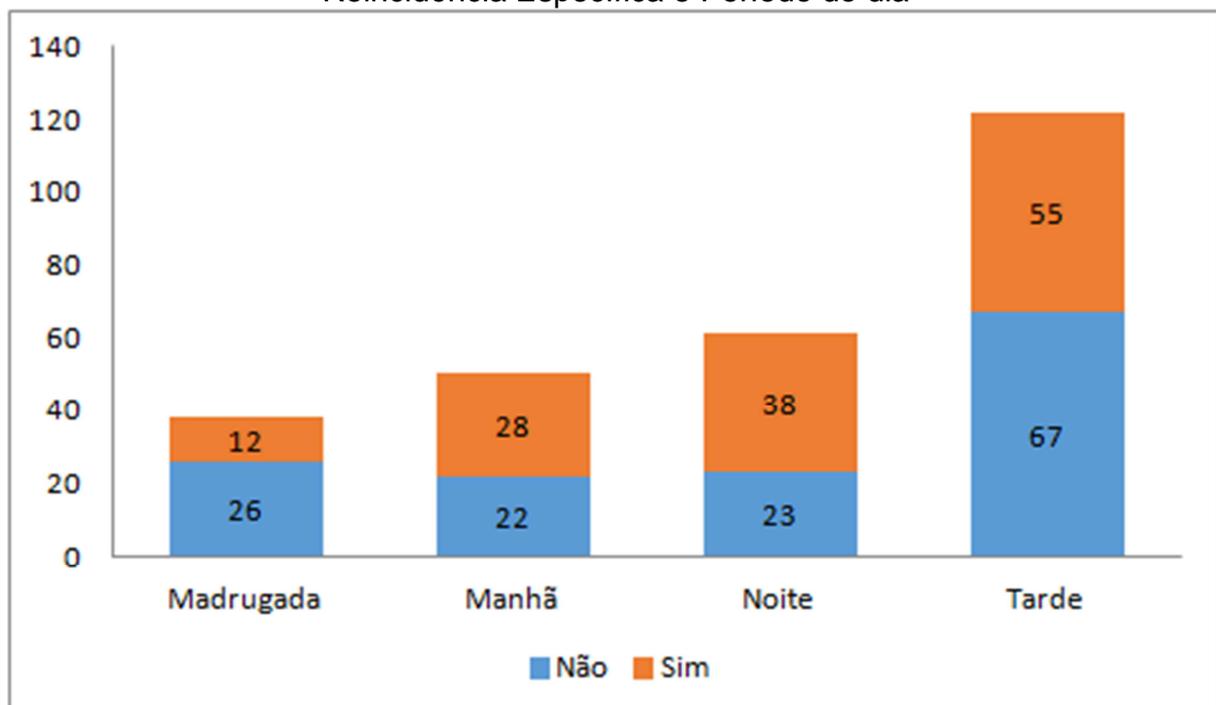
5.1.2.1.3.6 Período do dia vs Reincidência Específica

Tabela 24 – Cruzamento entre a variável Reincidência Específica e Período do dia

Reincidência Específica	Período do Dia				Total geral
	Madrugada	Manhã	Noite	Tarde	
Não	26	22	23	67	138
Sim	12	28	38	55	133
Total geral	38	50	61	122	271

Teste exato de Fisher pvalor = 0.01359668

Gráfico 24 – Gráfico de barras sobrepostas para o cruzamento entre a variável Reincidência Específica e Período do dia



Pode-se observar na Tabela 24 que houve uma boa divisão das frequências. Cabe notar a relação inversa na quantidade de Não reincidentes que foram presos de madrugada e à tarde em comparação com os que foram presos à noite e à tarde, representando um sinal claro de que, ser reincidente ou não influi no período em que ele foi preso, ou seja, há uma clara relação de dependência entre as variáveis em questão. Além da análise visual temos o teste Exato, que teve um pvalor igual a 0.0139, que é menor que o nível de significância do teste, ou seja, rejeita-se H_0 e conclui-se que as variáveis “Reincidência Específica” e “Período do Dia” tem uma forte relação.

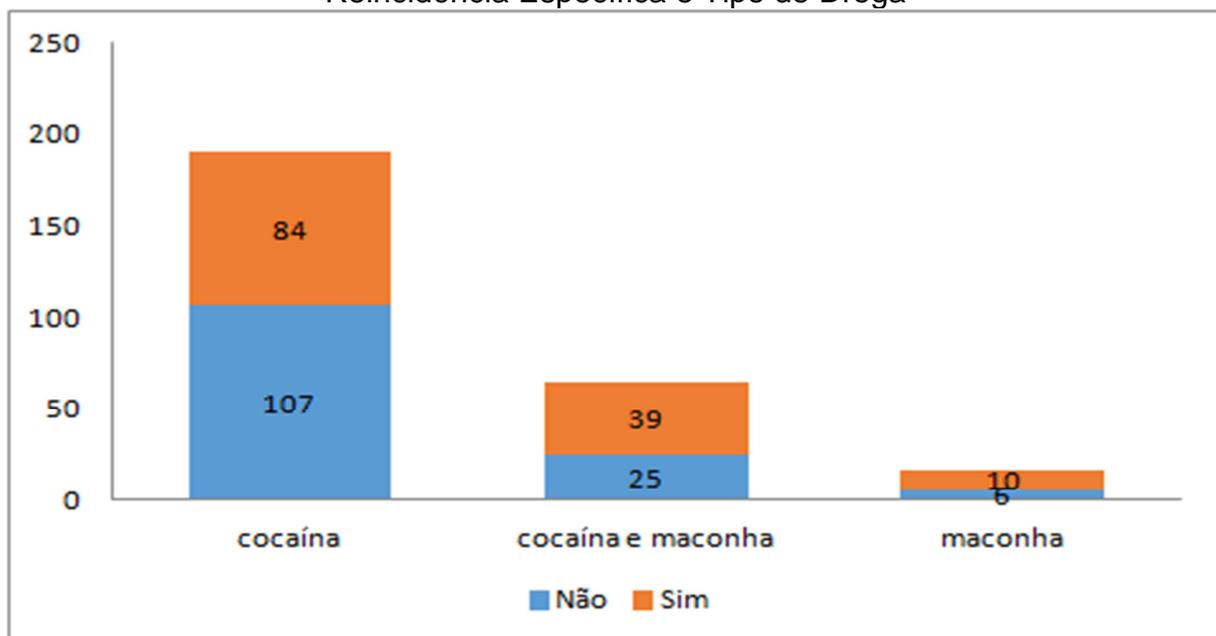
5.1.2.1.3.7 Tipo de Drogas vs Reincidência Específica

Tabela 25 – Cruzamento entre as variáveis Reincidência Específica e Tipo de Droga

Reincidência Específica	Tipos de Drogas			Total geral
	cocaína	cocaína e maconha	maconha	
Não	107	25	6	138
Sim	84	39	10	133
Total geral	191	64	16	271

Teste exato de Fisher pvalor = 0.0344272

Gráfico 25 – Gráfico de barras sobrepostas para o cruzamento entre as variáveis Reincidência Específica e Tipo de Droga



Assim como na Tabela 24, a Tabela 25 mostra também um relação inversa quando observados os níveis “cocaína e maconha” e “maconha”, para as quais tem-se uma maior frequência para os reincidentes, e quando focado o tráfico apenas de “cocaína”, a maioria é de não reincidentes específicos. O teste exato de Fisher teve $p\text{valor} = 0.034 < 0.05$, levando à rejeição de H_0 , ou seja, as proporções da variável “Reincidência Específica” condicionadas aos níveis da variável “Tipo de Droga” são diferentes, levando à conclusão de que existe influência de uma sobre a outra.

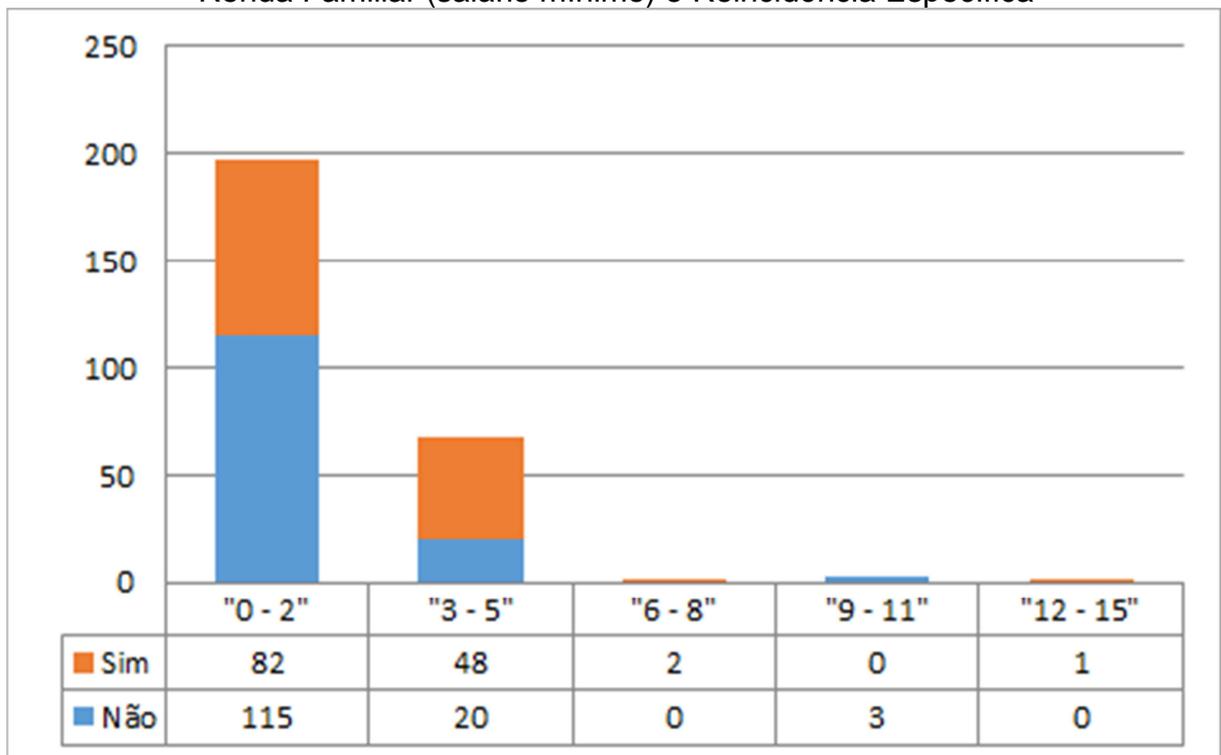
5.1.2.1.3.8 Renda Familiar (salário mínimo) vs Reincidência Específica

Tabela 26 – Cruzamento entre as variáveis Renda Familiar (salário mínimo) e Reincidência Específica

Reincidência Específica	Renda Familiar (salário mínimo)					Total geral
	"0 - 2"	"3 - 5"	"6 - 8"	"9 - 11"	"12 - 15"	
Não	115	20	0	3	0	138
Sim	82	48	2	0	1	133
Total geral	197	68	2	3	1	271

Teste exato de Fisher pvalor = 0.00001219

Gráfico 26 – Gráfico de barras sobrepostas para o cruzamento entre as variáveis Renda Familiar (salário mínimo) e Reincidência Específica



É clara a relação das variáveis “Reincidência Específica” e “Renda Familiar” como se pode verificar no Gráfico, notando-se que, para as duas barras principais, que representam as frequências dos réus que têm renda entre 0 e 2 e entre 3 e 5 salários mínimos, tem-se uma inversão das proporções sobre os níveis da variável “Reincidência Específica”, sendo um forte indício de que existe uma relação entre essas variáveis. Para comprovar a ideia visual que se tem analisando a Tabela e o Gráfico 26, utilizando-se o teste Exato de Fisher, tem-se um pvalor de aproximadamente zero, o que significa que se rejeita a hipótese de igualdades entre as proporções cruzadas das variáveis, ou seja, existe uma relação clara entre a “Reincidência” e a “Renda Familiar” dos réus envolvidos em crimes de tráfico em 2014.

5.1.2.1.4 Amostragem e erro amostral

O estudo em si é constituído de duas unidades amostrais bem distintas: os réus e os processos. A cada uma delas, têm-se variáveis do fenômeno estudadas de um ponto de vista diferente. O cálculo da amostra em estudo baseou-se no uso da unidade amostral processos. O estudo se concentra nos processos, referentes ao crime de tráfico de drogas, que circularam no fórum no ano de 2014 (população). O total de processos é de $N = 1242$, tamanho amostral para o qual foi elaborado um plano de amostragem que se constitui dos seguintes termos:

Estimativa de P = 0,97

Margem de erro = 2%

Coefficiente de confiança = 97%

A natureza aleatória da dinâmica dos processos garante um certo grau de aleatorização probabilística na chegada dos mesmos no período de estudo, dando assim a ideia de uma amostragem aleatória simples mesmo que não se tenha feito sorteio aleatório.

Fixados os níveis de confiança, margens de erro foram associadas às conclusões do fenômeno e estimativa da proporção de interesse da variável tipo de droga (97% dos réus envolvidos traficam cocaína).

Todas as análises feitas neste relatório seguem a ideia da inferência clássica, em que a proporção amostral converge para a proporção populacional, garantindo assim, sob um erro de 2% e 95% de confiança, um caráter conclusivo para a população de crimes de tráfico no ano de 2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos na análise dos dados coletados na pesquisa de campo são bastantes significativos, uma vez que se constata, ao conjugar tais informações com a literatura específica, que as causas fundamentais da criminalidade tratada neste trabalho são estruturais, sobretudo, intrinsecamente ligadas às condições de vida de cada indivíduo.

Na literatura brasileira, há um consenso de que a distribuição de renda atinge diretamente o fenômeno da criminalidade, o que, inclusive, pode ser observado na pesquisa ora analisada.

A desigualdade social por si só não desencadeia a criminalidade, no entanto, é uma causa potencialmente relevante para sua gradação. O tráfico de drogas entra nesse cenário como um grande coadjuvante.

Para Soares (2006), há fortes indícios de que o tráfico de drogas, de certo modo, é estimulado pela crise social e pela fragilidade da autoestima principalmente de pessoas de baixa renda, adentrando-se nas periferias como estilo cultural e meio econômico de vida devido ao seu mercado promissor.

Fajnzylber (1998) investiga a variabilidade das taxas de homicídios e das taxas de roubo relacionando-as com as atividades ilícitas lucrativas, como é o caso do comércio ilegal de drogas. Os resultados de sua pesquisa demonstraram que as atividades ilícitas lucrativas influenciaram significativamente o incremento da criminalidade e, no mesmo sentido, estão os trabalhos de Grogger e Willis (2000), ao analisarem dados de 27 regiões metropolitanas dos Estados Unidos da América.

Santos e Kassouf (2007) desenvolveram uma pesquisa no Brasil com o objetivo de investigar empiricamente a influência específica do mercado de drogas ilícitas sobre a criminalidade dos Estados. O resultado apresentou que tal mercado, de fato, é responsável pela alta criminalidade. Constataram ainda que a desigualdade de renda e a urbanização operam efeitos significativos no incremento da criminalidade.

Luksetich e White (1982), ao estudarem a teoria econômica do comportamento criminoso, apontam três fatores relacionados à prática do comércio ilegal de drogas: (a) a punição possui efeito intimidador; (b) a prática delituosa é considerada rentável; e, por fim, (c) as condições econômicas são determinantes.

O grau de escolaridade também é muito preocupante, uma vez que a pesquisa demonstra um baixíssimo nível educacional entre os presos por tráfico de drogas no varejo, além de apontar um elevado percentual de reincidência na prática delitiva.

Outro dado revelador é apontado pela análise do período do dia em que os “delinquentes” foram presos. O maior índice foi registrado à tarde, em que 122 prisões foram realizadas em flagrante delito.

O perfil de quem é preso por tráfico de drogas no varejo é preponderantemente pessoa de baixa renda, jovem, com um baixo nível de escolaridade, usuário de drogas e que provavelmente irá reincidir.

Nesse sentido, Zaluar (2004) desenvolveu um artigo intitulado “Integração Perversa: pobreza e tráfico de drogas”, em que descreve a realidade social correlacionando a variável socioeconômica da renda com a prática delitiva do tráfico no varejo.

Nesse contexto, Young (2002) escreve “A sociedade excludente: exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente”, projetando essa realidade a uma visão macroscópica a todo o fenômeno da criminalidade, o que, na verdade, Wacquant (2007) textualmente chama de punir os pobres.

Assim, a análise dos dados amostrais apresentou resultados significativos a ponto de se constatar a aplicabilidade da dogmática da Criminologia Crítica, em âmbito local, e trazer a preocupação para criação de políticas públicas voltadas à desconstrução desse conceito.

REFERÊNCIAS

- BARATTA, Alessandro. **Criminologia crítica e crítica do direito penal**: introdução à sociologia do direito penal. Tradução Juarez Cirino dos Santos. Rio de Janeiro: Renavan, 2002.
- BATISTA, Vera Malaguti. **Difíceis ganhos fáceis**: drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Renavan, 2003.
- CIRINO DOS SANTOS, Juarez. **A criminologia e a reforma da legislação penal**. Revista da Ordem dos Advogados do Brasil (Brasília), v. 1, p. 809-815, 2006.
- COELHO, Edmundo Campos. **Da Falange Vermelha a Escadinha**: o poder nas prisões. A oficina do diabo e outros estudos sobre criminalidade. P. 337-50, 1988.
- DEL OLMO, Rosa. **A face oculta da droga**. Rio de Janeiro: Renavan, 1990.
- ESCOHOTADO, Antônio. **História elemental de las drogas**. Madrid: Anagrama, 1996.
- FAJNZYLBER, Pablo; LEDERMAN, Daniel; LOAYZA, Norman. **Determinants of crime rates in Latin America and the world**: viewpoints. Washington: The World Bank, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GRILLO, Carolina Christoph. **O morro e a pista**: um estudo comparado de dinâmicas do comércio ilegal de drogas. Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, v. 1, p. 127-148, 2008.
- GROGGER, Jeff; WILLIS, Michel. **The emergence of crack cocaine and the rise in urban crime rates**. The Review of Economics and Statistics, 2000, 82(4):519–529.
- LOPES, Luciano Santos. **A criminologia crítica: uma tentativa de intervenção (re)legitimadora no sistema penal**. De Jure, Belo Horizonte, v. 05, p. 145-176, 2002.
- LUKSETICH, William A.; WHITE, Michael D. **Crime and public policy**: an economic approach. Boston: Little, Brown and Company, 1982.
- MELOSSI, Dario; PAVARINI, Massimo. **Cárcere e fábrica**: as origens do sistema penitenciário (século XVI – XIX). Rio de Janeiro: Renavan, 2010.
- MISSE, Michel. **O movimento**: a constituição e a reprodução das redes do mercado informal ilegal de drogas a varejo no Rio de Janeiro e seus efeitos de violência. BATISTA, Marcos; CRUZ, Marcelo Santos; MATIAS, Regina. Drogas e pós-modernidade: faces de um tema proscrito. Rio de Janeiro: IERJ/FAPERJ, v. 2, p. 147-156, 2003.

PRADO, Luiz Régis. **Curso de direito penal brasileiro: parte geral**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2008.

SANTOS, Marcelo Justus dos; KASSOUF, Ana Lúcia. **Uma investigação econômica dos efeitos do mercado de drogas ilícitas sobre a criminalidade brasileira**. Economia (Brasília), v. 8, p. 187-210, 2007.

SOARES, Luiz Eduardo. **Segurança pública: presente e futuro**. Estudos Avançados, v. 20, p. 91-106, 2006.

WACQUANT, Loic. **Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos (a onda punitiva)**. Rio de Janeiro: Renavan, 2007.

YOUNG, Jock. **A sociedade excludente: exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente**. Rio de Janeiro: Renavan, 2002.

ZALUAR, Alba. **Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. Disponível em Google acadêmico. Acesso em: 30 abr. 2012.

ANEXO A – DADOS REFERENTES AOS PROCESSOS

Processo	Qtde Réus	Período dia	Cocaína	Maconha	Droga
02191983420128040001	2	Tarde	13	0,04	Cocaína e Maconha
02405533720118040001	3	Tarde	270	1750	Cocaína e Maconha
02034032220118040001	1	Madrugada	3,26	69,36	Cocaína e Maconha
02021332620128040001	2	Noite	48	0	Cocaína
02582584820118040001	1	Noite	53,03	0	Cocaína
02449853620108040001	2	Tarde	38,76	8,9	Cocaína e Maconha
02558092020118040001	2	Tarde	55,13	0	Cocaína
02033054220088040001	1	Manhã	63,39	0	Cocaína
02592848120118040001	2	Manhã	2,542,85	0	Cocaína
02643841720118040001	2	Tarde	5, 04	0	Cocaína
02267387020118040001	1	Tarde	65,23	33,44	Cocaína e Maconha
02011035320128040001	1	Madrugada	2,49	0	Cocaína
02404531920108040001	1	Tarde	0,6	0	Cocaína
02609078320118040001	3	Madrugada	5,740	12,380k	Cocaína e Maconha
02677177420118040001	1	Tarde	155,23	0	Cocaína
02103300920088040001	2	Tarde	3,73	0	Cocaína
02653888920118040001	1	Tarde	10,75	0	Cocaína
02135622420118040001	1	Madrugada	12,05	0	Cocaína
02690428420118040001	2	Tarde	608,5	1335,05	Cocaína e Maconha
02395175720118040001	1	Madrugada	13,63	8,48	Cocaína e Maconha

00050813220068040001	2	Tarde	18,8	0	Cocaína
02682000720118040001	1	Tarde	40,16	11,88	Cocaína
02272436120118040001	1	Manhã	0	13,42	Maconha
02523111320118040001	1	Madrugada	60,39	54,84	Cocaína e Maconha
03069635320068040001	2	Tarde	461,9	0	Cocaína
03646452920078040001	3	Tarde	23,65	0	Cocaína
02601468620108040001	1	Manhã	4,87	0	Cocaína
02558075020118040001	2	Madrugada	29,83	0	Cocaína
02121757120118040001	1	Noite	1,95	5,65	Cocaína e Maconha
02667450720118040001	1	Tarde	21,6	0	Cocaína
02445399620118040001	1	Madrugada	0	17,65	Maconha
02122285220118040001	1	Madrugada	2,63	0	Cocaína
02651749820118040001	1	Noite	13,17	0	Cocaína
02654390320118040001	4	Manhã	90,46	0	Cocaína
02395788320098040001	2	Noite	162,1	0	Cocaína
02428761520118040001	1	Noite	7,36	0	Cocaína
02643841720118040001	2	Tarde	5,04	0	Cocaína
02472377520118040001	1	Manhã	13,9	0	Cocaína
02532664420118040001	1	Manhã	8,46	0	Cocaína
02688237120118040001	1	Noite	0	124,1	Maconha
02582861620118040001	1	Madrugada	9,5	0	Cocaína
02687604620118040001	1	Tarde	44	50,74	Cocaína e Maconha

02210251720118040001	1	Tarde	40,23	3,56	Cocaína e Maconha
02210251720118040001	1	Tarde	40,23	3,56	Cocaína e Maconha
02317535420108040001	1	Madrugada	16,54	0	Cocaína
02135752320118040001	1	Tarde	20,92	1,16	Cocaína e Maconha
02503691420098040001	1	Madrugada	56,14	0	Cocaína
02514237820108040001	1	Noite	40,61	0	Cocaína
02021177220128040001	1	Tarde	44,9	0	Cocaína
02539709120108040001	2	Noite	76,83	4,48	Cocaína e Maconha
02471762020118040001	1	Tarde	46,46	0	Cocaína
02187895820128040001	2	Manhã	8,52	0	Cocaína
02537587020108040001	1	Manhã	0	45,05	Maconha
02237330620128040001	1	Manhã	41,54	0	Cocaína
02043398120108040001	1	Tarde	89,23	0	Cocaína
02372597420118040001	1	Noite	105,83	0	Cocaína
02008229720128040001	2	Manhã	793,24	643	Cocaína e Maconha
02202994320118040001	1	Noite	7,5	0,38	Cocaína e Maconha
02162965020088040001	1	Madrugada	22,77	0	Cocaína
02667450720118040001	1	Tarde	20	0	Cocaína
02395788320098040001	2	Madrugada	162,1	0	Cocaína
02599822420108040001	1	Tarde	27,88	0	Cocaína
02228488920128040001	1	Manhã	58,86	0	Cocaína
02200482520118040001	1	Tarde	18,3	0	Cocaína

02118067720118040001	1	Madrugada	3,72	6,84	Cocaína e Maconha
02209290720088040001	2	Tarde	0	12,56	Maconha
02298126920108040001	2	Tarde	1049,1	0	Cocaína
02134984820108040001	1	Madrugada	30,9	0	Cocaína
02457203520118040001	1	Tarde	29,18	0	Cocaína
02257363120128040001	1	Noite	4,46	17,2	Cocaína e Maconha
02558092020118040001	2	Tarde	55,13	0	Cocaína
02306885320128040001	4	Manhã	222,76	12,16	Cocaína e Maconha
02355852720128040001	1	Madrugada	5,9	0	Cocaína
02514237820108040001	1	Noite	40,61	0	Cocaína
02062020920098040001	2	Manhã	4,5	0	Cocaína
02325679520128040001	3	Noite	985,99	0	Cocaína
02090154320088040001	1	Tarde	21,93	1,25	Cocaína e Maconha
02346768220128040001	2	Madrugada	94,37	0	Cocaína
03643413020078040001	2	Tarde	104,6	0	Cocaína
02283683020128040001	2	Tarde	289,71	0	Cocaína
02379756720128040001	1	Tarde	0	98,36	Maconha
02328900320128040001	2	Tarde	206,47	0	Cocaína
02108786320108040001	1	Tarde	20,24	0	Cocaína
02354103320128040001	1	Manhã	196,55	0	Cocaína
02025788320088040001	1	Noite	43,5	0	Cocaína
02355921920128040001	1	Tarde	99,28	46,49	Cocaína e Maconha

02357991820128040001	1	Manhã	29,87	0	Cocaína
02642805920108040001	1	Madrugada	17,4	0	Cocaína
02272436120118040001	1	Manhã	2,92	0	Cocaína
02320222520128040001	1	Tarde	47,02	0	Cocaína
02255804320128040001	1	Tarde	335,03	3,22	Cocaína e Maconha
02286636720128040001	2	Tarde	657,04	342,25	Cocaína e Maconha
02373405720108040001	1	Tarde	1,66	30,35	Cocaína e Maconha
02471762020118040001	1	Tarde	46,46	0	Cocaína
02537587020108040001	1	Manhã	0	45,05	Maconha
02279786020128040001	1	Tarde	16,95	0	Cocaína
02353685220108040001	1	Noite	12,99	0	Cocaína
02395845620108040001	1	Tarde	2,4	0	Cocaína
02617192820118040001	1	Madrugada	4,5	0	Cocaína
02510383320108040001	1	Tarde	0	31,85	Maconha
02667450720118040001	1	Tarde	20,6	0	Cocaína
02266820320128040001	2	Manhã	17,96	0	Cocaína
02102954920088040001	1	Tarde	0	18,05	Maconha
02191983420128040001	2	Tarde	13	0,04	Cocaína e Maconha
02330286720128040001	2	Manhã	63,24	0	Cocaína
02008385120128040001	1	Manhã	944,61	0	Cocaína
02368462720128040001	1	Madrugada	86,52	0	Cocaína
02328761920128040001	1	Tarde	0	148,45	Maconha

02018621720128040001	1	Tarde	2,3	0	Cocaína
02314281120128040001	1	Manhã	45,85	0	Cocaína
02190346920128040001	1	Manhã	120,45	245,37	Cocaína e Maconha
02156604520128040001	1	Noite	1,1	0	Cocaína
02092422820118040001	1	Tarde	6,22	1,33	Cocaína e Maconha
02283683020128040001	2	Tarde	289,71	0	Cocaína
02604289020118040001	1	Noite	3,49	0	Cocaína
02545554620108040001	2	Noite	86,66	0	Cocaína
02119565820118040001	2	Noite	8,46	0	Cocaína
02289408320128040001	1	Manhã	165	6,4	Cocaína e Maconha
02336452720128040001	1	Tarde	80,36	0	Cocaína
02264161620128040001	1	Noite	0	11,7	Maconha
02435231020118040001	1	Tarde	0	7,38	Maconha
02338840220108040001	1	Noite	8,24	0	Cocaína
02246485520128040001	2	Tarde	9,84	0	Cocaína
02347053520128040001	1	Noite	2,12	0	Cocaína
02660306220118040001	2	Tarde	125,47	0	Cocaína
02302806220128040001	2	Noite	34,9	0	Cocaína
02305208520118040001	1	Noite	18,4	0,5	Cocaína e Maconha
02345832220128040001	2	Tarde	12	0	Cocaína
02251664520128040001	1	Madrugada	11,72	0	Cocaína
02362195720118040001	1	Noite	13,66	0	Cocaína

02274684720128040001	1	Tarde	211,73	0	Cocaína
02592951320118040001	1	Madrugada	10,65	0	Cocaína
02388281320118040001	1	Madrugada	19,59	0	Cocaína
02122654520128040001	1	Tarde	70,25	16,26	Cocaína e Maconha
02124562720118040001	1	Noite	22,75	30,4	Cocaína e Maconha
02356072220118040001	1	Madrugada	73,4	0	Cocaína
02242345720128040001	3	Tarde	46,59	0	Cocaína
02293550320118040001	1	Noite	11,19	0	Cocaína
02133579720088040001	1	Tarde	17,55	0	Cocaína
02240232120128040001	1	Manhã	74	0	Cocaína
02517112620108040001	2	Tarde	0	56	Maconha
02681949720118040001	1	Madrugada	36	0	Cocaína
02255804320128040001	1	Tarde	374,84	0	Cocaína
02369153020108040001	2	Tarde	23,99	0	Cocaína
02369153020108040001	2	Tarde	23,99	0	Cocaína
02681221320118040001	1	Tarde	95	0	Cocaína
02302684820128040001	1	Tarde	10,45	0	Cocaína
02250650820128040001	2	Madrugada	225,9	0	Cocaína
02335604120128040001	1	Noite	86,4	0	Cocaína
02376356020118040001	2	Tarde	14,49	0	Cocaína
02312696820128040001	1	Tarde	90,36	5,77	Cocaína e Maconha
02319235520128040001	2	Tarde	500,09	0	Cocaína

02297003220128040001	1	Madrugada	2,55	0	Cocaína
02415274020128040001	1	Manhã	14,44	0	Cocaína
02240232120128040001	1	Manhã	287,62	32,88	Cocaína e Maconha
02131794620118040001	1	Noite	0,98	20,71	Cocaína e Maconha
02342411120128040001	1	Tarde	290,16	2,93	Cocaína e Maconha
02440814520128040001	1	Madrugada	47,6	0	Cocaína
02304884620128040001	1	Tarde	250,27	0	Cocaína
02339484120128040001	1	Noite	7,2	17,5	Cocaína e Maconha
02336452720128040001	1	Tarde	80,36	0	Cocaína
02204654120128040001	1	Manhã	13	176,5	Cocaína e Maconha
02384303220128040001	1	Noite	112,38	0	Cocaína
02296353720128040001	1	Madrugada	0,84	0	Cocaína
02021267320088040001	1	Noite	18,93	0	Cocaína
02369153020108040001	2	Tarde	23,99	0	Cocaína
02399892420128040001	1	Noite	21,13	0	Cocaína
02586508520118040001	1	Noite	123	0	Cocaína
02681906020118040001	1	Manhã	97,87	0	Cocaína
02183891520108040001	2	Tarde	1,49	0	Cocaína
03622142220078040001	4	Noite	9,23	0	Cocaína
02388876420128040001	1	Tarde	7,13	0	Cocaína
02388876420128040001	1	Tarde	7,13	0	Cocaína
02013800620118040001	1	Madrugada	23,53	0	Cocaína

02651601720118040001	1	Noite	90,99	0	Cocaína
02651601720118040001	1	Noite	90,99	0	Cocaína
02517557920098040001	1	Madrugada	11,5	0	Cocaína
02347062020128040001	1	Noite	16,6	0	Cocaína
02366245920128040001	3	Manhã	232,52	24,44	Cocaína e Maconha
02554492220108040001	2	Noite	11,02	0	Cocaína
02364461320128040001	2	Manhã	177,4	1,7824	Cocaína e Maconha
02378431020128040001	1	Noite	88,9	5,05	Cocaína e Maconha
02285406920128040001	1	Tarde	44,35	1,67	Cocaína e Maconha
02554492220108040001	2	Noite	11,02	0	Cocaína
02364461320128040001	2	Manhã	372,67	1078,21	Cocaína e Maconha
02328918520128040001	1	Noite	43,23	15,44	Cocaína e Maconha
02035695420118040001	1	Noite	20,12	0	Cocaína
02163199320088040001	1	Manhã	158,1	0	Cocaína
02122747520108040001	1	Tarde	11,62	0	Cocaína
02345676820128040001	1	Tarde	69,44	26,19	Cocaína e Maconha
02155447820088040001	1	Tarde	155,7	0	Cocaína
02127395020118040001	1	Tarde	0,59	0	Cocaína
02347650820128040001	1	Noite	68,75	30,8	Cocaína e Maconha
02029425520088040001	1	Tarde	487,6	0	Cocaína
02277802320128040001	1	Noite	22,56	0	Cocaína
02466009520098040001	1	Tarde	24,61	0	Cocaína

02374611720128040001	1	Noite	0	71,4	Maconha
02280343520088040001	1	Noite	26,44	0	Cocaína
02183891520108040001	2	Tarde	97,87	0	Cocaína
02187644520128040001	1	Manhã	1,49	0	Cocaína
02298934720128040001	1	Tarde	14,65	0	Cocaína

ANEXO B – DADOS REFERENTES AOS RÉUS

Processo	Estabelecimento de custódia	Reincidência específica	Reincidência genérica	Gênero	Idade-Coleta	Idade-Fato	Escolaridade	Estado civil	Filhos	Renda familiar (salários mínimos)	Qtde de pessoas na Residência	Zona	Zona	Usuário de drogas	Sustento do lar
02191983420128040001	CDPM	Não	Não	M	28	28	FI	Solteiro	0	1	1	Sul	Sul	Sim	Sim
02191983420128040001	CDPM	Não	Não	M	33	33	FI	Solteiro	2	1	3	Sul	Leste	Sim	Sim
02405533720118040001	Vidal	Não	Sim	M	24	23	FI	Casado	1	1	+6	Centro-Oeste	Leste	Não	Não
02405533720118040001	Vidal	Não	Não	M	23	22	MC	Solteiro	0	3	2	Centro-Oeste	Centro-Oeste	Não	Sim
02405533720118040001	Vidal	Não	Não	M	23	22	SI	Solteiro	0	10	4	Centro-Oeste	Leste	Não	Não
02034032220118040001	Vidal	Não	Não	F	35	33	FI	Solteiro	4	1	4	Leste	Norte	Sim	Sim
02021332620128040001	Vidal	Não	Não	F	24	24	MC	Convivente	2	2	4	Norte	Norte	Não	Sim
02021332620128040001	Vidal	Não	Não	M	27	27	MC	Convivente	2	2	4	Norte	Norte	Não	Sim
02582584820118040001	IPAT	Não	Não	M	21	21	FI	Solteiro	6	1	7	Leste	Leste	Sim	Sim
02449853620108040001	Vidal	Sim	Não	M	22	20	MI	Convivente	1	1	5	Norte	Norte	Não	Não
02449853620108040001	Vidal	Sim	Não	M	29	27	FI	Casado	6	1	5	Norte	Norte	Não	Não
02558092020118040001	IPAT	Não	Sim	M	20	19	FI	Solteiro	1	1	4	Sul	Sul	Sim	Não
02558092020118040001	IPAT	Não	Não	M	26	25	FI	Convivente	1	1	4	Sul	Sul	Não	Não

02033054220088040001	-	Não	Não	M	32	27	MC	Convivente	0	1	4	Leste	Leste	Sim	Sim
02592848120118040001	CDPM	Não	Não	M	60	60	MC	Casado	3	2	5	Centro-Oeste	Centro-Oeste	Não	Sim
02592848120118040001	COMPAJ	Não	Não	F	53	53	MC	Casado	3	2	5	Centro-Oeste	Centro-Oeste	Não	Sim
02643841720118040001	Vidal	Não	Não	M	21	20	FC	Convivente	1	1	8	Sul	Sul	Sim	Não
02643841720118040001	Vidal	Não	Não	M	21	20	FC	Convivente	1	0	5	Sul	Sul	Sim	Não
02267387020118040001	Vidal	Não	Não	M	25	24	MC	Solteiro	0	2	2	Sul	Sul	Não	Não
02011035320128040001	Vidal	Não	Não	M	31	31	FI	Casado	1	1	3	Oeste	Sul	Não	Não
02404531920108040001	UPP	Sim	Não	F	47	45	FI	Casada	2	1	4	Leste	Sul	Não	Sim
02609078320118040001	UPP	Não	Sim	M	25	24	MI	Solteiro	0	1	4	Sul	RO	Não	Sim
02609078320118040001	UPP	Não	Não	M	30	29	SI	Solteiro	1	1	4	Sul	RO	Não	Sim
02609078320118040001	UPP	Não	Não	M	27	26	MC	Solteiro	1	2	7	Sul	RO	Não	Sim
02677177420118040001	Vidal	Não	Não	F	38	37	FI	Convivente	2	1	2	Centro-Sul	Centro-Sul	Não	Sim
02103300920088040001	Vidal	Não	Não	F	45	45	FC	Convivente	4	1	7	Sul	Sul	Não	Sim
02103300920088040001	Vidal	Não	Não	M	19	19	FC	Convivente	1	2	6	Sul	Sul	Não	Não
02653888920118040001	Vidal	Não	Não	M	18	18	MI	Solteiro	0	1	4	Sul	Sul	Não	Não
02135622420118040001	Vidal	Não	Não	M	19	18	FI	Solteiro	0	10	5	Norte	Norte	Sim	Não
02690428420118040001	Vidal	Não	Não	M	21	20	MC	Solteiro	0	2	6	Norte	Norte	Não	Não
02690428420118040001	Vidal	Não	Não	M	29	27	MI	Convivente	0	1	2	Norte	Norte	Sim	Não
02395175720118040001	Compaj	Não	Não	M	25	24	FI	Solteiro	0	1	4	Norte	Norte	Sim	Não
00050813220068040001	Vidal	Não	Não	F	35	29	FI	Convivente	7	1	9	Sul	Sul	Não	Sim
00050813220068040001	Vidal	Não	Não	F	29	22	MI	Solteiro	4	1	4	Sul	Sul	Não	Não
02682000720118040001	UPP	Sim	Sim	M	28	24	FC	Convivente	1	1	2	Leste	Leste	Sim	Sim

02272436120118040001	IPAT	Sim	Sim	M	32	31	FI	Solteiro	1	4	6	BR 174	Centro-Oeste	Não	Não
02523111320118040001	CDP	Não	Não	M	19	18	FI	Solteiro	0	1	5	Norte	Leste	Sim	Sim
03069635320068040001	Vidal	Não	Não	M	31	29	FI	Convivente	2	1	4	Norte	Norte	Não	Sim
03069635320068040001	Vidal	Não	Não	F	32	30	FI	Convivente	2	1	4	Norte	Norte	Não	Não
03646452920078040001	Vidal	Não	Não	M	25	21	FI	Solteiro	0	1	1	Norte	Norte	Não	Sim
03646452920078040001	Vidal	Sim	Sim	M	30	26	FI	Convivente	1	1	3	Norte	Norte	Sim	Sim
03646452920078040001	Vidal	Sim	Sim	M	33	29	MC	Convivente	3	2	+10	Norte	Norte	Não	Sim
02601468620108040001	Vidal	Não	Não	F	32	30	MC	Convivente	5	1	8	Sul	Sul	Sim	Sim
02558075020118040001	CDP	Não	Não	M	19	18	FI	Solteiro	0	1	8	Sul	Centro-Sul	Sim	Não
02558075020118040001	CDP	Não	Não	M	36	35	FI	Solteiro	0	1	6	Sul	Sul	Sim	Não
02121757120118040001	Vidal	Não	Não	M	32	32	FI	Convivente	3	1	3	Norte	Norte	Não	Sim
02667450720118040001	Vidal	Não	Sim	M	35	35	FI	Convivente	5	3	4	Norte	Norte	Sim	Sim
02445399620118040001	Vidal	Sim	Não	M	18	18	MI	Solteiro	0	2	5	Sul	Sul	Sim	Não
02122285220118040001	Vidal	Não	Não	M	20	18	MI	Convivente	0	1	5	Leste	Leste	Não	Não
02651749820118040001	Vidal	Não	Sim	M	24	23	MI	Solteiro	1	2	+8	Leste	Leste	Sim	Não
02654390320118040001	Vidal	Não	Não	M	28	28	MI	Solteiro	0	1	4	Norte	AM	Sim	Sim
02654390320118040001	Vidal	Não	Não	M	19	19	MI	Solteiro	0	1	6	Norte	Norte	Sim	Não
02654390320118040001	Vidal	Não	Não	M	19	18	FI	Solteiro	0	2	+6	Norte	Norte	Sim	Não
02654390320118040001	Vidal	Não	Não	M	19	18	FI	Solteiro	0	2	+6	Norte	Norte	Sim	Não
02395788320098040001	Vidal	Sim	Não	M	38	35	FI	Convivente	4	1	5	Norte	Norte	Sim	Sim
02395788320098040001	Vidal	Sim	Não	M	42	39	FI	Casado	3	1	3	Norte	Norte	Não	Sim
02428761520118040001	Vidal	Não	Não	M	29	29	FI	Solteiro	1	1	+6	Norte	Norte	Não	Sim

02643841720118040001	Vidal	Não	Não	M	21	20	FC	Convivente	1	1	+6	Sul	Sul	Sim	Não
02643841720118040001	Vidal	Não	Sim	M	21	20	FC	Convivente	0	1	+6	Sul	Sul	Sim	Não
02472377520118040001	Vidal	Não	Sim	M	46	44	FI	Casado	12	3	+6	Oeste	Oeste	Sim	Sim
02532664420118040001	Vidal	Não	Não	M	28	27	FI	Convivente	0	3	3	Sul	Sul	Sim	Não
02688237120118040001	IPAT	Não	Sim	M	22	21	FI	Solteiro	0	1	5	Centro-Oeste	Centro-Oeste	Sim	Não
02582861620118040001	Vidal	Não	Sim	M	31	30	MI	Convivente	3	1	3	Leste	Leste	Não	Sim
02687604620118040001	IPAT	Sim	Sim	M	24	24	FI	Convivente	2	2	6	Oeste	Oeste	Sim	Sim
02210251720118040001	IPAT	Sim	Não	M	22	21	FI	Convivente	2	1	4	Leste	Leste	Não	Não
02210251720118040001	IPAT	Não	Sim	M	26	25	FI	Solteiro	1	1	4	Leste	Leste	Não	Não
02317535420108040001	Vidal	Não	Não	M	24	22	FC	Solteiro	0	3	4	Norte	Norte	Sim	Sim
02135752320118040001	Vidal	Sim	Não	M	21	20	FI	Solteiro	0	1	5	Sul	Leste	Sim	Sim
02503691420098040001	Vidal	Não	Não	F	25	22	MC	Solteiro	1	1	9	Sul	Norte	Não	Sim
02514237820108040001	Vidal	Não	Não	M	40	38	FI	Solteiro	2	2	2	Norte	Norte	Não	Sim
02021177220128040001	Vidal	Não	Não	M	39	39	FI	Solteiro	1	1	8	Sul	Sul	Sim	Sim
02539709120108040001	Vidal	Não	Não	M	33	30	FI	Solteiro	0	1	3	Leste	Leste	Não	Sim
02539709120108040001	Vidal	Não	Não	M	23	20	FI	Solteiro	0	1	5	Leste	Leste	Sim	Não
02471762020118040001	Vidal	Não	Não	M	24	23	FI	Solteiro	2	1	5	Norte	Norte	Sim	Sim
02187895820128040001	Vidal	Não	Não	M	30	30	ANALF	Convivente	1	1	6	Norte	Norte	Não	Sim
02187895820128040001	Vidal	Não	Não	F	22	21	FI	Convivente	3	1	6	Norte	Norte	Não	Não
02537587020108040001	Vidal	Não	Não	M	50	49	FI	Solteiro	0	1	4	Sul	Norte	Sim	Não
02237330620128040001	CDP	Não	Não	M	25	25	ANALF	Solteiro	1	1	6	Sul	Sul	Sim	Sim
02043398120108040001	Vidal	Não	Não	F	36	33	MI	Solteiro	2	1	3	Leste	Leste	Não	Sim

02372597420118040001	CDP	Não	Não	M	21	20	FI	Convivente	0	1	5	Centro-Oeste	Centro-Oeste	Sim	Não
02008229720128040001	Vidal	Sim	Sim	F	32	32	FI	Convivente	3	1	3	Oeste	Oeste	Sim	Sim
02008229720128040001	Vidal	Não	Não	M	32	31	FI	Convivente	4	1	3	Oeste	Oeste	Não	Sim
02202994320118040001	Vidal	Sim	Não	M	23	21	FI	Convivente	1	1	4	Norte	Norte	Sim	Sim
02162965020088040001	UPP	Não	Não	M	24	18	FI	Solteiro	0	1	6	Sul	Sul	Sim	Não
02667450720118040001	Vidal	Não	Sim	M	36	35	FI	Solteiro	5	1	3	Norte	Norte	Sim	Sim
02395788320098040001	Vidal	Não	Não	M	37	35	FI	Convivente	4	1	4	Norte	Norte	Sim	Sim
02395788320098040001	Vidal	Não	Não	M	42	39	FI	Solteiro	3	1	2	Norte	Norte	Não	Sim
02599822420108040001	Vidal	Não	Não	M	24	22	FI	Convivente	2	1	4	Leste	Leste	Sim	Sim
02228488920128040001	CDPM	Não	Sim	M	26	26	MI	Solteiro	0	1	3	Norte	Norte	Sim	Não
02200482520118040001	Vidal	Não	Não	M	31	30	MC	Casado	0	3	2	Centro-Sul	Norte	Sim	Sim
02118067720118040001	Vidal	Não	Não	F	27	26	FC	Solteiro	3	2	+10	Sul	Leste	Sim	Não
02209290720088040001	Vidal	Não	Não	M	43	41	SI	Casado	3	3	2	Sul	Sul	Não	Sim
02209290720088040001	Vidal	Sim	Não	M	24	22	SI	Convivente	0	1	5	Sul	Sul	Sim	Não
02298126920108040001	Vidal	Não	Não	M	37	35	MI	Solteiro	3	1	6	Centro-Sul	Oeste	Sim	Sim
02298126920108040001	Vidal	Não	Não	M	38	36	MC	Convivente	1	1	3	Centro-Sul	Norte	Não	Sim
02134984820108040001	Vidal	Não	Não	M	21	19	FI	Convivente	1	1	4	Leste	Leste	Não	Sim
02457203520118040001	Vidal	Não	Não	F	19	18	FC	Convivente	0	1	6	Leste	Leste	Não	Sim
02257363120128040001	Vidal	Sim	Não	M	22	22	FI	Convivente	0	1	4	Leste	Norte	Não	Não
02558092020118040001	Vidal	Não	Sim	M	20	19	FI	Solteiro	1	1	7	Sul	Sul	Sim	Sim
02558092020118040001	Vidal	Não	Não	M	26	25	MI	Convivente	1	1	7	Sul	Sul	Não	Sim
02306885320128040001	Vidal	Sim	Não	M	22	23	ANALF	Solteiro	2	3	3	Oeste	Oeste	Sim	Sim

02306885320128040001	Vidal	Não	Não	F	20	19	FI	Solteiro	2	3	6	Oeste	Oeste	Não	Sim
02306885320128040001	Vidal	Sim	Não	F	40	39	FI	Solteiro	4	3	6	Oeste	Oeste	Não	Não
02306885320128040001	Vidal	Não	Não	M	18	18	FI	Solteiro	1	2	3	Oeste	Oeste	Sim	Sim
02355852720128040001	Vidal	Sim	Não	M	22	22	FI	Solteiro	0	3	6	Leste	Leste	Sim	Sim
02514237820108040001	Vidal	Sim	Não	M	40	38	ANALF	Solteiro	2	3	8	Norte	Norte	Não	Sim
02062020920098040001	Vidal	Sim	Não	M	47	44	MC	Solteiro	3	2	4	Sul	Sul	Sim	Sim
02062020920098040001	Vidal	Sim	Não	F	31	28	SC	Solteiro	2	1	3	Sul	Sul	Não	Sim
02325679520128040001	Vidal	Sim	Não	M	21	21	MC	Solteiro	0	2	5	Norte	Norte	Não	Sim
02325679520128040001	Vidal	Sim	Não	F	20	20	FI	Convivente	2	2	7	Norte	Norte	Não	Sim
02325679520128040001	Vidal	Sim	Não	M	32	32	FI	Convivente	5	2	7	Norte	Norte	Não	Sim
02090154320088040001	Vidal	Sim	Não	M	29	25	FI	Convivente	2	2	5	Leste	Leste	Sim	Sim
02346768220128040001	Vidal	Não	Não	M	23	23	FI	Solteiro	1	2	6	Norte	Oeste	Sim	Sim
02346768220128040001	Vidal	Não	Não	M	20	20	FI	Solteiro	1	2	6	Norte	Oeste	Não	Sim
02300744820128040001	Vidal	Sim	Não	M	22	22	FI	Solteiro	0	3	5	Sul	Sul	Sim	Não
02300744820128040001	Vidal	Não	Não	F	54	54	FI	Solteiro	3	3	5	Sul	Sul	Não	Não
02300744820128040001	Vidal	Não	Não	F	19	19	FI	Solteiro	0	1	5	Sul	Sul	Não	Não
03643413020078040001	Vidal	Sim	Não	M	30	25	FI	Convivente	2	3	8	Oeste	Oeste	Sim	Sim
03643413020078040001	Vidal	Não	Sim	M	28	23	FI	Convivente	3	1	5	Oeste	Oeste	Sim	Sim
02283683020128040001	Vidal	Sim	Sim	M	26	25	MI	Solteiro	2	7	7	Norte	Norte	Sim	Sim
02283683020128040001	Vidal	Sim	Não	F	21	20	MI	Solteiro	1	1	+10	Norte	Norte	Sim	Não
02379756720128040001	Vidal	Sim	Não	M	19	19	FI	Solteiro	0	2	6	Leste	Leste	Sim	Não
02328900320128040001	Vidal	Sim	Não	F	23	23	MC	Solteiro	2	3	6	Oeste	Oeste	Não	Sim

02328900320128040001	Vidal	Sim	Não	F	25	25	MC	Convivente	1	3	7	Oeste	Oeste	Não	Sim
02108786320108040001	Vidal	Sim	Não	M	27	25	FC	Convivente	3	3	7	Oeste	Centro-Sul	Sim	Sim
02354103320128040001	Vidal	Não	Não	M	19	19	FI	Solteiro	0	2	5	Sul	Sul	Não	Não
02025788320088040001	Vidal	Não	Não	M	28	23	FI	Solteiro	2	2	6	Centro-Sul	Centro-Sul	Sim	Sim
02355921920128040001	Vidal	Sim	Não	M	18	18	FI	Convivente	1	2	5	Leste	Leste	Não	Não
02357991820128040001	Vidal	Sim	Não	M	36	36	FC	Convivente	2	2	6	Leste	Norte	Sim	Sim
02642805920108040001	Vidal	Sim	Não	M	33	31	MC	Convivente	4	2	3	Sul	Leste	Não	Sim
02272436120118040001	IPAT	Sim	Sim	M	32	30	FI	Solteiro	1	3	7	BR 174	Centro-Oeste	Não	Não
02320222520128040001	Vidal	Sim	Não	M	20	20	FI	Solteiro	1	2	7	Leste	Leste	Sim	Não
02255804320128040001	Vidal	Não	Sim	M	21	21	MI	Convivente	0	3	2	Sul	Sul	Sim	Sim
02286636720128040001	Vidal	Sim	Não	M	18	18	FI	Solteiro	0	2	6	Sul	Sul	Sim	Não
02286636720128040001	Vidal	Sim	Sim	M	31	31	FC	Convivente	2	1	5	Sul	Sul	Sim	Sim
02373405720108040001	Vidal	Sim	Não	M	20	18	FI	Convivente	2	3	6	Norte	Norte	Sim	Não
02471762020118040001	Vidal	Sim	Não	M	24	23	FI	Convivente	2	4	5	Norte	Norte	Não	Sim
02537587020108040001	Vidal	Sim	Não	M	51	49	FI	Solteiro	2	2	5	Sul	Norte	Sim	Sim
02279786020128040001	Vidal	Sim	Não	M	20	20	FI	Solteiro	0	2	5	Sul	Sul	Sim	Não
02353685220108040001	Vidal	Sim	Não	M	29	27	FI	Solteiro	3	2	5	Oeste	Oeste	Sim	Não
02395845620108040001	Vidal	Sim	Não	M	27	25	FI	Solteiro	0	3	6	Norte	Norte	Não	Sim
02617192820118040001	Vidal	Sim	Sim	M	26	25	FC	Solteiro	0	3	7	Norte	Norte	Não	Sim
02510383320108040001	Vidal	Sim	Não	M	25	23	FI	Solteiro	1	3	7	Norte	Norte	Não	Sim
02667450720118040001	Vidal	Sim	Não	M	36	35	FI	Convivente	5	2	6	Norte	Norte	Sim	Sim
02266820320128040001	Vidal	Não	Não	F	31	31	FC	Solteiro	2	3	6	Norte	Norte	Não	Não

02266820320128040001	Vidal	Sim	Não	F	31	30	MI	Solteiro	1	2	3	Norte	Norte	Não	Não
02102954920088040001	Vidal	Sim	Não	M	26	22	FI	Convivente	2	2	6	Norte	Norte	Sim	Não
02191983420128040001	Vidal	Sim	Não	M	32	28	FI	Solteiro	0	2	5	Sul	Sul	Sim	Sim
02330286720128040001	Vidal	Sim	Não	M	24	24	FI	Convivente	1	2	6	Sul	Sul	Sim	Não
02330286720128040001	Vidal	Sim	Não	M	23	23	ANALF	Convivente	1	3	6	Sul	Sul	Sim	Não
02008385120128040001	Vidal	Sim	Sim	M	20	20	FI	Solteiro	1	2	5	Norte	Norte	Sim	Não
02368462720128040001	Vidal	Não	Não	M	22	22	MI	Solteiro	0	2	6	Leste	Leste	Não	Não
02328761920128040001	Vidal	Não	Não	M	21	21	MI	Convivente	2	5	7	Norte	Norte	Sim	Não
02018621720128040001	Vidal	Sim	Não	F	30	29	MC	Convivente	4	3	6	Oeste	Oeste	Sim	Sim
02314281120128040001	Vidal	Não	Sim	M	28	28	FI	Convivente	3	3	6	Leste	Leste	Sim	Não
02190346920128040001	CPD	Sim	Não	F	27	27	MI	Casado	3	1	4	BR 174	Oeste	Não	Não
02156604520128040001	Vidal	Sim	Não	M	39	39	MC	Convivente	3	1	5	Norte	Norte	Sim	Não
02092422820118040001	Vidal	Sim	Não	F	25	24	FI	Solteiro	0	3	7	Leste	Leste	Sim	Não
02283683020128040001	Vidal	Não	Sim	M	26	25	MI	Solteiro	2	2	6	Norte	Norte	Sim	Sim
02283683020128040001	Vidal	Sim	Não	F	19	20	MI	Solteiro	1	2	7	Norte	Norte	Sim	Sim
02604289020118040001	Vidal	Sim	Não	M	21	21	FC	Convivente	1	3	8	Sul	Oeste	Sim	Sim
02545554620108040001	Vidal	Sim	Não	M	28	26	MC	Solteiro	2	1	6	Leste	Norte	Sim	Sim
02545554620108040001	Vidal	Não	Não	M	29	27	MC	Convivente	0	2	3	Leste	Sul	Não	Sim
02119565820118040001	Vidal	Sim	Não	M	35	34	MI	Convivente	2	15	6	Leste	Norte	Não	Sim
02119565820118040001	Vidal	Não	Não	M	22	19	FI	Solteiro	0	2	6	Leste	Norte	Sim	Não
02289408320128040001	Vidal	Sim	Sim	M	25	25	FI	Convivente	2	1	4	Sul	Sul	Sim	Não
02336452720128040001	Vidal	Sim	Sim	M	34	33	FI	Convivente	8	2	9	Leste	Leste	Sim	Sim

02264161620128040001	Vidal	Sim	Não	F	22	22	ANALF	Convivente	3	1	8	Norte	Norte	Sim	Não
02435231020118040001	Vidal	Sim	Não	F	35	35	ANALF	Convivente	5	2	5	Sul	Sul	Não	Sim
02338840220108040001	Vidal	Sim	Não	F	21	21	FI	Convivente	4	2	5	Leste	Leste	Não	Não
02246485520128040001	Vidal	Sim	Sim	M	21	21	FI	Convivente	1	2	4	Sul	Centro-Oeste	Sim	Não
02246485520128040001	Vidal	Não	Sim	M	28	28	FI	Convivente	1	4	6	Sul	Sul	Sim	Sim
02347053520128040001	Vidal	Sim	Sim	M	37	37	FI	Convivente	0	2	4	Oeste	Oeste	Sim	Não
02660306220118040001	Vidal	Não	Não	M	29	29	FI	Solteiro	2	1	2	Leste	Leste	Sim	Não
02660306220118040001	Vidal	Não	Não	M	31	31	MC	Solteiro	0	1	2	Leste	Leste	Não	Não
02302806220128040001	Vidal	Não	Não	M	18	18	MI	Solteiro	0	1	2	Leste	Leste	Sim	Não
02302806220128040001	Vidal	Não	Não	M	20	21	FI	Convivente	2	1	5	Leste	Leste	Sim	Sim
02305208520118040001	Vidal	Sim	Não	M	20	19	FI	Solteiro	0	6		Leste	Leste	Sim	Sim
02345832220128040001	Vidal	Não	Sim	M	20	20	FI	Solteiro	1	1	4	Leste	Leste	Sim	Não
02345832220128040001	Vidal	Não	Sim	M	18	18	FI	Convivente	1	1	4	Leste	Leste	Sim	Não
02251664520128040001	Vidal	Não	Não	M	18	18	MI	Solteiro	0	4	5	Leste	Leste	Sim	Não
02362195720118040001	Vidal	Não	Não	M	21	20	FI	Solteiro	0	1	4	Sul	Sul	Sim	Não
02274684720128040001	IPAT	Não	Não	M	29	29	MC	Solteiro	1	1	5	Sul	Sul	Sim	Sim
02592951320118040001	Vidal	Não	Não	M	19	18	MI	Solteiro	1	1	3	Sul	Sul	Sim	Não
02388281320118040001	Vidal	Sim	Não	M	24	23	FI	Solteiro	0	1	2	Norte	Norte	Sim	Não
02122654520128040001	Vidal	Não	Não	M	25	24	MI	Convivente	0	1	2	Sul	Sul	Sim	Não
02124562720118040001	Vidal	Sim	Não	F	48	46	FI	Solteiro	6	2	8	Centro-Sul	Centro-Sul	Não	Sim
02356072220118040001	Vidal	Não	Não	M	29	27	MI	Convivente	2	1	4	Norte	Norte	Sim	Sim
02242345720128040001	UPP	Não	Não	M	23	21	FI	Solteiro	0	1	7	Leste	Leste	Sim	Não

02242345720128040001	Vidal	Não	Não	F	25	25	MI	Solteiro	1	1	10	Leste	Leste	Sim	Sim
02242345720128040001	Vidal	Não	Não	M	30	29	MI	Solteiro	0	1	10	Leste	Leste	Sim	Não
02293550320118040001	Vidal	Não	Não	M	23	22	FC	Solteiro	1	2	7	Oeste	Oeste	Não	Não
02133579720088040001	UPP	Não	Sim	M	28	24	MC	Solteiro	0	2	5	Norte	Norte	Não	Sim
02240232120128040001	IPAT	Não	Sim	M	28	28	FI	Convivente	1	1	6	Centro-Oeste	Norte	Sim	Sim
02517112620108040001	Vidal	Não	Não	M	57	55	MC	Convivente	1	4	2	Sul	Norte	Sim	Sim
02517112620108040001	Vidal	Não	Não	M	31	29	FI	Solteiro	0	4	2	Sul	Norte	Sim	Sim
02681949720118040001	Vidal	Não	Não	M	31	30	FI	Solteiro	2	1	3	Sul	Sul	Sim	Sim
02255804320128040001	Vidal	Não	Não	M	21	21	MI	Solteiro	0	1	2	Sul	Sul	Sim	Sim
02369153020108040001	Vidal	Não	Não	M	24	22	MC	Convivente	0	1	4	Leste	Leste	Não	Não
02369153020108040001	Vidal	Não	Não	M	27	25	FI	Convivente	1	1	4	Leste	Leste	Sim	Não
02681221320118040001	Vidal	Não	Não	M	23	22	MI	Solteiro	1	2	4	Norte	Sul	Sim	Não
02302684820128040001	UPP	Sim	Não	M	42	42	FI	Solteiro	0	1	6	Oeste	Oeste	Sim	Sim
02250650820128040001	Vidal	Sim	Não	F	37	37	FC	Solteiro	1	1	2	Sul	Sul	Não	Sim
02250650820128040001	Vidal	Sim	Não	F	27	26	FC	Solteiro	3	1	7	Sul	Sul	Não	Não
02335604120128040001	Vidal	Não	Não	M	21	20	FI	Casado	1	2	3	Oeste	Oeste	Não	Sim
02376356020118040001	Vidal	Não	Sim	M	36	33	FI	Convivente	2	2	9	Leste	Leste	Sim	Sim
02376356020118040001	Vidal	Não	Não	F	30	29	FI	Convivente	7	2	5	Leste	Leste	Sim	Não
02312696820128040001	Vidal	Sim	Não	M	20	20	MC	Solteiro	0	3	5	Centro-Sul	Centro-Sul	Sim	Não
02319235520128040001	Vidal	Sim	Sim	M	34	34	FI	Convivente	2	2	4	Norte	Norte	Não	Sim
02319235520128040001	Vidal	Não	Não	M	35	35	MC	Solteiro	5	2	6	Norte	Sul	Não	Sim
02297003220128040001	Vidal	Sim	Não	M	22	21	FI	Convivente	0	1	5	Norte	Norte	Sim	Não

02415274020128040001	Vidal	Sim	Sim	M	27	27	FC	Solteiro	1	1	3	Sul	Sul	Sim	Não
02240232120128040001	Vidal	Sim	Não	M	28	28	FI	Convivente	1	3	7	Sul	Centro-Oeste	Sim	Sim
02131794620118040001	Vidal	Sim	Não	F	50	48	ANALF	Convivente	3	2	5	Centro-Oeste	Centro-Oeste	Não	Sim
02342411120128040001	Vidal	Não	Sim	M	18	18	FI	Convivente	0	10	+10	Leste	Leste	Sim	Sim
02440814520128040001	Vidal	Sim	Não	M	23	23	ANALF	Solteiro	0	4	10	Sul	Sul	Sim	Sim
02304884620128040001	Vidal	Sim	Não	F	29	29	MC	Solteiro	1	1	6	Norte	Norte	Não	Sim
02339484120128040001	Vidal	Sim	Sim	M	19	19	FI	Solteiro	0	2	4	Norte	Norte	Não	Sim
02336452720128040001	Vidal	Sim	Não	M	34	34	FI	Convivente	8	2	5	Leste	Leste	Sim	Sim
02204654120128040001	Vidal	Sim	Não	M	26	25	SI	Solteiro	0	1	2	Norte	Norte	Sim	Sim
02384303220128040001	Vidal	Sim	Sim	M	24	24	FI	Solteiro	2	3	5	Leste	Leste	Não	Sim
02296353720128040001	Vidal	Sim	Não	F	21	21	FI	Solteiro	0	3	6	Norte	Norte	Sim	Sim
02021267320088040001	Vidal	Sim	Não	M	29	25	ANALF	Solteiro	0	3	6	Sul	Sul	Sim	Sim
02369153020108040001	Vidal	Sim	Não	M	27	25	FI	Convivente	1	4	6	Leste	Leste	Sim	Sim
02369153020108040001	Vidal	Sim	Não	M	24	22	MC	Convivente	0	3	5	Leste	Leste	Não	Sim
02399892420128040001	Vidal	Sim	Não	F	20	20	FI	Solteiro	0	3	7	Norte	Centro-Sul	Sim	Não
02586508520118040001	Vidal	Sim	Não	F	22	21	MI	Solteiro	3	1	+10	Sul	Sul	Não	Sim
02681906020118040001	IPAT	Sim	Sim	M	22	21	FI	Solteiro	1	3	6	BR 174	Centro-Oeste	Não	Sim
02183891520108040001	Vidal	Sim	Não	F	26	24	FI	Convivente	4	3	5	Norte	Norte	Não	Sim
02183891520108040001	Vidal	Não	Não	F	27	25	MC	Solteiro	3	1	6	Norte	Norte	Não	Sim
03622142220078040001	Vidal	Não	Não	M	30	27	MC	Solteiro	0	2	2	Norte	Norte	Não	Sim
03622142220078040001	Vidal	Não	Não	M	27	23	FI	Convivente	2	3	3	Norte	Norte	Sim	Sim
03622142220078040001	Vidal	Não	Não	F	29	26	FI	Convivente	2	1	5	Norte	Norte	Não	Não

03622142220078040001	Vidal	Sim	Não	M	25	18	FI	Solteiro	1	4	9	Norte	Norte	Não	Sim
02388876420128040001	Vidal	Sim	Não	M	31	31	FI	Solteiro	0	1	6	Leste	Leste	Sim	Não
02388876420128040001	Vidal	Sim	Não	F	31	36	FI	Convivente	9	1	6	Leste	Leste	Não	Não
02013800620118040001	Vidal	Sim	Não	M	32	31	ANALF	Convivente	2	3	8	Norte	Norte	Sim	Sim
02651601720118040001	Vidal	Sim	Não	M	19	18	FI	Convivente	0	3	6	Sul	Sul	Não	Não
02651601720118040001	Vidal	Sim	Não	M	30	29	FI	Convivente	3	1	6	Sul	Centro-Oeste	Não	Não
02517557920098040001	Vidal	Sim	Não	M	21	18	FI	Solteiro	0	3	7	Norte	Leste	Não	Sim
02347062020128040001	Vidal	Sim	Não	M	23	23	FI	Convivente	3	2	5	Norte	Norte	Sim	Sim
02366245920128040001	Vidal	Sim	Não	F	42	42	FI	Convivente	5	2	5	Sul	Sul	Sim	Sim
02366245920128040001	Vidal	Sim	Não	M	42	42	MC	Convivente	0	2	5	Sul	Sul	Sim	Sim
02366245920128040001	Vidal	Sim	Não	M	28	28	FI	Solteiro	0	1	7	Sul	Leste	Sim	Sim
02554492220108040001	Vidal	Sim	Não	M	31	27	FI	Solteiro	0	2	7	Centro-Sul	Centro-Oeste	Sim	Sim
02554492220108040001	Vidal	Sim	Não	M	28	24	ANALF	Solteiro	0	0	0	Centro-Sul	LINS	Sim	Não
02364461320128040001	Vidal	Sim	Não	M	23	23	FC	Solteiro	1	1	7	Norte	Centro-Sul	Sim	Não
02364461320128040001	Vidal	Sim	Não	M	19	19	FC	Solteiro	1	1	7	Norte	Norte	Sim	Não
02378431020128040001	Vidal	Sim	Sim	M	23	23	FI	Solteiro	2	3	6	Norte	Norte	Sim	Não
02285406920128040001	Vidal	Sim	Não	M	34	34	FI	Solteiro	2	3	7	Sul	Sul	Não	Sim
02554492220108040001	Vidal	Sim	Sim	M	28	27	ANALF	Solteiro	0	3	7	Centro-Sul	Centro-Oeste	Sim	Não
02554492220108040001	Vidal	Sim	Não	M	25	24	ANALF	Solteiro	0	3	7	Centro-Sul	LINS	Sim	Não
02364461320128040001	Vidal	Sim	Sim	M	23	23	FC	Solteiro	1	1	6	Norte	Centro-Sul	Não	Não
02364461320128040001	Vidal	Sim	Não	M	19	19	FC	Convivente	1	1	6	Norte	Centro-Sul	Sim	Não
02328918520128040001	Vidal	Sim	Não	M	23	23	FI	Solteiro	0	3	6	Norte	Norte	Sim	Sim

02035695420118040001	Vidal	Sim	Não	M	22	21	FI	Solteiro	0	2	5	Oeste	Oeste	Sim	Sim
02163199320088040001	Vidal	Sim	Não	M	25	21	FI	Convivente	1	3	5	Sul	Sul	Sim	Sim
02122747520108040001	Vidal	Sim	Não	M	41	39	FI	Convivente	3	3	8	Leste	Leste	Sim	Sim
02345676820128040001	Vidal	Sim	Não	M	21	21	FI	Solteiro	0	2	4	Oeste	Oeste	Sim	Sim
02155447820088040001	Vidal	Sim	Não	F	24	20	FI	Convivente	8	3	8	Leste	Leste	Não	Sim
02127395020118040001	Vidal	Sim	Não	F	30	29	FI	Solteiro	3	3	7	Norte	Norte	Sim	Sim
02347650820128040001	Vidal	Sim	Não	M	18	18	FI	Solteiro	0	3	6	Norte	Norte	Sim	Não
02029425520088040001	Vidal	Não	Não	M	22	18	FI	Convivente	0	3	5	Sul	Sul	Sim	Não
02277802320128040001	Vidal	Sim	Sim	M	19	19	FI	Solteiro	2	1	5	Leste	Leste	Não	Sim
02466009520098040001	Vidal	Sim	Não	M	34	31	MI	Convivente	1	2	5	Centro-Sul	Centro-Sul	Sim	Sim
02374611720128040001	Vidal	Sim	Não	M	20	20	FI	Solteiro	0	3	5	Leste	Leste	Não	Sim
02280343520088040001	Vidal	Não	Não	M	22	18	FI	Convivente	0	3	8	Norte	Norte	Sim	Sim
02183891520108040001	Vidal	Sim	Não	F	27	25	MC	Solteiro	3	3	5	Norte	Norte	Não	Sim
02183891520108040001	Vidal	Não	Não	F	26	24	MC	Convivente	4	2	6	Norte	Norte	Não	Sim
02187644520128040001	Vidal	Sim	Não	M	22	22	FI	Solteiro	1	1	5	Norte	Norte	Não	Sim
02298934720128040001	Vidal	Sim	Não	M	18	18	FI	Solteiro	0	3	7	Sul	Sul	Sim	Sim